

COMO PROCURAR UM CAÇADOR PERDIDO

DE ROSA HOWARD

ANN M.
MARTIN

PLATA
FORMA 31





Como procurar um cachorro perdido
por Rosa Howard

**COMO PROGRAMAR UM
CACHORRO PERDIDO**
POR ROSA HOWARD



**ANN M.
MARTIN**

TÍTULO ORIGINAL *Rain Reign*

© 2014 by Ann M. Martin. Todos os direitos reservados.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A. Direitos de publicação exclusivos para o território brasileiro.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Bárbara Borges

REVISÃO Vanessa Gonçalves

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

CAPA E PROJETO GRÁFICO Ana Solt

IMAGEM DE CAPA ©katflare/Shutterstock.com,

©majivecka/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martin, Ann M.

Como procurar um cachorro perdido por Rosa Howard [livro eletrônico] /

Ann M. Martin ; tradução Lavínia Fávero. – São Paulo :

V&R Editoras, 2016; 2 MB; 2 Epub.

Título original: Rain Reign

ISBN 978-85-507-0001-4

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

16-02957 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Em memória da minha querida Sadie.

★ 11 de março de 1998

† 7 de outubro de 2013

I

A primeira parte

1

Quem sou eu: uma menina chamada Rosa (Roza)

Eu me chamo Rosa Howard e meu nome tem três homônimos. Para ser mais precisa, são dois *homógrafos* (palavras que são escritas da mesma forma, mas que significam coisas diferentes) e um *homófono* (palavra que se pronuncia do mesmo jeito que outra, mas é escrita de forma diferente). Meu nome homófono é Roza.

A maioria das pessoas diz “homônimo” quando quer dizer especificamente “homófono”. Minha professora, a senhora Kushel, diz que esse é um erro comum.

– Qual é a diferença entre cometer um erro e desrespeitar uma regra? – perguntei.

– Cometer erros é acidental. Desrespeitar regras é intencional.

– Mas e se...

A senhora Kushel me interrompeu:

– Não há problema em dizer “homônimo” quando queremos nos referir a “homófono”, porque existem os homônimos homófonos e os homônimos homógrafos.

– “As” tem três homônimos – lembrei. – “Ás”, “hás” e “às”.

Eu adoro homônimos. E gosto de palavras. De regras e números também. Gosto dessas coisas nesta ordem:

1. Palavras (especialmente homônimos).
2. Regras.
3. Números (especialmente números primos).

Vou contar uma história. É uma história verdadeira. Ou seja, de não ficção.

É assim que se conta uma história: primeiro, você apresenta o personagem principal. Como estou escrevendo esta história sobre mim, eu sou o personagem principal.

Meu nome tem um homônimo homófono. Dei um nome para minha cachorra que também tem um homônimo homófono. Ela se chama Poça. Vou escrever mais sobre ela no segundo capítulo. Essa seção vai se chamar “Minha cachorra Poça (Possa)”.

Um fato importante sobre a palavra “seção” é que ela tem dois homônimos homófonos: “cessão” e “sessão”. Esse é um dos poucos grupos de três homófonos que consegui pensar. Se algum dia eu conseguir pensar em outro grupo de três homônimos homófonos, vai ser um dia tão bom que vou marcar no calendário.

Moro com meu pai, Wesley Howard. Nem o nome nem o sobrenome dele têm *homônimos* (daqui para a frente vou usar *homônimo* para me referir aos *homônimos homófonos*).

Da nossa varanda, dá pra ver: nosso quintal, a entrada da nossa garagem e a nossa rua, que se chama rua Sansão. “Sansão” tem um homônimo: “sanção”. Do outro lado da rua tem um pequeno bosque e, através das árvores, dá pra ver a rodovia. A palavra “ver” quase tem um homônimo: “vê”. Mas “viu” tem um bem interessante: “vil”.

Estou no quinto ano e estudo na Escola de Ensino Fundamental de Hatford. Só existe uma escola de Ensino Fundamental na cidade de Hatford, que fica no estado de Nova York. E só existe uma classe de quinto ano na escola, a minha. A maioria dos meus colegas tem 10 anos ou quase 11. Eu tenho quase 12 porque ninguém sabe o que fazer comigo lá na escola. Tive de repetir 2 semestres, o que dá um total de 1 ano ($\frac{1}{2} + \frac{1}{2} = 1$).

Meus colegas zombam de mim por vários motivos. Entre eles, por gostar de obedecer às regras e falar o tempo todo sobre homônimos. A senhora Leibler é minha acompanhante e senta comigo na sala da senhora Kushel. Ela senta numa cadeira grande, de adulto, ao lado da minha cadeirinha de aluna do quinto ano. Quando dou algum fora no meio da aula de Matemática, a senhora Leibler põe a mão no meu braço. E, quando bato na minha cabeça e começo a chorar, ela diz:

– Rosa, você precisa ir ao corredor um minutinho?

A senhora Leibler diz que existem outros assuntos interessantes para conversar além de homônimos, regras e números primos. Ela me incentiva a pensar em maneiras de puxar assunto com as pessoas. Estes são alguns assuntos que têm a ver comigo, mas não com homônimos, regras ou números primos:

Moro numa casa virada para nordeste. (Depois que digo isso, pergunto para a pessoa com quem estou tentando conversar: “E a *sua* casa? É virada para que direção?”.)

Na minha rua, a 1.100 metros da minha casa fica a Oficina J&R, onde meu pai às vezes trabalha como mecânico. E, 160 metros depois, tem

um bar chamado Irlandês Sortudo, aonde meu pai vai quando sai do trabalho. Não existe nada entre a minha casa e a Oficina J&R, a não ser árvores e a rua. (“Conte alguma coisa sobre o *seu* bairro.”)

Tenho um tio chamado Weldon, que é o irmão mais novo do meu pai. (“E a *sua* família, como é?”)

Meu diagnóstico oficial é autismo de alto desempenho, que algumas pessoas chamam de síndrome de Asperger. (“E *você*? Tem um diagnóstico?”)

Vou terminar esta parte da introdução contando que minha mãe não mora comigo e com o meu pai. Ela foi embora quando eu tinha 2 anos. É por isso que, na minha casa, só vivem 2 pessoas: eu e o meu pai. A cachorra que mora na nossa casa se chama Poça. O tio Weldon mora do outro lado de Hatford, a uns 6 ou 7 quilômetros de distância.

A próxima parte da minha introdução mostra o contexto da minha história. Já contei sobre minha localização geográfica: rua Sansão, cidade de Hatford, estado de Nova York. O momento histórico em que esta história começa é o mês de outubro do ano em que curso o quinto ano.

Agora vou contar um fato perturbador sobre o quinto ano. Não é tão perturbador quanto o que acontece mais adiante, quando meu pai deixa a Poça sair de casa no meio de um furacão. Mesmo assim, é perturbador. Pela primeira vez na minha vida, volto para casa com relatórios semanais de desempenho que preciso entregar para o meu pai. Os relatórios são escritos pela senhora Leibler e lidos e assinados pela senhora Kushel. Essa é a maneira que minhas professoras encontraram de dizer que têm a mesma opinião sobre meu comportamento. Os relatórios listam todos os meus comportamentos dignos de nota de segunda a sexta-feira. Alguns dos comentários são gentis, como aqueles sobre quando eu participo de maneira apropriada de uma discussão em sala de aula. Mas a maioria dos comentários faz meu pai bater os papéis na mesa e dizer:

– Rosa, pelo amor de Deus, fique de boca fechada quando você pensar num homônimo.

Ou:

– Você vê alguma outra criança batendo nas próprias orelhas e gritando quando ouve o alarme de incêndio?

No último relatório, as senhoras Lieber e Kushel pediram para o meu pai comparecer a reuniões mensais com elas. Ele tinha que ir para a Escola de Ensino Fundamental de Hatford toda terceira terça-feira do mês, às 3h45 da

tarde, para falar sobre mim. E foi isso que ele disse quando leu o comentário:

– Não tenho tempo para ir a reuniões. Isso é muita incomodação, Rosa. Por que você faz essas coisas? – falou, às 3h48 da tarde de uma sexta-feira, quando não tinha nenhum serviço para ele na Oficina J&R.

O tio Weldon ficou sabendo das reuniões mensais no dia 3 de outubro, às 8h10 da noite, quando visitou meu pai, a Poça e eu.

Meu pai estava parado na frente da porta, segurando a carta na mão e olhando para as árvores e para a escuridão.

– Essas reuniões são um saco – disse.

O tio Weldon, que estava sentado comigo na mesa de fórmica da cozinha, olhou para o meu pai de baixo para cima e falou:

– Posso ir se você quiser – o tio Weldon tem uma voz suave.

Meu pai se virou e apontou o dedo para ele:

– Não! A Rosa é minha responsabilidade. Dou conta do recado.

O tio Weldon baixou a cabeça e não respondeu. Mas, quando meu pai se virou e ficou olhando para fora de novo, meu tio levantou dois dedos cruzados, que é o sinal que ele faz quando quer dizer que tudo vai dar certo. Levantei os dedos também (dois deles) e fizemos o gesto do coração.

Depois disso, a Poça entrou na cozinha e sentou nos meus pés por um tempinho.

Aí meu tio foi embora.

Depois disso, meu pai amassou a carta da senhora Leibler e da senhora Kushel e jogou no quintal.

Para mim, esse é o fim da introdução.

2

Minha cachorra Poça (Possa)

O próximo personagem da minha história real é a Poça. Nem todo personagem precisa ser humano. Um personagem pode ser um animal, como uma cachorra chamada Poça.

A Poça pesa 11 quilos. É assim que uma cachorra deve ser pesada: você sobe na balança e se pesa. Depois, pega a cachorra no colo e se pesa com ela. Aí, subtrai seu peso do total. O resultado é o que a cachorra pesa.

(“Pesada” e “pezada” são homônimos.)

As costas da Poça têm 45 centímetros de comprimento. Da ponta do focinho até a ponta da cauda, ela tem 86 centímetros de comprimento.

O pelo da Poça é quase todo claro. Sete dos dedos dela são brancos: 2 na pata da frente direita, 1 na pata da frente esquerda, 3 na pata de trás direita e 1 na pata de trás esquerda. Ela tem manchas marrons na orelha direita. O pelo dela é curto. O tio Weldon diz que ela parece um labrador amarelo. Mas, como uma fêmea de labrador com *pedigree* pesa entre 56 e 70 quilos, acho que a Poça não tem *pedigree*.

Quando eu e a Poça estamos em casa, sentamos do lado de dentro ou na varanda, e a Poça coloca uma das (dás) patas em (hein) cima do meu colo. Eu massajeio os dedos da Poça e ela olha bem nos meus olhos (óleos) azuis com aqueles olhos que têm cor de chocolate. Depois de um tempo, a Poça começa a pegar no sono. Vai baixando aqueles olhos castanhos até fechá-los completamente. Na hora de dormir, ela entra debaixo das cobertas comigo. Quando acordo no meio da noite, a Poça está esparramada em cima de mim, com a cabeça apoiada no meu pescoço.

O hálito da Poça tem cheiro de comida de cachorro.

Faz 11 meses que a Poça mora conosco, o que dá quase um ano. Vou contar mais sobre a noite em que meu pai trouxe a Poça pra casa em outro capítulo, o quinto capítulo, que vai se chamar “Quando a Poça chegou”.

Eu e a Poça temos nossa rotina. Nós gostamos de rotina. A Poça fica sozinha em casa durante a semana enquanto eu estou na Escola de Ensino Fundamental de Hatford e meu pai está trabalhando na Oficina J&R. Quando não tem serviço nenhum para meu pai na Oficina J&R, ele costuma ir para o Irlandês Sortudo, onde bebe cerveja e assiste à TV. Seja como for, ele não

fica em casa. A Poça fica sozinha. Às 2h42 da tarde, quando a aula termina, o tio Weldon me busca e me leva para casa. Ele me deixa lá entre 2h58 e 3h01. Eu e a Poça sentamos na varanda por um tempo e eu massageio os dedos dela. Aí damos uma caminhada. Depois, faço meu dever de casa. Em seguida, começo a fazer o jantar para mim e para o meu pai. E, depois disso tudo, dou comida para a Poça.

A Poça come uma comida de lata chamada Meu Bichinho. Meia lata pela manhã e meia lata à noite, misturada com ração seca Meu Bichinho. Quando meu pai trouxe a Poça para casa, disse que ela não precisava comer comida de lata, que é mais cara do que a ração seca, mas eu falei que os cachorros-do-mato comem carne e ele respondeu:

– Você tem razão, Rosa.

Depois que a Poça janta, ficamos esperando meu pai chegar em casa. Quando ele passa o dia inteiro no Irlandês Sortudo, pode voltar de mau humor. Ou de excelente humor. Quando passa o dia trabalhando na Oficina J&R, pode voltar de bom humor ou não. Ou nem de bom nem de mau humor.

A Poça é inteligente. Nunca chega perto do meu pai logo que ele entra em casa. Fica parada na porta do meu quarto esperando comigo para ver se meu pai vai dizer: “O que tem pra jantar?”. Se ele fala isso, não precisamos nos preocupar. Posso servir a comida dele e a Poça pode sentar perto da mesa enquanto nós dois comemos. Ela pode ficar olhando para nós e pôr as patas no nosso colo e pedir comida até eu perceber que ele está com uma expressão brava e sombria. Esse é o sinal de que a Poça precisa voltar para o meu quarto.

Se o meu pai chega em casa e não fala nada e vai direto para o quarto dele, é melhor eu e a Poça nem chegarmos perto. E preciso fazer a Poça ficar bem quietinha para ela não incomodar ou deixar meu pai com dor de cabeça.

A Poça tem bom senso (censo). Sabe que tem (têm) de (dê) ficar longe dos pés e dos sapatos do meu pai.

3

As regras dos homônimos

Sou a única aluna da minha classe que se interessa por homônimos. Acho que isso significa que a maioria das crianças não se interessa por homônimos. Então, se você quiser pular este capítulo, tudo bem.

Mas, se você ler, talvez comece a se interessar por homônimos.*

Os homônimos podem ser bem surpreendentes e divertidos, e é por isso que eu comecei a fazer uma lista deles. A lista é bem longa. Até agora, ela tem quatro páginas. As palavras estão organizadas em ordem alfabética. Tento deixar um espaço entre as duplas e os trios de homônimos para conseguir acrescentar novas palavras na lista com mais facilidade. Mas, se os espaços já estiverem preenchidos e eu tiver pensado em *outro* conjunto de homônimos, tenho de passar a lista a limpo daquele ponto em diante. Às vezes, isso me faz chorar, porque preciso escrever as palavras perfeitamente, sem errar. Se eu escrever algo errado, preciso começar tudo de novo. Na semana passada, Josh Bartel, que é um menino da minha classe que mede 1,25 metro, disse para mim:

– Rosa, faça essa lista no computador. Aí você pode colocar palavras novas onde quiser. O computador vai fazer os espaços sozinho. Você não vai mais precisar ficar passando a lista a limpo.

Mas eu e meu pai não temos computador. Nem celular, nem câmera digital, nem iPod, nem aparelho de DVD. Meu pai diz que essas coisas são caras e desnecessárias. Diz que não temos dinheiro para comprá-las e que, afinal de contas, ninguém precisa delas.

Então, minha lista de homônimos continua no papel.

Neste capítulo, vou contar quais são as minhas regras para os homônimos. Mas, já que me dei conta de que a maioria das crianças não se interessa por regras, assim como não se interessa por homônimos, vou contar primeiro por que os homônimos são divertidos. Daí vou falar das regras e, se você ainda tiver interesse, pode continuar lendo.

Os homônimos são divertidos porque você pode ouvir uma palavra no meio de uma frase e, de repente, se dar conta de que ela tem um homônimo, ou quem sabe dois (ou três, mas isso é tão raro que nem penso muito em quartetos de homônimos), e que você nunca tinha pensado naquela dupla ou

naquele trio de homônimos. Por exemplo: ontem, o tio Weldon disse:

– Olha como a Poça mastiga quase sem fazer barulho.

E, simples assim, descobri uma nova dupla de homônimos para acrescentar à minha lista.

Eu e o tio Weldon estávamos sentados na mesa quando ele disse isso. Então, eu pulei da cadeira e gritei:

– Ah! “Sem” e “cem”! É uma dupla de homônimos!

O tio Weldon também ficou todo animado com os homônimos e falou:

– Que maravilha, Rosa. Vá buscar sua lista. Vamos ver se tem espaço pra mais duas palavras.

Enquanto eu estava pegando a lista na minha mochila, fiquei pensando na palavra “cem” e lembrei que cem é igual a um cento e, quando voltei correndo para perto do tio Weldon, comecei a gritar de novo:

– E também tem “cento” e “sento”! Ah, essa dupla é *muito* boa! Duas duplas novas para a minha lista! É um dia tão bom que eu deveria marcar em vermelho no calendário.

Então, para concluir, essa é a parte divertida dos homônimos.**

Agora, aqui vão as minhas regras para os homônimos. Ter regras é importante porque, sem elas, você pode ficar sufocado pensando em palavras que têm o mesmo som. Sua lista vai ficar com páginas e mais páginas. O objetivo da maioria das minhas regras é limitar os homônimos a palavras que fazem parte da minha língua.

As regras dos homônimos de Rosa Howards

1. Um verdadeiro par ou trio de homônimos não inclui substantivos próprios ou pronomes. Um substantivo próprio dá nome a uma pessoa, coisa ou a um lugar em especial, como Josh Bartel, Sucrilhos ou Hatford. Já pensei em incluir “Haia” e “aia” ou “Estevez” e “esteves” na minha lista, mas “Haia” e “Estevez” são substantivos próprios. Incluir substantivos próprios ia deixar minha lista muito longa. Por sorte, “Rosa” e “Poça” são substantivos próprios e substantivos comuns também, então pude incluí-los na minha lista.

2. Um verdadeiro par ou trio de homônimos não contém palavras estrangeiras. Poderia incluir “rena” e “*henna*” na minha lista, mas não acrescentei porque “*henna*” é uma palavra de origem árabe. Incluir palavras estrangeiras na minha lista seria muito difícil, porque não sei falar todas as línguas.

3. Um verdadeiro par ou trio de homônimos não inclui contrações. “Fi-la” e “fila” não estão na minha lista, porque “fi-la”, na verdade, é uma contração das palavras “fiz” e “a”. E, por isso, não conta como uma única palavra. (Além do mais, “a” é um pronome nesse caso.)

4. Um verdadeiro par ou trio de homônimos não usa duas palavras em vez de uma. Não acrescentei “agente” e “a gente” na minha lista porque “a gente” são duas palavras, o que com certeza não é um homônimo de “agente”.

5. Um verdadeiro par ou trio de homônimos só tem palavras que têm *exatamente* o mesmo som. Como “amém” e “amem” não têm *exatamente* o mesmo som, não estão na minha lista. Nem “débito” e “debito”.

Acho que chega de homônimos por enquanto. Você provavelmente deve estar querendo que a minha história continue logo. Então chegou a hora de eu apresentar o próximo personagem principal: Wesley Howard, meu pai.

Ah, só mais uma coisinha interessante: a palavra “par” significa “dois”, mas não tem nenhum homônimo para fazer par com ela.

* Se você não se interessa nem um pouco por homônimos, pare de ler bem aqui e vá direto para o quarto capítulo.

** Se você se cansou de ouvir falar em homônimos e não quer saber quais são as minhas regras, pare de ler aqui e vá direto para o quarto capítulo.

4

Algumas coisas sobre meu pai, cujo nome, “Wesley Howard”, não tem nenhum homônimo

Wesley Howard é meu pai e ele tem 33 anos. Nasceu no dia 16 de março, numa noite de lua crescente. Tem 1,85 metro de altura e uma cicatriz na bochecha de 3,8 centímetros de comprimento. Ganhou essa cicatriz aos 7 anos, quando apanhou do pai com o cabo de uma pá para ele aprender a não deixar mais a bicicleta fora de casa.

Duas coisas que eu e meu pai temos em comum: crescemos com nossos pais, mas não com nossas mães, e moramos no campo.

Meu pai é mecânico e trabalha na Oficina J&R.

Meu pai tem um irmão, o tio Weldon, que tem 30 anos e 1,82 metro de altura. O tio Weldon nasceu no dia 23 de junho, numa noite de lua cheia que os índios norte-americanos chamam de “lua cheia dos morangos”, porque é época de colher frutas. Meu pai nasceu às 6h39 da tarde; meu tio, às 9h36 da noite. A hora do nascimento de um é a hora do outro de trás pra frente. Além disso, todos os números são múltiplos de 3.

Meu pai tinha 21 anos quando eu nasci. E 23 quando minha mãe foi embora. Tinha 26 anos e meio quando comecei a ir para a pré-escola. E tinha 26 anos e 7 meses quando a senhorita Croon, minha professora da pré-escola, disse a ele que a Escola de Ensino Fundamental de Hatford podia não ser a escola mais adequada para mim.

– Eu não sabia que Hatford tinha outra escola de Ensino Fundamental – respondeu meu pai.

– Não foi isso que eu quis dizer.

O que a senhorita Croon quis dizer é que, como eu tinha dificuldade de falar com as outras crianças e gritava muito e tinha a capacidade de bater na minha cabeça com um sapato ou com um livro se alguém não seguisse as regras, era provável que eu precisasse cursar uma escola especial ou algum outro sistema de ensino.

Meu pai disse para a senhorita Croon se esforçar mais. Que ensinar era o trabalho dela.

– O senhor tem certeza de que não quer procurar outro lugar para a Rosa?

– perguntou a senhorita Croon.

– E onde ficam essas outras escolas? – questionou meu pai.

– Tem uma excelente na cidade de Mount Katrine.

– Mount Katrine, a 35 quilômetros daqui?

– Sim.

Meu pai sacudiu a cabeça e falou:

– A Rosa vai ficar bem. Bem aqui.

No primeiro ano, a senhora Vinsel, minha professora, marcou uma reunião com o diretor, a psicóloga da escola, a senhorita Croon e o meu pai. Não sei o que aconteceu na reunião porque eu não estava presente. Depois da reunião, meu pai foi me buscar no escritório do tio Weldon, ele me levou para casa, então me sacudiu e disse:

– Rosa, você precisa parar com esse comportamento.

Então eu disse a ele que podia escrever meu nome de dois jeitos diferentes e que ele era pronunciado da mesma maneira em qualquer um dos dois.

No segundo ano, a senhorita Croon foi minha professora de novo porque não queria mais dar aula na pré-escola.

– Acredito que seria bom para a Rosa passar parte do dia na Sala de Recursos Multifuncionais, senhor Howard – disse a senhorita Croon para meu pai na tarde do dia 13 de setembro.

O senhor Howard, que é meu pai, respondeu:

– Por mim, tudo bem, se a Sala de Recursos Multifuncionais não for para retardados.

“Se” tem um homônimo: “sê”.

No quarto ano, a senhorita Leibler virou minha acompanhante. Meu pai disse que achava que eu não precisava de uma acompanhante, mas (más), daquela vez (vês), não ia brigar com a Escola de Ensino Fundamental de Hatford.

– Só não me arruma encrenca, Rosa – ele me falou.

E tudo ficou bem, até o quinto ano, quando a senhora Leibler teve a ideia de mandar os relatórios de progresso semanais.

Agora vou voltar no tempo para contar um pouco mais sobre a infância do meu pai. Quando ele tinha 10 anos, foi para a aula com um machucado marrom de 5 centímetros de comprimento. E a professora dele se convenceu de que era uma queimadura. Ligou para o Conselho Tutelar e, naquela mesma noite, a polícia prendeu o pai do meu pai, e foi aí que o meu pai e o tio (til) Weldon foram morar com uma família provisória.

– Sempre nos mandavam ficar juntos, com a mesma família – me contou o tio Weldon. – Nunca nos separamos. Mas também nunca ficávamos com a mesma família por muito tempo.

Meu pai e o tio Weldon viveram com 7 famílias provisórias antes de meu pai completar 18 anos.

Eles moraram em 5 cidades.

Tiveram um total de 32 irmãos e irmãs adotivos.

Frequentaram 9 escolas.

O período mais longo que ficaram com a mesma família foi de 21 meses.

O mais curto foi de 78 dias.

Uma noite, no ano passado, quando meu pai e eu estávamos jantando às 18h17, perguntei:

– Você teve uma preferida?

– Uma preferida o quê?

– Uma mãe adotiva preferida.

– Tive, sim – respondeu meu pai. – Ela se chamava Hannah Pederson.

– Isso é muito interessante – falei, me lembrando das dicas que a senhora Leibler me deu para puxar conversa – porque “Hannah” é um tipo de palavra chamada “palíndromo”. Isso significa que pode ser lida do mesmo jeito da frente pra trás ou de trás pra frente. Meu nome não é um palíndromo porque, se for lido de trás pra frente, fica ASOR, não ROSA. Mas tem três homônimos.

Meu pai disse:

– Não comece com esses homônimos, Rosa.

Então perguntei:

– E você tinha uma irmã ou um irmão adotivo preferido?

– Sim – respondeu meu pai, depois de um tempo.

– Que interessante – respondi. – E o nome de algum deles tem um homônimo?

5

Quando a Poça chegou

Agora vou contar para vocês sobre como a Poça veio morar conosco. No ano passado, na sexta-feira antes do dia de Ação de Graças, que cai na quarta quinta-feira do mês de novembro, eu estava esperando meu pai voltar do Irlandês Sortudo. Sabia que ele estava no Irlandês Sortudo porque eram 7h49 da noite, o que significava que a Oficina J&R estava fechada há duas horas e 49 minutos. Aquela noite, eu tinha feito hambúrgueres e já tinha comido o meu porque não gosto de jantar depois das 6h45. Tinha picolé de sobremesa, e eu já tinha comido meu picolé, sabor Explosão de Laranja, da marca Highcrest.

Estava estudando minha lista de homônimos quando vi faróis brilhando na cozinha e ouvi um carro parando na garagem. Achei que era o carro do meu pai. Depois, ouvi uma porta bater com força e achei que o meu pai tinha trazido o Sam Diamond com ele. Sam Diamond é um homem que bebe com o meu pai no Irlandês Sortudo e, às vezes, vem dormir no sofá da sala. Depois de alguns segundos, ouvi passos vindos da varanda e, em seguida, ouvi um som que parecia um gemido, um som que nunca ouvi o Sam Diamond fazer.

Sentei na mesa e fiquei olhando para a porta.

Meu pai apareceu na janela da varanda e gritou:

– Rosa, pelo amor de Deus, levanta essa bunda e vem aqui me ajudar.

Eu não queria ajudar o meu pai a carregar o Sam Diamond. Mas, quando abri a porta e olhei pela tela naquela noite chuvosa, vi que meu pai estava parado na varanda segurando uma corda grossa com a mão esquerda e que, do outro lado da corda, tinha um cachorro. O outro passageiro do carro era o cachorro, não o Sam Diamond.

A corda estava amarrada no pescoço do cachorro, que estava ensopado.

– Onde você encontrou esse cachorro? – perguntei para o meu pai.

– Atrás do Irlandês Sortudo. Você pode trazer uma toalha para eu secá-la?

– O cachorro é menina?

– É. Cadê a toalha?

Esse foi o jeito de meu pai me lembrar de pegar a toalha para secar a cachorra.

– E não traz toalha branca! – gritou. – Ela provavelmente caiu numa poça

de lama.

Levei uma toalha verde até a varanda e fiquei olhando pela tela enquanto meu pai secava as patas e as costas da cachorra.

– É pra você – disse ele. – Pode ficar com ela.

– Mas ela não tem coleira – respondi.

– É por isso que é sua. Não tem dono.

– Mas não deveríamos procurar os donos dela? – perguntei. – Eles podem querê-la de volta.

– Se eles nem se preocuparam em comprar uma coleira pra ela, então não a merecem – disse meu pai. – Além do mais, como é que vamos encontrar os donos dela? Ela não tem coleira, logo não tem plaquinha de identificação.

– Ela é um presente?

– Quê? – disse meu pai. E parou de limpar a cachorra por um tempinho. – É, sim, Rosa. É um presente meu pra você.

Meu pai não era de me dar muitos presentes.

A cachorra ficou parada pacientemente enquanto meu pai limpava o pelo dela. Levantou as patas da frente uma por vez quando ele ofereceu a toalha. Depois ficou me olhando e levantando e baixando a sobancelha. Ela arfou e, quando arfou, espichou tanto os lábios que parecia estar sorrindo.

– Pronto – disse meu pai para a cachorra. – Você está seca o suficiente para entrar em casa.

Ele segurou a porta, a cachorra entrou na sala, que, na verdade, é só um pedaço da cozinha, e se encostou nas minhas pernas.

Olhei para ela. Ela olhou para mim.

– Pode passar a mão nela – falou meu pai. – É isso que as pessoas normais fazem com cachorros.

Então passei a mão nela, que fechou os olhos e chegou mais perto.

– Que nome você vai dar pra ela? – perguntou meu pai.

– Vou chamar ela de Poça – respondi. – Parece que ela gosta de poças de lama. E “poça” tem um homônimo: “possa”, que é como às vezes a gente usa o verbo “poder”. E olha só: “poder” tem o homônimo perfeito “poder”. Sabe? O poder dos reis e dos mágicos... É uma palavra especial.

– Ok, Rosa. E o meu “obrigada”?

– Obrigada.

Naquela noite, a Poça dormiu comigo na minha cama. E, desde então, dorme comigo todas as noites.

6

Por quem eu espero

O tio Weldon me leva de carro para a escola e vai me buscar todos os dias. Faz isso porque estou proibida de pegar o ônibus escolar. Quando meu pai ficou sabendo disso, anunciou que não podia me levar. Ele falou:

– Rosa, por que você foi ser expulsa do ônibus? Como é que eu vou te levar pra escola de manhã e ir pra oficina ao mesmo tempo? E como é que eu vou te buscar no meio da tarde se eu tenho que trabalhar?

Tem vários dias em que o meu pai não tem serviço nenhum para fazer na Oficina J&R. Aí ele gosta de dormir até mais tarde e depois vai para o Irlandês Sortudo.

O tio Weldon disse:

– Eu posso levar a Rosa pra escola.

O tio Weldon trabalha numa construtora. Ele tem o que meu pai chama de “trabalho de molenga”. O tio Weldon chama de “função administrativa”. Ele trabalha numa construtora, mas não constrói nada. Fica sentado no computador. Como ele entra no trabalho às 9h da manhã, é fácil para ele me deixar na escola, que começa às 8h42, antes de ir para a firma onde trabalha, que se chama Construtora Gene Ltda. O tio Weldon disse que ia perguntar para o chefe se podia trabalhar no horário de almoço para conseguir me buscar às 2h42 da tarde e me levar para casa todos os dias.

Quando o tio Weldon disse que podia me levar para a escola, não olhou diretamente para o meu pai. Ele e o meu pai e a Poça e eu estávamos sentados na varanda, e o tio Weldon ficou olhando para a rua Sansão enquanto falava.

Fiquei esperando meu pai dizer: “Dou conta do recado”. Mas ele acendeu um cigarro e também ficou olhando para a rua.

Então eu também fiquei olhando para a rua e perguntei para o meu pai:

– Seu pai te levava para a escola?

– Ele não precisava me levar. Eu não fui expulso do ônibus. Por que você está perguntando do meu pai?

Perguntei porque o meu pai sempre diz que não vai ser o tipo de pai que o pai *dele* era. Diz que vai me criar sozinho mesmo se tiver de se matar pra isso. É por isso que não aceita muita ajuda do tio Weldon. E é por isso que o tio Weldon ofereceu ajuda com tanta cautela. Quando meu pai acha que o tio

Weldon está se metendo na minha educação, ele ameaça nos afastar, o que deixaria eu e o meu tio muito tristes.

– Não sei – respondi.

A Poça estava deitada do meu lado, no sofá velho que meu pai pôs na varanda. Ela se virou de costas e colocou a cabeça no meu colo.

– Você me fez uma pergunta, mas não sabe por quê?

– Sim.

– Que tal? – perguntou o tio Weldon. – Posso levar a Rosa pra escola? Isso resolveria o problema.

– Isso não quer dizer que você seria um mau pai – disse eu.

O tio Weldon parou de olhar a rua Sansão e ficou olhando para mim com os olhos arregalados.

– Com certeza não foi isso que eu quis dizer – falou.

– Bom, de todo jeito, não vejo nenhuma outra solução – respondeu meu pai.

E foi assim que o tio Weldon começou a me levar para a Escola de Ensino Fundamental de Hatford. E a me buscar também. Todas as manhãs, espero na varanda, com a Poça, meu tio aparecer na rua Sansão com a sua caminhonete preta. Quando vejo a caminhonete, dou um beijo na cabeça da Poça e a ponho dentro de casa. Daí subo no banco ao lado do meu tio e conto se descobri algum homônimo desde o dia anterior.

Quando descubro, o tio Weldon diz: “Que maravilha!”. Então, ficamos tentando pensar em outros homônimos parecidos com esse novo par, do mesmo jeito que fizemos com “sem” / “cem” e “cento” / “sento”.

Depois de conversar sobre homônimos, olhamos pela janela por um tempo e aí o tio Weldon pergunta:

– Tudo bem com o seu pai e com a Poça?

A resposta menos complicada é “sim”. Não falo nada além disso, a menos que precise.

Às vezes o tio Weldon pergunta: “Você quer ir ao cinema comigo no fim de semana, Rosa?”. Ou, quem sabe: “Vamos levar a Poça para dar uma caminhada no sábado?”. E aí precisamos pensar em um jeito de perguntar para o meu pai se ele deixa.

Finalmente, chegamos à Escola de Ensino Fundamental de Hatford. O tio Weldon e eu sempre fazemos o gesto do coração antes de eu sair da caminhonete.

No fim do dia, espero pelo meu tio de novo. Fico parada na entrada principal da escola e observo as crianças em (hein) fila para pegar o ônibus número 7, o que eu costumava pegar. Passo (paço) longe do Monty Soderman, que sempre está sem (cem) uma das (dás) unhas e usa botas pesadas (pezadas) que machucam muito quando ele pisa nos meus pés. Fico esperando e cantarolando sozinha, olhando para a (há / ah / à) frente para poder ver o tio Weldon no exato momento em que ele vira na rua da escola. Aí corro até a caminhonete, e ele sorri, escorrega para o lado no banco e abre a porta para mim.

Às vezes, a gente tem uma conversa como esta:

TIO WELDON: Como foi a aula hoje?

ROSA HOWARD: Igual a ontem.

TIO WELDON: Exatamente igual a ontem?

ROSA HOWARD: Não. Isso é impossível.

TIO WELDON: Porque hoje é um dia diferente de ontem.

ROSA HOWARD: E porque a Lua e as estrelas estão numa posição diferente da que estavam ontem.

TIO WELDON: Qual foi a coisa mais interessante que você aprendeu hoje?

ROSA HOWARD: Que, se você substituir as letras de “Weldon” por números – W por 23 porque é a 23ª letra do alfabeto; E por 5; L por 12; D por 4; O por 15, e N por 14 –, a soma dá 73. Adivinha o que 73 é.

TIO WELDON: Um número primo?

ROSA HOWARD: Sim! E isso é tão especial quanto ter um homônimo. O nome do meu pai também é um número primo. A soma de W-E-S-L-E-Y dá 89.

TIO WELDON: Mesmo?

ROSA HOWARD: Mesmo, mas acho que ele não vai achar muito interessante.

TIO WELDON: Bom, eu fico feliz por eu e seu pai termos nomes que são números primos, já que você e a Poça têm nomes com homônimos. Agora ninguém precisa se sentir deixado de lado.

ROSA HOWARD: Será que meu pai vai me deixar ir na sua casa no sábado? Eu poderia passar a limpo minha lista de homônimos. Ela está ficando meio cheia.

TIO WELDON: Você quer que eu pergunte para ele?

ROSA HOWARD: Sim, mas só pergunte se posso ir. Não fale nada da lista.

TIO WELDON: Vou fazer o possível.
Gesto do coração e um aceno de “tchau” para o meu tio.

7

Por que não vou de ônibus para a escola

Antes, eu ia para a escola no ônibus número 7. O ônibus número 7 fazia 14 paradas, o que é bom, porque 14 é divisível por 7. Eu era a única pessoa na minha parada, que era a segunda do trajeto. Nas 12 paradas seguintes, todo mundo que entrava ficava procurando onde se sentar e passava reto pelo lugar vazio ao meu lado. Marnie Mayhew, cujo endereço tem um número primo e um homônimo, número 11 da rua Hera (era), jogava uma bolinha de papel mastigado em mim. Eu olhava direto para a frente e esperava a bolinha cair do meu rosto no chão do ônibus. Daí o Wilson Antonelli aparecia e falava:

– Pega, sua retardada. Você está jogando lixo no chão.

A cada parada, nossa motorista, que se chamava Shirley Ringwood, olhava pra trás pelo retrovisor gigante e esperava todo mundo sentar. Aí ela fechava a porta, colocava o ônibus número 7 na primeira marcha e dava a partida. E eu ficava olhando pela janela para ver quem estava respeitando as leis do trânsito. Existem muitas leis para quem dirige e elas estão claramente listadas no manual do

motorista do estado de Nova York. Mas muitos motoristas não as respeitam.

– Ei! – gritava eu. – Aquele homem não deu seta antes de virar a esquina! A senhora viu isso, senhora Ringwood? Ele não cumpriu a lei.

Às vezes a senhora Ringwood me respondia, às vezes só ficava com os olhos fixos na estrada. Dependia de quão perto dela eu estava sentada.

Os dias de chuva eram difíceis. A lei diz que, se os limpadores de para-brisa estão ligados, os faróis também precisam estar.

– Senhora Ringwood! Senhora Ringwood! Acabei de ver três carros com os limpadores de para-brisa ligados e os faróis desligados – eu berrava.

A Marnie começava a rir. O Wilson se inclinava pra frente, mostrava o celular e dizia:

– Por que você não liga para a polícia, sua retardada?

– Eles deviam cumprir a lei! Eles não estão cumprindo a lei!

Um dia, sentei na primeira fileira para poder observar a senhora Ringwood dirigindo. Ela diminuiu a velocidade do ônibus número 7 quando se aproximou do cruzamento da rua Sandy com a estrada 9W. E então passamos

devagar pela placa de PARE.

– Senhora Ringwood! A senhora não parou na placa – gritei. – Isso é contra a lei, senhora Ringwood. O manual diz que o motorista *precisa* parar completamente. *Completamente*.

A senhora Ringwood virou na estrada 9W e disse:

– Deixa pra lá, Rosa.

– A senhora está com os faróis ligados, senhora Ringwood?

Senti uma bolinha de papel mastigado atingir meu pescoço.

– Ei! Aquele motorista não estava usando o cinto de segurança. A senhora viu isso, senhora Ringwood?

A gente chegou à rua Escolar. A Escola de Ensino Fundamental de Hatford estava logo à frente. A senhora Ringwood virou o volante para a direita e começamos a entrar na pista de ônibus.

– Pare! – berrei. – Pare agora mesmo!

A senhora Ringwood freou de repente e gritou:

– Qual é o problema?

Ela ficou de pé e olhou pela janela. Atrás de mim, todas as crianças colocaram a cabeça para fora para ver o que tinha acontecido. O trânsito parou.

– A senhora não deu seta – falei. – Isso é contra a lei.

A senhora Ringwood se sentou de novo. E encostou a testa no volante. Aí virou para trás e me disse:

– Meu Deus! Você só pode estar brincando!

Depois de estacionar o ônibus número 7, ela entrou na Escola de Ensino Fundamental de Hatford e foi falar com o diretor.

E é por isso que não vou mais de ônibus para a escola.

8

Na minha sala de aula

Minha sala de aula é virada para a direção sudeste e tem janelas de um lado, 21 carteiras para os alunos, mais a mesa da senhora Kushel, mais a cadeira da senhora Leibler, que senta do meu lado e bloqueia o corredor.

Tem 11 meninas e 10 meninos na minha sala de aula.

Tem 2 ratos na minha sala de aula.

As regras da nossa sala de aula estão escritas numa folha de cartolina, que fica pendurada ao lado da porta.

A senhora Kushel tem cheiro de maçã, um marido e uma filha de 6 anos chamada Edie. Esse nome é um número primo (23).

A senhora Kushel soube na primavera passada que eu ia ser aluna dela e marcou uma reunião com o meu pai, que disse:

– Prometo que a Rosa não vai causar problemas.

Quando a senhora Kushel perguntou para o meu pai o que ele faz quando tenho meus ataques em casa, ele respondeu:

– A Rosa não tem ataques em casa. Não quando estou por perto. Ela sabe muito bem que não pode fazer isso. – Depois, completou: – Hahaha. Estava só brincando.

Sei disso porque estava sentada na sala de espera do lado de fora da sala da psicóloga da escola e ouvi tudo que foi dito na reunião. Ouço muitas coisas que não deveria ouvir, e muitas coisas que ninguém mais consegue escutar, porque minha audição é muito aguçada. Isso faz parte do meu diagnóstico de autismo de alto desempenho. Os barulhos da nossa geladeira me incomodam, assim como o zumbido do *laptop* da senhora Kushel. Um dia, na escola, coloquei as mãos nas orelhas e disse:

– Não consigo me concentrar! Por favor, desligue essa coisa.

– Quê? Que coisa? – perguntou a senhora Leibler.

– Eu quero que a senhora Kushel desligue o computador dela – respondi, claramente, como a senhora Leibler me ensinou.

(“Diga claramente o que você quer, Rosa”, ensina a senhora Leibler quando perco o controle.)

– Por que você quer que ela desligue? – perguntou o Josh Bartel, que mede

1,25 metro e senta na minha frente.

– Por causa do zumbido!

– Não estou ouvindo nenhum zumbido – disse o Josh.

– Rosa, se acalme – disse a senhora Leibler.

Ouçõ cliques e zumbidos e sussurros. E conversas na sala da psicóloga quando a porta está quase fechada.

Faz 25 dias letivos que a senhora Kushel é minha professora.

Uma tarde, no dia número 25, ela anunciou para a classe:

– Tenho uma tarefa que vai ser divertida. Vocês vão escrever uma redação sobre um bicho de estimação.

– Eu não tenho um bicho de estimação – disse a Flo. O nome dela é fácil de lembrar por que é quase um homônimo de “flor”.

A senhora Kushel sorriu, que é o jeito de ela dizer que não se importou pelo fato de a Flo tê-la interrompido.

– Não tem problema – respondeu ela. – Vocês podem escrever sobre qualquer bicho de estimação. Quem não tiver um bichinho pode escrever sobre um imaginário ou sobre o de outra pessoa.

A senhora Kushel entregou folhas de papel para todo mundo, peguei meu lápis e fiquei olhando para a porta por (pôr) um tempo.

– Rosa? – disse a senhora Leibler.

– Estou pensando – respondi, sem olhar para ela.

Comecei a escrever sobre a Poça. Tentei me lembrar do que a senhora Kushel falou sobre temas de redação e o que a senhora Leibler disse sobre não mencionar homônimos em todas as redações.

– Acabou o tempo – disse a senhora Kushel, depois de 21 minutos e meio.

– Quem gostaria de ler sua redação em voz alta para a classe toda? Não importa se está terminada ou não. É só ler o que fez até agora. Vocês podem terminar em casa, hoje à noite.

Três meninas e dois meninos levantaram a mão. A senhora Kushel chamou a Flo, que leu sobre um bicho de estimação que ela tirou da cabeça dela, chamado *poodlinha*, mistura de *poodle* com galinha. A Flo disse que a *poodlinha* dela não late nem cacareja. Ela *lalareja*. Todo mundo deu risada, e eu fiquei pensando na *poodlinha* que lalareja por tempo suficiente para descobrir que “*poodlinha*” não é uma palavra que corresponde a um número primo, mas uma palavra que corresponde a 94, o que significa que é divisível

por 2. Isso não é tão bom quanto um número primo, apesar de ser interessante.

A próxima pessoa a ler foi o Josh Bartel, que escreveu sobre seus quatro peixes-beta fluorescentes.

– Minha mãe comprou o primeiro peixe para eu e minha irmã no ano passado – disse ele.

E eu interrompi bem nessa hora:

– Senhora Kushel! – gritei. – Senhora Kushel, Josh desobedeceu às regras. Ele escreveu “para eu e minha irmã”, e isso não está certo.

– Rosa, o que nós conversamos sobre interromper os outros?

– Mas ele deveria ter escrito “para mim e minha irmã”. *Mim*. Nem sempre é certo usar “eu”.

– Rosa, esse é um comentário que você pode fazer depois, quando o Josh terminar de ler – disse a senhora Kushel.

– E – falou a senhora Leibler baixinho, só para mim, enquanto Josh continuava a ler sua redação – você pode dizer algo positivo primeiro, depois apontar o erro do seu colega.

Depois que ela disse isso, encostei a cabeça na carteira.

– Rosa? – sussurrou a senhora Leibler.

Não levantei a cabeça.

– Ele não obedeceu às regras!

Eu já estava sentindo as lágrimas nos meus olhos.

– Rosa...

– A senhora Kushel explicou direitinho essa regra no dia 17 de setembro – falei, bem alto, com a cabeça enfiada nos braços.

– Você precisa ir ao corredor um minutinho?

Fiquei de pé de repente e minha cadeira foi para trás e bati na mesa da Morgan.

– Ei! – gritou ela.

Bati no lado direito da minha cabeça com a palma da mão. Uma, duas, três, quatro vezes.

Josh ainda estava lendo sobre seus peixes-beta fluorescentes, mas, depois disso, a maioria das crianças da sala estava olhando para mim.

– Vamos – disse a senhora Leibler, que foi me levando até a porta e depois para o corredor. – Você precisa se acalmar.

Apostei que meu pai ia ler sobre isso (iço) no relatório de sexta-feira.

A senhora Leibler, que senta do meu lado

A senhora Leibler fica quase o tempo todo do meu lado. Ela senta perto de mim durante a aula da senhora Kushel e vai comigo ao banheiro e ao pátio. Sou a única aluna do quinto ano da Escola de Ensino Fundamental de Hatford que tem uma acompanhante. Isso me faz pensar que a maioria das crianças que está no quinto ano não precisa de cuidadores. Mesmo assim, já ouvi duas vezes alunos da minha classe falarem para a senhora Kushel:

– Não é justo a Rosa receber atenção especial.

A primeira pessoa que disse isso foi Lenora Tedesco. A segunda foi Josh Bartel.

A senhora Leibler também senta comigo na cantina e nós almoçamos juntas. Para meu almoço, eu compro a mesma coisa todos os dias: uma maçã, um sanduíche de atum e uma caixinha de leite. A senhora Leibler traz seu almoço de casa, e não traz a mesma coisa todos os dias. Às vezes é um sanduíche, às vezes são sobras, como macarrão (a senhora Leibler chama de “massa”) ou uma coxa de frango ou salmão ou arroz com legumes. A senhora Leibler sempre pergunta:

– Está servida, Rosa?

Mas eu sempre respondo não, porque não quero variar meu almoço.

Nas segundas-feiras, a senhora Leibler escolhe dois alunos da minha classe para serem meus Companheiros de Cantina durante a semana. Ela tem uma lista dos meus companheiros, para todo mundo ser escolhido o mesmo número de vezes. Normalmente, quando ela anuncia quem vão ser meus companheiros, ninguém fala nada.

A senhora Leibler fica atrás de mim na fila da cantina. Quando pego minha maçã, meu sanduíche e meu leite, sentamos numa mesa. Em seguida, os Companheiros da Cantina compram o almoço deles sem ajuda de ninguém e vêm sentar conosco.

Era uma segunda-feira e meus novos amigos eram Flo e Anders. Um nome divisível por 3 – Flo (33) – e outro nome que é um número primo – Anders (61).

A senhora Leibler me fez sinal com a cabeça e disse:

– Rosa?

Terminei de mastigar o pedaço de maçã que estava na minha boca e falei:

– Moro numa casa virada para nordeste. *Sua* casa é virada para que direção?

A senhora Leibler levantou a sobrancelha para mim e lembrei que preciso olhar para Flo e Anders quando falo com eles. Então me inclinei por cima da mesa, olhei bem nos olhos deles e repeti:

– *Sua* casa é virada para que direção?

Flo encolheu os ombros, afastou-se de mim e respondeu:

– Humm. Não sei.

Ela viu que a senhora Leibler estava distraída abrindo o pote de massa que trouxe de casa, virou para Anders e revirou os olhos.

Anders também revirou os olhos e disse:

– Também não sei.

Pensei por um instante. Então perguntei para Anders:

– Você não sabe para que direção *a sua* casa está virada ou para que direção a casa *da Flo* está virada?

Ele apertou os lábios. Acho que estava tentando segurar o riso. E falou:

– Não sei para que direção nada está virado.

A senhora Leibler derrubou um pouco de massa na blusa, levantou de repente e disse:

– Com licença, já volto.

– Por que você se importa com a direção para onde as coisas estão viradas, hein? – perguntou Flo, assim que ficamos a sós.

A senhora Leibler não me preparou para responder a essa pergunta. Então falei:

– “Em” e “hein” são homônimos.

– Uau! Isso é *fascinante* – disse Anders.

Flo começou a dar risada e falou:

– *Por favor*, fale mais sobre homônimos.

Pus minha maçã em cima da mesa.

– Não incluo homônimos com duas palavras – informei. – Você acha que “a gente” é um homônimo de verdade de “agente”?

– É *claro* que não – respondeu Flo.

A senhora Leibler voltou para a mesa com a mão cheia de guardanapos.

– Senhora Leibler! Senhora Leibler! – falei. – Estou contando para a Flo e para o Anders sobre a regra de não usar duas palavras nos homônimos.

A senhora Leibler me olhou por cima dos óculos e disse:

– Vamos mudar um pouco de assunto. Chega de homônimos. Vamos pensar em...

Não queria que a senhora Leibler falasse sobre como puxar conversa na frente dos meus Companheiros de Cantina. Tinha um pouco de vontade de chorar, mas não chorei, e também não bati na minha cabeça. Em vez disso, falei:

– Tenho uma cachorra chamada Poça. – Já ia perguntar “Vocês têm bichos de estimação?”, mas lembrei das nossas redações e da *poodlinha* da Flo. – A Poça come ração Meu Bichinho – continuei. – O que sua *poodlinha* que lalareja come, Flo?

A Flo começou a dar risada de novo, mas dessa vez era uma risada sincera.

– Você lembrou! – exclamou. Aí pensou por um tempo e falou: – Bom, uma *poodlinha* que lalareja come comida de calinha.

– Comida de *calinha*?! – exclamou Anders.

– Ah! – falei. – “Ca” de cachorro e “linha” de galinha.

Anders deu risada; a senhora Leibler começou a rir também. E a partir dali, em vez de me sentir triste, fiquei feliz com a senhora Leibler e suas maneiras de puxar conversa. Assim como meu pai tinha ficado feliz, já que o tio Weldon podia me levar para a escola, embora tenha ficado bravo porque foi o tio Weldon que pensou nessa solução primeiro.

10

Anders não respeitou as regras

No dia número 32 com a senhora Kushel, terminei duas folhas de exercícios de Matemática sem falar nada sobre o zumbido que estava ouvindo. Ele vinha do celular da senhora Leibler, que estava na bolsa dela. Quando resolvi o último problema, virei para a senhora Leibler, que observou:

– Excelente, Rosa. Você se concentrou muito bem hoje.

Olhei para o relógio, vi que ainda faltavam quatro minutos para terminar a aula de Matemática e perguntei:

– Posso jogar o jogo da pizza?

A senhora Leibler olhou para a prateleira onde os jogos de Matemática ficam guardados e respondeu:

– Alguém está jogando. Ele não está na prateleira. O que você quer fazer em vez disso?

– Nada. Vou esperar o jogo da pizza.

Sempre brinco com o jogo da pizza quando sobra tempo na aula de Matemática, e a senhora Leibler sabe disso.

Esperei pacientemente na minha carteira por um tempo. Então fiquei de pé e olhei em volta da sala para procurar o jogo.

– Lá está ele! – gritei. – Senhora Leibler, está na mesa do Anders, mas ele não está jogando. Está conversando com o Martin.

– Acalme-se – disse a senhora Leibler. – Por que você não pergunta para o Anders se pode jogar?

– Ele devia ter colocado de volta na prateleira, já que não está usando! – falei.

Aí apontei para as regras da senhora Kushel, que estavam afixadas perto da porta.

– Olhe! Regra número 6: “Todos os jogos, materiais e livros devem ser devolvidos ao seu devido lugar quando não estiverem mais sendo usados”. Ele desrespeitou a regra!

– Não acho que ele tenha feito isso de propósito – disse a senhora Leibler.

– Mas ele deve pagar por isso – respondi.

– Depois a senhora Kushel vai conversar com ele.

Anders estava olhando para mim. E a maioria da classe também. Ele me ofereceu o jogo da pizza.

Mas eu não aceitei.

– Isso não é justo – disse para a senhora Leibler. – Fiquei esperando pelo jogo e agora a aula de Matemática acabou.

– Desculpe, Rosa – falou Anders.

Peguei minhas folhas de exercícios e enfiei as unhas nelas.

– Rosa, por favor. Entregue essas folhas para mim – pediu a senhora Leibler.

Comecei a chorar e respondi:

– Eu estava esperando pacientemente.

– Eu sei. Mas não estrague suas folhas. Entregue-as para mim. Nós vamos até o corredor para você conseguir se acalmar.

A senhora Leibler colocou as folhas em cima da mesa da senhora Kushel. Depois me levou para o corredor. Quando passamos pela porta, enfiei o dedo na lista de regras e gritei:

– Número 6! Número 6!

11

Quando a Poça foi para a escola

No dia letivo número 33, o tio Weldon parou com sua caminhonete preta na frente da nossa casa às 8h16. Quando viu que eu e a Poça estávamos sentadas na varanda, ele nos cumprimentou abanando a mão esquerda para fora do vidro. Em seguida, pôs a cabeça para fora e disse:

– Traga a Poça, Rosa. Não preciso trabalhar hoje. Ela pode passar o dia comigo.

Isso não faz parte da minha rotina. Fiquei parada na varanda por um tempo, olhando para a Poça / Possa.

– Ande – disse meu tio. – Eu e a Poça vamos nos divertir. E ela não vai ficar sozinha.

– Ok – respondi. Aí tranquei a porta, porque meu pai já tinha ido para a oficina, e levei a Poça até a caminhonete.

Ela ficou sentada entre mim e o tio Weldon, e fomos para a Escola de Ensino Fundamental de Hatford.

– “Altere” e “halterer” estão na sua lista de homônimos? – perguntou o tio Weldon quando a gente passou pelo Xícara de Café, na estrada 28. – Pensei nessa dupla ontem à noite.

– Sim – respondi. – Já tenho essa dupla. – A Poça pôs as patas no meu colo e fiquei fazendo carinho nos dedos dela. – Aonde você e a Poça vão hoje?

– Ela pode ficar correndo pelo quintal enquanto empilho lenha para a lareira. De repente, podemos dar uma caminhada depois.

– Ok – falei.

Apesar de nada disso fazer parte da nossa rotina, fiquei feliz porque a Poça ia se divertir com o tio Weldon.

Chegamos à rua Escolar e meu tio disse:

– Espero que você tenha um bom dia, Rosa. Eu e a Poça vemos você às 2h42.

Em seguida, ele pegou a pista de desembarque, espichou o braço por cima do meu colo e abriu a porta para mim.

– Tchau – eu disse. Antes de eu sair do carro, eu e o tio Weldon fizemos o gesto do coração.

Fui correndo encontrar a senhora Leibler, que estava me esperando na

entrada.

– Bom dia, Rosa! – disse ela.

A gente andou rápido pelos corredores, uma do lado da outra, até a sala da senhora Kushel. Já tinha pendurado meu suéter e estava tirando a lição de casa da mochila quando a Flo disse:

– Olha! Um cachorro!

Flo estava apontando para a porta, então me virei e olhei para a porta.

E lá estava a Poça, parada embaixo da lista de regras da nossa sala de aula.

– Poça! – exclamei. – O que você está fazendo aqui?

– É essa a sua cachorra? – perguntou Anders.

A Poça me viu e veio trotando até minha carteira.

– É, sim – respondi.

– É essa a cachorra da redação? – quis saber Josh Bartel.

– É.

– O que ela está fazendo aqui? – perguntou Flo.

Sacudi a cabeça e disse:

– Acho que ela me seguiu.

A Poça deve ter pulado da caminhonete antes de o tio Weldon conseguir fechar a porta.

– Mas como é que ela sabia que você estava aqui? Fazia dois minutos que você estava na sala e ela te encontrou – argumentou uma menina chamada Parvani.

– Ela me seguiu com o focinho – expliquei.

Sentei no chão e abracei a Poça. Ela lambeu minha testa e depois se sentou também.

– Ela é tão fofa! – gritou Flo. Aí ela sentou conosco no chão. – Posso passar a mão nela?

– Pode.

Flo passou a mão nas costas da Poça, que sorriu.

– Quantos anos ela tem? – perguntou Josh.

Ele sentou conosco, o que deu um total de 3 humanos e 1 cachorro sentados no chão da sala da senhora Kushel.

– Não sei direito. Meu pai a encontrou na chuva um dia. Não sabemos quantos anos ela tinha naquela época.

– Então ela é uma cachorra adotada? – indagou Anders.

Antes de eu conseguir responder, Parvani perguntou:

– Como é que ela seguiu você com o focinho?

– Ela tem o olfato muito aguçado. Todos os cachorros têm. Mas acho que a Poça é especial.

Todo mundo ficou à nossa volta, até as senhoras Leibler e Kushel. Cinco pessoas estavam fazendo carinho na Poça ao mesmo tempo.

E então eu ouvi o tio Weldon dizer:

– Com licença. – e depois: – Ai, graças a Deus. Você está aqui, Poça!

Meu tio estava parado na porta da nossa sala de aula.

– Ela me encontrou – falei.

– Encontrou mesmo. Ela queria ir atrás de você quando você saiu da caminhonete. Fiquei segurando, mas soltei quando fui fechar a porta e ela pulou. – Aí o tio Weldon se virou para a senhora Kushel e disse: – Desculpe pelo incômodo. Foi culpa minha. Eu é que inventei de trazer a Poça hoje de manhã.

A senhora Kushel sorriu e disse:

– Incômodo nenhum.

– A Poça tem um focinho inteligente – falou Flo, que fez carinho no focinho da Poça.

– Você é tão sortuda, Rosa – falou Parvani.

A senhora Kushel deixou todo mundo brincar com a Poça por mais três minutos e meio e disse:

– Ok, turma. Agora vamos começar a aula. Despeçam-se da Poça.

O tio Weldon, que estava com a guia no bolso, encaixou-a na coleira da Poça e a levou pelo corredor.

– Tchau, Poça! Tchau, Poça! – disseram meus colegas.

Naquele dia, eu e meus Companheiros da Cantina tivemos muito assunto para conversar.

12

Um pouco mais sobre homônimos

Aqui vão mais alguns homônimos bons:

sexta / cesta

caça / cassa

atuar / atoar / autuar

intervém / intervêm

Uma coisa sobre a última dupla de homônimos, que é ao mesmo tempo interessante e chata, é que você pode usar o padrão ém / êm para encontrar outros homônimos. Por exemplo: “contém / contêm”, “mantém / mantêm”, “convém / convêm”. É interessante porque ter um padrão faz os homônimos valerem ainda mais a pena, mas é chato porque, com o padrão, fica muito fácil encontrar homônimos.

Mas, mesmo assim, eu gosto de todos os homônimos.

No dia letivo número 34, o Josh Bartel me disse:

– Rosa, por que você se dá ao trabalho de procurar homônimos sozinha? Sabia que pode encontrar centenas deles olhando na internet? Você só precisa pesquisar “homônimos” e vai encontrar. Existem listas e mais listas.

Pensei nisso. Há 2 problemas com o que Josh disse: 1. eu e meu pai não tínhamos computador quando Josh sugeriu que eu fizesse minha lista de homônimos no computador, e continuamos não tendo; 2. outra das minhas regras dos homônimos é que eu mesma tenho de descobri-los. Qual é o sentido de olhar as listas de outras pessoas e copiar? Minha lista é original.

Mas o que eu falei para o Josh, olhando bem nos olhos dele, foi:

– Fiquei feliz por você se interessar por homônimos.

13

No fim do dia

Minha rotina depois da aula é: o tio Weldon me busca na escola às 2h42 da tarde e me deixa em casa entre as 2h58 e as 3h01. A Poça sempre vem me cumprimentar pulando para cima e para baixo quando eu abro a porta, lambendo minhas mãos e meu rosto e, às vezes, latindo. Normalmente, depois disso, nós sentamos na varanda por um tempo. Mas, se está chovendo ou muito frio, nós não sentamos na varanda. No fim do dia letivo número 35, nós não sentamos na varanda. Estava nublado e frio, então demos um passeio que só levou seis minutos e meio. A Poça puxou a guia quando tentei fazê-la dar meia-volta. Sei que ela queria passear mais, mas estava muito úmido e lamacento para fazer isso.

– Vou olhar a caixa – disse, e a Poça veio atrás de mim, relutando, até o quintal da nossa casa.

Numa prateleira do armário onde ficam guardados os casacos tem uma caixa de chapéu. A tampa e a parte de baixo ficam presas com uma fita de cetim branca. A fita está desfiada, o que me faz pensar que a caixa e a fita são velhas. Além disso, a caixa era azul. Mas, com os anos, foi ficando cada vez mais desbotada. Agora é cinza-claro.

Dentro da caixa tem coisas que eram da minha mãe, antes de ela ir embora. Meu pai não liga de eu olhar o que tem lá dentro, então abro a caixa aproximadamente a cada 4 meses, o que dá 3 vezes por ano ($4 \times 3 = 12$).

Arrasto uma cadeira até o armário, alcanço a caixa e a pego com cuidado. Ponho em cima da mesa da cozinha. Antes de abrir, observo o lado de fora para ver se descubro algum sinal da minha mãe. Mas não tem nada. A caixa está sempre igual, com exceção da cor, que fica cada vez mais desbotada, e da fita, que fica cada vez mais desfiada. Queria que a minha mãe tivesse escrito alguma coisa na caixa, como **Essas coisas são importantes para mim** ou **Presentes para a Rosa** ou apenas **Meus tesouros**. Mas não tem nenhuma palavra, nenhum sinal dela. Eu nem sei se a caixa era da minha mãe ou se é só uma caixa que meu pai encontrou para guardar as coisas dela. Meu pai não quer mais falar sobre a caixa ou seu conteúdo.

Tiro a fita puxando para o lado, removo a tampa e olho para aquelas coisas que já conheço. Tiro uma por uma. Coloco em cima da mesa numa fileira da esquerda para a direita. Sempre começo com o colar que tem um pingente de prata no formato de um ninho de passarinho, do tamanho de uma noz (nós). Dentro do ninho, ficam três pérolas falsas, que deveriam representar os ovos do passarinho. O que esse colar diz sobre a minha mãe? Quem sabe ela é uma pessoa que gosta de passarinhos, de ninhos de passarinhos ou de ovos de passarinhos.

Em seguida, tiro a concha que parece um cone bege e se chama “caramujo”. Minha mãe também deve gostar de caramujos. Ela gosta de passarinhos, ninhos de passarinhos, ovos de passarinhos e de caramujos também.

A terceira coisa que tiro da caixa é uma foto de um gato preto. Atrás da foto, está escrito **Meia-Noite**. Não lembro de ter tido um gato ou outro animal de estimação antes de meu pai trazer a Poça para casa. Fico olhando um pouco mais para o gato. Minha mãe gosta de passarinhos, ninhos de passarinhos, ovos de passarinhos, caramujos, fotos e gatos pretos chamados Meia-Noite.

Depois da foto, examino dois broches. O primeiro é uma pequena letra *R* de Rosa feita de prata. Fico imaginando por que minha mãe não levou isso com ela. Vai ver que ela não queria se lembrar de mim. Afinal de contas, ela me abandonou e abandonou meu pai. Por que ia querer pensar em nós? O segundo broche é o que chamam de “alfinete de chapéu”. Sei tudo isso sobre os broches porque, quando eu era bem pequena, às vezes meu pai olhava as coisas da caixa comigo e me falava sobre elas. Ele não quer mais fazer isso, mas antes fazia, e é por isso que sei que o *R* é de Rosa e que o segundo broche é um alfinete de chapéu. Parece uma agulha bem grande e, na ponta, onde deveria estar o fecho do broche, há um relóginho. O relógio não funciona; os ponteiros só são pintados. Eles estão apontando para 7h15. Uma vez perguntei para meu pai se tinha algum motivo para o relógio estar marcando 7h15. Ele disse:

– Não.

Queria saber se minha mãe gosta de homônimos. Queria saber se ela gosta de números primos, de regras ou de palavras.

Queria saber se ela foi embora porque eu gosto dessas coisas.

As últimas coisas na caixa de chapéu são uma moeda com um búfalo gravado, um recorte pequeno e quadrado de jornal anunciando que Elizabeth

Parsons se casou com Wesley Howard na Primeira Igreja Presbiteriana de Hatford, a pulseirinha do hospital que eu usei quando nasci e um lenço com o desenho de uma rosa.

Queria saber mais (mas, más) sobre a minha mãe. Sei como ela era fisicamente. Tem (têm) duas fotos dela na mesa que fica ao (au) lado do sofá. Mas queria saber alguma coisa além do fato de que ela gosta de passarinhos, ninhos de passarinhos, ovos de passarinhos, caramujos, fotos, gatos pretos chamados Meia-Noite, broches, da letra R, de relógios, 7h15, moedas, búfalos, da notícia do casamento dela, da minha pulseirinha do hospital, de lenços e de rosas.

Olhei para o relógio pendurado na parede da cozinha. Eu tinha três folhas de dever de casa para fazer naquela noite. Estava na hora de começar a fazer meu dever e o jantar. Coloquei as coisas da minha mãe de volta na caixa, na ordem contrária, começando com o lenço e terminando com o colar, e devolvi a caixa à prateleira do armário.

Mais tarde, quando estava misturando para a Poça a ração Meu Bichinho na comida de lata Meu Bichinho, liguei o rádio e ouvi a previsão do tempo, que disse:

– ... da tempestade que se (sê) aproxima. A previsão é de que o furacão Susan atinja a costa em três dias e tenha proporções épicas. Uma supertempestade que promete ser a maior tempestade do século.

II

A parte sobre o furacão

14

A tempestade no Canal do Tempo

No dia em que ouvi no rádio sobre o furacão Susan, meu pai chegou em casa do trabalho às 5h43 da tarde, o que é uma hora interessante, porque os números estão na ordem decrescente. E também é uma hora boa porque significa que meu pai provavelmente só tomou uma cerveja no Irlandês Sortudo depois que a Oficina J&R fechou.

Para o jantar, fiz coxas de galinha, que estavam numa caixa de congelados, e arroz, acompanhados de leite. A Poça já tinha comido o jantar dela, a ração Meu Bichinho. Meu pai e eu sentamos um de frente para o outro na mesa da cozinha. A Poça se enfiou embaixo da minha cadeira. Olhei bem nos olhos do meu pai e não disse nem uma palavra sobre homônimos.

– Por que você está olhando para mim, Rosa? – perguntou ele.

– Uma supertempestade chamada furacão Susan está se aproximando – contei.

– Onde foi que você ouviu isso? Foi o Weldon que falou?

– Na previsão do tempo do rádio. É a rádio WMHT. Oitenta e oito ponto sete no seu *dial*.

Meu pai deu de ombros.

– Será uma tempestade de proporções épicas – completei.

– E que proporções épicas são essas?

Como eu não tinha ouvido todos os detalhes no rádio, respondi:

– Uma supertempestade que pode ser a tempestade do século.

Meu pai deu de ombros de novo e falou:

– Nós moramos longe da costa, Rosa. Bem longe da costa. Furacões não têm como nos atingir. Furacões acontecem na costa. Às vezes, nem chegam até a costa. Voltam para o mar.

Pensei por um tempo e disse:

– Oitenta e oito ponto sete no seu *dial* é a sua estação local.

– E?

– Nossa estação local estava falando da supertempestade.

Às vezes, meu pai solta uns grunhidos. É um som meio assim: *nhhhhh*. E, naquele momento, ele grunhiu:

– *Nhhhhh*.

Depois, tomou um gole de leite e disse:

– Tudo bem. Vamos assistir ao Canal do Tempo depois.

Assim que terminamos de jantar, lavei a louça. Depois liguei a TV da sala. Pus no canal 83, que é um número primo, o do Canal do Tempo. O nome das pessoas estava escrito na tela: Mônica Findley e Rex Caprisi. A Mônica e o Rex estavam com uma cara bem séria. Atrás deles, tinha um mapa dos Estados Unidos e, à direita, rodopiando pelo oceano Atlântico, tinha uma grande bola vermelha que devia ser uma imagem do furacão Susan. Ela cobria boa parte do oceano.

Mônica e Rex estavam mexendo em uns papéis e falando um com o outro. De repente, Rex se virou e apontou para a bola vermelha rodopiante. Aí apareceu um rosto numa caixinha no lado esquerdo da tela: era Hammond Griffon, com quem Mônica e Rex começaram a conversar. Hammond Griffon era especialista em tempestades. Um segundo mapa apareceu na tela. Era tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que não consegui acompanhar. Cubri meus olhos com as mãos e enfiei os dedos nos ouvidos. Foi aí que escutei, bem baixinho, meu pai entrar na sala e dizer:

– Rosa, não comece. Se está te incomodando, desligue a TV.

Depois completou:

– O que foi?

– Desligue a TV você – respondi, sem mexer as mãos.

Ouvi a TV sendo desligada.

– *Qual* é o problema?

Destapei os olhos e os ouvidos.

– Tinha muita coisa na tela. – tentei explicar meu problema claramente.

Meu pai soltou um suspiro e disse:

– Quê?

– Três pessoas e dois mapas. E muito barulho.

– Vou assistir à previsão do tempo depois, quando você for dormir – disse meu pai, por fim. Depois perguntou:

– Você ficou com medo da tempestade ou só ficou confusa?

– Não fiquei com medo – respondi.

Ele fez uma careta pra mim e grunhiu aquele *nhhhhh*. Então continuou:

– Olha, a tempestade não vai chegar aqui. As pessoas da previsão do tempo só gostam de causar pânico para todo mundo assistir ao programa delas. Aqui pode chover e ventar um pouco. Só isso.

– Ok.

– Por que você não vai pra cama agora?

– Porque é muito cedo.

De acordo com minha rotina, precisava levar a Poça para passear dali a 45 minutos, depois pôr meu pijama e só *depois* ir para a cama.

– Bom, não fique pensando na tempestade.

– Ok.

– Acho que vou sair um pouco.

– Ok.

Onde nós moramos

Meu pai voltou para o Irlandês Sortudo e, enquanto ele estava lá, fiquei pensando na supertempestade chamada furacão Susan. Queria saber a quantos quilômetros do oceano Atlântico ficava Hatford. Precisava ver um mapa, mas não queria ligar a TV no Canal do Tempo de novo. Sentei no sofá da nossa casa silenciosa e fiz carinho na Poça por um tempo. Aí lembrei que, na nossa garagem, tinha um mapa de toda a região da Nova Inglaterra, onde fica o estado de Nova York. Coloquei o tênis e usei uma lanterna pra atravessar o quintal e chegar até a garagem, que é branca e quadrada. A Poça foi atrás de mim, caminhando tão perto que dava para sentir o ombro dela encostando na minha perna.

Liguei a luz da garagem e encontrei o mapa. Estava na bancada de trabalho do meu pai e não estava dobrado corretamente. As dobras tinham sido feitas na ordem errada, o que faz o mapa ficar volumoso em vez de chato. Abri o mapa na bancada, dobrei do jeito certo e depois abri de novo. Coloquei o dedo em cima de Hatford. O estado de Massachusetts inteiro mais uma parte do estado de Nova York estavam entre o meu dedo e o oceano Atlântico. Talvez meu pai tivesse razão. Talvez a gente more muito longe da costa para se preocupar com um furacão. Mas por que o radialista estava alertando sobre a supertempestade?

Dobrei o mapa de novo, da forma correta, saí com a Poça da garagem e voltei para casa. Sentei no sofá de novo. Fiquei pensando na rua Sansão e no meu bairro.

Aqui vão alguns dados sobre o lugar onde eu moro:

1. As construções que existem na rua Sansão são as seguintes: o Irlandês Sortudo, a Oficina J&R, a casa onde eu moro com meu pai e a Poça. E a nossa garagem. Só isso.
2. Nossa casa fica num morrinho. O quintal fica num declive que começa na nossa casa e vai até a rua Sansão. Essa rua vai descendo até a Oficina J&R. O Irlandês Sortudo fica lá embaixo.
3. Existem 8 árvores bem altas no nosso quintal. São 4 bordos, 2 carvalhos, 1 olmo e 1 bétula. Atrás da nossa casa tem um bosque.
4. Tem um monte de pequenos córregos na nossa vizinhança. Eles não

têm nome. O maior corre ao longo da rua Sansão, entre o nosso quintal e a rua. Ele flui debaixo da pontezinha que tem no fim da entrada para carros da nossa casa. Nunca vi a água chegar a 26,5 centímetros de altura. O outro pequeno córrego começa mais para cima da rua Sansão e deságua no que tem na frente da nossa casa, que flui até o fim da rua.

Esses dados não são tão interessantes quanto homônimos ou números primos. São só informações. Mas você vai precisar entendê-los quando ler os capítulos seguintes, como o 19, “A Poça não apareceu quando eu a chamei”, que se passa no dia seguinte ao furacão Susan.

Parei de pensar sobre a rua Sansão e sobre o nosso bairro. Estava na hora (ora) de passear com a Poça. Mais tarde, quando estava na cama, esperando ouvir o som do carro do meu pai chegando, abracei a Poça bem apertado. Nós (noz) moramos longe da costa, repeti para mim mesma. Isso deve ser uma coisa boa. Falei essa frase um montão de vezes.

Nós moramos longe da costa, nós moramos longe da costa, nós moramos longe da costa.

Como se preparar para um furacão

Era segunda-feira quando meu pai disse que as pessoas do Canal do Tempo gostam de causar pânico só para as pessoas assistirem ao programa delas. Na terça-feira, ele enrugou um pouco a testa e disse:

– Por que as pessoas do Canal do Tempo não falam claramente qual será o trajeto da tempestade?

Na quarta-feira, ele fez *nhhhhh* e disse que não se lembrava de ter ficado sem energia elétrica por mais de quatro dias seguidos.

Na quinta-feira, meu pai estava em casa, lá no quintal, quando o tio Weldon me trouxe da escola. Meu pai checava se nossos botijões de gás estavam cheios. A Poça observava meu pai do sofá que fica na varanda. Ela estava com a cabeça encostada nas patas, mas com os olhos (óleos) alertas.

– Tchau – disse para meu tio e, como gosto dele, eu me virei para a caminhonete antes de fechar a porta, olhei bem nos olhos dele e falei:

– Obrigada pela carona – bem claramente.

O tio Weldon deu um sorriso e disse:

– De nada. Eu te vejo amanhã.

Fizemos o gesto do coração.

Meu tio acenou para meu pai e deu meia-volta na caminhonete.

– Você não está no trabalho – disse para o meu pai.

– Não, não estou no trabalho. Muito bem observado.

Isso (iço) poderia ser sarcasmo, que é mais ou menos zombar de (dê) alguém.

A Poça pulou da varanda para me cumprimentar e meu pai perguntou:

– Vou para o centro comprar uns mantimentos. Você e a Poça querem vir comigo?

– Mantimentos para a supertempestade chamada furacão Susan?

– Sim. Quer vir comigo? – perguntou, de novo, e isso é para me lembrar de responder à pergunta.

– Sim, eu quero – respondi.

Sentei ao lado do meu pai na cabine da nossa caminhonete. A Poça sentou na parte de trás. Descemos a rua Sansão. Quando passamos pela Oficina J&R, meu pai acenou para o Jerry, que é um dos donos. Não sei por que meu

pai não estava trabalhando, mas não fiz nenhuma pergunta.

No fim da rua Sansão, meu pai virou à esquerda sem dar a seta.

– Ei, você não... – gritei.

Mas meu pai disse:

– Pode parar, Rosa – sem nem olhar para mim.

Chegamos no centro de Hatford e meu pai estacionou perto da loja de ferragens. A loja estava bem lotada. Tinha tanta gente fazendo compras que era difícil de andar pelos corredores.

Retorci as mãos e comecei a repetir:

– Dois, três, cinco, sete, onze, treze.

E fiquei olhando para o teto.

– Pare com isso, Rosa – falou meu pai.

– “Rosa / roza”, “poça / possa”.

– *Chega*, Rosa. Qual é o seu problema? Tem muita gente aqui?

– Sim.

– Você precisa voltar para o carro?

– Não sei.

– Porque eu estou precisando de ajuda.

Meu pai me arrastou até um canto mais tranquilo da loja e continuou:

– Todo mundo aqui está comprando suprimentos e eu gostaria de comprar os seus agora, antes que tudo acabe. Então, você pode se acalmar e me ajudar? – Ele me pegou pelos ombros e me segurou com força. Além disso, o rosto dele estava muito, muito perto do meu. – Rosa? Você pode me dar uma mãozinha, por favor?

Dá / da

– Ok – respondi.

Meu pai achou um carrinho e me concentrei no que nós precisávamos. Pratos e copos descartáveis, para o caso de não ser possível lavar a louça; toalhas de papel, se a nossa máquina de lavar roupa parasse de funcionar; água, se nossa bomba d’água parasse de funcionar; pilhas de tamanho AA, pilhas de tamanho C e pilhas de tamanho D para o rádio, as lanternas e as ferramentas.

Ajudei meu pai a levar as compras para a caminhonete. Depois, fomos até o mercado e compramos pão, cereal, comida de cachorro e sopa enlatada e outras coisas que não iam estragar se nossa geladeira parasse de funcionar.

Depois do mercado, fomos até o posto de gasolina e enchemos os botijões de gás.

Naquela noite, Sam Diamond ligou para meu pai às 6h21 e, como eles resolveram ir para o Irlandês Sortudo, eu e a Poça ficamos sozinhas. Eu me dei conta de que poderia escutar o Canal do Tempo sem olhar para a TV. De costas para a TV, ouvi o Rex Caprisi dizer que o furacão Susan devia atingir a costa em cerca de duas horas, depois subir.

Subir pela costa.

Nós moramos longe da costa, nós moramos longe da costa.

Pensei na distância toda entre o meu dedo e o oceano Atlântico no mapa da Nova Inglaterra que estava dobrado incorretamente. Mesmo assim, liguei o rádio. O radialista disse que o furacão Susan era uma tempestade extremamente grande e que ia chegar à nossa região amanhã à noite.

Não é engraçado “à” ter três homônimos e “da” só ter um?

Fiquei parada na frente dos armários onde meu pai guardou nossos suprimentos. Comecei a contar:

16 rolos de papel-toalha

24 rolos de papel higiênico

2 pacotes grandes de guardanapo

4 pacotes de pratos descartáveis

3 pacotes de copos descartáveis

Olhei para nossa comida. Fiquei me perguntando se tínhamos provisões suficientes se a falta de energia durasse dois dias, quatro dias, uma semana.

Fiquei imaginando o que aconteceria se uma árvore caísse na nossa casa.

Sentei no sofá com a Poça até dar a hora de eu passear com ela. Depois nós fomos para a cama, eu a abracei e fiquei sentindo o peito dela subir e descer enquanto ela respirava.

Cruzei os dedos e fiz o gesto do coração na Poça.

17

Esperando

Na manhã seguinte, meu pai me acordou falando:

– Você deu sorte, Rosa. A escola vai fechar ao meio-dia hoje.

Essa era uma mudança não programada. Não estava na nossa agenda da escola.

Fiz careta e sentei na cama.

– Por quê?

Meu pai estava parado perto da porta, olhando para mim e para a Poça.

– *Por quê?* – repetiu ele. – Por causa da tempestade de que você passou a semana inteira falando. Ela deve chegar aqui hoje à noite.

– Mas, se a tempestade vai chegar à noite, por que vão fechar a escola de dia?

– Pelo amor de Deus, Rosa. Não sei. Para as pessoas terem tempo de se preparar, acho. Aproveite. Você tem meio período de folga da escola, ok?

O tio Weldon me levou para a Escola de Ensino Fundamental de Hatford e a senhora Leibler me acompanhou até a sala de aula. Todo mundo estava falando do furacão Susan, a supertempestade. Ele já tinha atingido regiões mais ao sul do país. Quatro pessoas morreram. Milhares perderam suas casas. Muitas cidades estavam alagadas. Sem luz. A tempestade estava indo em direção ao norte e devia fazer uma virada para dentro do continente, longe da costa.

Nós moramos longe da costa, nós moramos longe da costa.

O nome “Susan” corresponde a 74, que não é um número primo, e não descobri nenhum homônimo novo recentemente.

Depois que a senhora Kushel fez a chamada, perguntou se nós gostaríamos de conversar sobre a tempestade.

Todo mundo respondeu “sim”.

– Essa é a maior tempestade da história – anunciou Josh. Ele parecia satisfeito.

– Já morreu gente – disse Parvani, nervosa.

Eu fiquei de pé e gritei:

– Dois, três, cinco, sete, onze, treze!

Antes de eu conseguir dizer “dezessete”, a senhora Leibler me levou para o

corredor.

O tio Weldon encostou o carro na frente da nossa casa às 12h17. Normalmente, ele me deixa e volta direto para o trabalho, mas naquele dia ele tinha permissão especial para ficar comigo até meu pai chegar em casa. Nem eu nem ele falamos do bilhete da senhora Leibler. Depois, quando meu pai abrisse o envelope, ia ficar sabendo do incidente com os números primos.

À 1h21 da tarde meu pai voltou da Oficina J&R e meu tio foi embora.

– Vamos tentar manter contato – disse para mim e para meu pai. – Tomara que a tempestade não passe por aqui. Quem sabe está todo mundo exagerando, no fim das contas.

– Ligo para você amanhã – respondeu meu pai.

O tio Weldon caminhou em direção ao carro e eu entreguei o bilhete. Meu pai leu enquanto a gente ainda estava de pé, na varanda. Sacudiu a cabeça e falou:

– Pelo amor de Deus, Rosa. Por que você não fala esses números só na sua cabeça?

Meu pai ficou em casa o resto do dia. E ficou em casa depois do jantar também. Ficamos eu, a Poça e meu pai sozinhos em casa, com 8 árvores altas lá fora.

Dava para ouvir o vento e uma chuvinha.

Meu pai ligou a TV no Canal do Tempo e eu sentei do outro lado da sala, de costas para o aparelho.

– Estamos bem no caminho da tempestade – ouvi meu pai dizer. – Não vai ter escapatória.

– Morgan desobedeceu uma regra hoje – contei, sem me virar para ele. – Ela não levantou a mão e interrompeu a senhora Kushel.

Meu pai não respondeu.

– Sabe quem mais desobedeceu às regras? Josh. No primeiro dia de aula ele gritou. Gritar é contra as regras.

– Você quer vir até aqui e assistir à TV como uma pessoa normal?

– E uma vez Anders me fez tropeçar. De propósito. E Flo soltou pum duas vezes na fila do almoço.

– Rosa, não consigo escutar a TV.

– E também...

Meu pai levantou bem rápido. Fez que ia jogar o controle remoto em mim, mas acho que ele se lembrou de que a TV não funciona sem o controle e colocou o controle em cima da mesa.

– Vá para o seu quarto – disse.

Eu me afastei dele. A Poça foi atrás de mim até a cama. Peguei minha lista de homônimos. Fiquei lendo e relendo minha lista. De repente ouvi, lá da sala, o Rex Caprisi dizer:

– A segurança de muitas pessoas está em xeque.

Pulei da cama e gritei:

– Poça! “Cheque” e “xeque”! Um homônimo novo.

Fui com o dedo até a seção da letra C da minha lista e vi que não tinha espaço para eu escrever uma nova dupla de homônimos. Precisei passar a lista a limpo, a partir da letra C.

Não tinha nem chegado em “cereal / serial” quando escrevi um *i* em vez de *e*. Joguei a caneta no chão.

– Dois, três, cinco! – gritei, depois amassei o papel.

Meu pai chegou na porta rapidinho. Ele olhou para mim, depois para o papel.

– Pra mim, chega – disse, bem baixinho.

A Poça se enfiou entre mim e meu pai.

– Se você não consegue se controlar aqui em casa, pelo menos se controle na escola. Estou cansado disso. Estou cansado dos bilhetes. Estou cansado das reuniões.

– Mas minha lista de homônimos...

Meu pai se abaixou e pegou o papel amassado.

– Não me diga mais nem uma palavra sobre homônimos. Guarde tudo isso e vá pra cama. Já.

Meu pai não saiu de perto da porta. Eu e a Poça tivemos de mudar nossa rotina pela segunda vez no mesmo dia. Fui para baixo das cobertas de roupa e tudo. A Poça deitou do meu lado com todo o cuidado.

Nós duas precisávamos fazer xixi.

Sons da tempestade

Como meu pai fechou a porta do meu quarto, eu e a Poça ficamos no escuro. Dava para ver uma tirinha de luz embaixo da porta e ouvir as vozes do Canal do Tempo.

Não conseguia pegar no sono, mesmo com a mão nas costas macias da Poça.

O vento ficava cada vez mais barulhento. Tão barulhento que parecia um trem. A Poça começou a choramingar.

O som da TV sumiu e a tirinha de luz diminuiu. Foi assim que soube que meu pai tinha ido dormir.

A chuva caía cada vez mais forte, até fazer um barulhão no nosso telhado. A Poça começou a tremer do meu lado.

No nosso quintal, as árvores crepitavam e cediam (sediam). Galhos se (sê) partiam.

Uma coisa pesada bateu na minha janela. Fez um barulho alto (auto) e me agarrei na Poça. Mas a janela não quebrou.

Saí da cama e fui até a porta na ponta dos pés. Abri e fiquei escutando. Só sons da tempestade. Espiei o corredor para ver a porta do quarto do meu pai. Estava fechada. Não aparecia nenhuma luz por baixo da porta.

Voltei para a cama e deixei minha porta aberta.

Meu relógio marcava 11h34 da (dá) noite quando ouvi uma árvore cair no quintal.

Marcava 1h53 da manhã quando uma rajada de vento violenta jogou algo contra nossa porta da frente, e fiquei imaginando o que tínhamos esquecido lá fora. Nessa hora (ora), a Poça tremia tanto que a cama inteira chacoalhava.

O relógio marcava 3h10 da manhã quando ouvi um *crec* violento vindo de algum lugar, talvez da rua. Aí meu relógio desligou e todos os zumbidos da casa pararam ao mesmo tempo.

Ficamos sem luz.

Abracei a Poça o mais apertado que consegui e finalmente peguei no sono.

Quando acordei, uma luz fraquinha atravessava as venezianas da minha janela. A casa estava silenciosa. A tempestade devia estar quase acabando.

A Poça não estava no meu quarto.

A Poça não apareceu quando eu a chamei

No balcão da nossa cozinha, tem um relógio que não é elétrico. É redondo e azul, e tem uma onda do mar desenhada no mostrador. Em cima da onda, está escrito *Atlantic City*. Na manhã seguinte da tempestade, fui na ponta dos pés do meu quarto até a cozinha, que estava muito silenciosa. A primeira coisa que olhei foi o relógio. Os ponteiros marcavam 8h05. Em seguida, eu me virei para ver se a porta do quarto do meu pai estava aberta. Não estava. Peguei o telefone para ver se dava linha. Nada. Apertei uns botões. Nada. Estávamos sem luz e sem telefone.

Fui até a janela da sala e olhei para fora. O dia estava bem escuro e úmido. Ainda estava chovendo, mas pouco. Parecia que logo ia parar. As folhas das árvores estavam sacudindo um pouco, mas o vento não estava assoviando alto como na noite anterior.

Duas árvores do nosso quintal caíram: a bétula e o olmo. A bétula foi arrancada pelas raízes. As pontas dos galhos ficaram apoiadas no telhado da varanda. O olmo quebrou bem rente à terra. Caiu na direção oposta, atravessando a rua, e derrubou o poste de luz. Além disso, um dos nossos carvalhos estava partido ao meio e a copa de outro tinha sido arrancada. Havia galhos e folhas espalhados por todos os lados.

Olhei para a entrada da garagem, que estava coberta de galhos e de folhas como todo o resto, depois olhei para a estrada.

Fiquei sem ar. Eu me dei conta de que dava para ver o córrego que margeia a rua Sansão. Foi a primeira vez que consegui ver a água de tão longe. Como disse no capítulo 15, “Onde nós moramos”, a água desse córrego nunca atingiu mais do que 26,5 centímetros de altura. Mas a água estava tão alta que alagou as margens do córrego e inundou a estrada e a parte mais baixa do nosso quintal. Fluía rápido e com força, parecia um rio. Como não coube embaixo da nossa ponte, jorrava por cima dela. O final da nossa entrada desapareceu debaixo da água. Pedacos grandes de lenha estavam quebrando e sendo atirados na rua Sansão.

Estávamos presos na nossa casa. Mesmo depois que a água baixasse, o córrego ia continuar ali, sem a ponte para atravessarmos. Virei para trás (traz) e fiquei pensando se podia acordar meu pai. Queria falar sobre o que houve

(ouve) com a ponte e saber o que ele achava de estarmos ilhados.

Quando fui bater na porta do quarto dele, eu me dei conta de que não vi a Poça. Ela não estava na cozinha nem na sala. Voltei para meu quarto e olhei embaixo da cama. Às vezes a Poça se esconde ali quando está com medo.

Nada da Poça.

Olhei no banheiro.

Nada da Poça.

Olhei na cozinha e na sala de novo.

– Poça? – chamei. – Poça?

Nada.

Chamei mais alto:

– Poça!

De repente, a porta do quarto do meu pai se abriu (abriu).

– Pare de gritar, Rosa. Deixei a Poça sair. Ela precisava fazer xixi.

– Você deixou a Poça sair? Quando?

– Não sei. Faz um tempinho.

– E você abriu a porta para ela entrar de novo?

– Não.

– Por que não?

– Porque era *cedo*. Voltei pra cama. Ela deve estar na varanda.

Esqueci das árvores e da água e da entrada na garagem e de que estava ilhada. Abri a porta.

A varanda estava molhada. Tudo estava pingando e o sofá estava encharcado.

A Poça não estava ali. Chamei por ela de novo. Depois pisei na varanda de pés descalços e gritei, naquela manhã cinzenta:

– Poça! Poça! Poça! Poça!

Só ouvi pingos.

Comecei a respirar muito rápido.

Achei que era um sinal de pânico.

– Dois, três, cinco, sete, onze. Dois, três, cinco, sete, onze.

20

Por que fiquei brava com meu pai

Sentei numa das cadeiras da cozinha.

Alguma coisa aconteceu com a Poça.

Meu pai a deixou sair e ela não voltou.

Ela não faz isso.

Ela deve estar perdida.

Fiquei na frente da janela de novo, observando a água que jorrava, as árvores caídas, o fundo do nosso quintal, que parecia um lago.

– Encontrou?

Dei um pulo. Virei para ver meu pai. Ele estava parado na porta do quarto dele de camiseta e cueca samba-canção.

– Que horas você abriu a porta pra ela sair? – perguntei.

– Isso quer dizer que você não encontrou a cachorra?

– Estou chamando e ela não vem.

– Por que você simplesmente não me responde? Diga: “Não, eu não encontrei”.

– Não, eu não encontrei. Que horas você abriu a porta pra ela sair?

Meu pai coçou o pescoço e sentou na mesa da cozinha.

– Estamos sem luz – disse. – Sem telefone também?

– Eu tenho de responder às suas perguntas, mas você não precisa responder às minhas?

Vi um sorrisinho maldoso na boca do meu pai, mas ele só falou:

– Sete e quinze.

Sete mais um mais cinco dá treze, que é um número primo, mas achei que, nesse caso, isso não devia ser uma coisa boa.

– Faz mais de uma hora que ela saiu – respondi.

– Agora você responde à minha pergunta. Estamos sem telefone também?

– Sim. Por que você não ficou olhando a Poça quando ela saiu?

– Rosa...

– Por quê?

– Rosa, você está me deixando louco.

– Bom, por que você não me acordou?

– Quê? Quando a Poça saiu? Não sei. Porque nós sempre a deixamos sair

sozinha e ela sempre volta pra varanda.

- Ela nunca saiu no meio de uma tempestade.
- Você já tomou café?
- Eu estava procurando a Poça.
- Você. Já. Tomou. Café?
- Não.

Meu pai começou a pegar umas coisas. Colocou tigelas e copos descartáveis na mesa, uma caixa de cereal e pegou leite na geladeira, que estava escura por dentro.

- O leite ainda está bom – disse, cheirando a caixinha.

Fui da janela para a mesa e voltei para a janela. Abri a porta de casa e gritei:

- Poça! *Poça!*
- O café está pronto – anunciou meu pai.
- A Poça sumiu – respondi, voltando para dentro de casa.

Meu pai foi até a janela e disse:

- Que confusão.
- A ponte da entrada foi arrancada – contei. – Estamos presos aqui.
- Maldição.
- Queria poder ligar pro tio Weldon.
- E o que ele pode fazer?
- Ele pode me ajudar a procurar a Poça. Por que você não ficou olhando quando ela saiu?

- Já respondi a essa pergunta, Rosa. Agora vamos comer.

Fiquei parada na frente da janela. Fui devagar até o meu quarto e voltei para a cozinha.

- Por que você não conferiu se ela tinha voltado?

Meu pai bateu na mesa e a caixa de leite pulou. Ele olhou para o relógio de Atlantic City e falou:

- São oito e meia da manhã. E já estou de saco cheio de você.

Oito e meia foi a hora em que o meu pai ficou de saco cheio de mim e também a hora em que percebi que a coleira da Poça estava pendurada na maçaneta da porta. Foi ali que eu a tinha deixado na noite anterior, antes de meu pai me obrigar a ir para a cama com a Poça sem fazer xixi.

A Poça estava perdida lá fora e estava sem coleira.

Estava sem a plaquinha de identificação.

Foi o meu pai que a deixou sair de casa. É por isso que fiquei muito brava

com ele.

21

O focinho da Poça

Todos os cachorros têm focinhos inteligentes, mas o da Poça deve ser especialmente inteligente. Lembrei do dia em que ela me seguiu pelos corredores da escola até me encontrar na sala da senhora Kushel. O focinho dela teve de distinguir entre o cheiro de dezenas de crianças e de professores e seguir só o meu.

Lembrei da Parvani falando:

– Você é tão sortuda, Rosa.

Ela quis dizer que sou sortuda por ser dona da Poça, uma cachorra que tem um focinho tão inteligente.

Não consegui comer o cereal que meu pai serviu para mim. Deixei em cima da mesa e voltei para a porta.

– É o olho do dono que engorda o gado – falou meu pai. Ele engoliu o cereal e tomou refrigerante direto da lata.

– Quê? – perguntei.

– Nunca ouviu essa expressão? Quer dizer... – Meu pai ficou quieto por um instante, depois completou: – Quer dizer... Bom, quer dizer não fique aí parada. A Poça vai voltar quando quiser voltar.

Virei para olhar meu pai de frente.

– A Poça tem um focinho inteligente – falei.

– *Nhhhhh*.

– Tem, sim. Mesmo se ela tiver se perdido na tempestade, o focinho dela vai ajudá-la a encontrar o caminho de casa.

– Ok. Venha comer.

O dia foi longo e escuro. A chuva parou de cair e o vento parou de soprar, mas o Sol não apareceu. A casa ficou gelada. Meu pai vestiu uma calça e uma camisa de flanela. Acendeu o fogão a lenha. Acho que eu não sentiria tanto frio se a Poça estivesse ali.

Depois do café da manhã, perguntei se podia sair e procurar a Poça.

Meu pai ficou parado na varanda, pensando. Por fim, falou:

– Você pode sair de casa, mas não saia do nosso quintal. Tem fios elétricos

pela rua e você pode ser eletrocutada. Não chegue perto dos fios e não chegue perto da água também. Você não faz ideia da força da correnteza.

– Será que a Poça consegue nadar?

– Nessa correnteza? Provavelmente não.

Andei pelo quintal e fiquei chamando:

– Poça! Poça! Poça!

Precisei pisar nos galhos e subir nas árvores quebradas.

Nem sinal da Poça.

Fui até o declive, em direção à rua Sansão, mas parei quando cheguei perto da água. A água no nosso quintal não estava correndo rápido, mas eu não sabia a profundidade. A água perto da rua estava correndo bem rápido. Era uma correnteza, como meu pai falou. Joguei um galho nela, que desapareceu imediatamente. Não o vi mais.

Fiquei chamando a Poça, mas o barulho da água era tão alto que mal conseguia ouvir minha própria voz.

Voltei para dentro de casa. Meu pai estava sentado na mesa da cozinha tentando sintonizar o rádio de pilha.

– Que bela porcaria – resmungou, mas logo uma voz começou a falar alto na cozinha.

– Está funcionando – falei. Aí lembrei do comentário sarcástico do meu pai sobre eu ser boa observadora. Esperei que ele falasse alguma coisa, mas só ficou mexendo nos botões do aparelho.

Finalmente, conseguiu sintonizar num canal que estava dando um alerta de enchente.

– Um alerta de enchente. Não me diga! – ele comentou.

Dessa vez, o sarcasmo foi com o rádio.

No almoço comemos uma banana e um pãozinho sem tostar com manteiga de amendoim. Aí meu pai falou:

– Acho que podemos começar a limpar o quintal. Não temos nada pra fazer mesmo.

– Queria poder falar com o tio Weldon.

– Bom, não dá pra falar com ele. O telefone não funciona e as estradas estão intransitáveis.

Passamos a tarde toda limpando o quintal. Quando escureceu, a maioria dos galhos já estava empilhada para ser usada como lenha quando secasse. As

árvores ficaram para depois, vão ter de ser cortadas com serra elétrica.

Meu pai começou a andar em direção à nossa casa, que estava escura. Fiquei parada no quintal por um tempo e olhei em volta. Quem sabe os olhos (óleos) brilhantes da Poça iam aparecer antes que a luz do dia acabasse. Fiquei olhando, olhando.

E nada.

Não consegui pegar no sono naquela noite. Fiquei deitada na cama, pensando na Poça. Levantei cinco vezes e fui até a porta de casa para ver se o focinho dela a tinha trazido de volta. Nada.

Finalmente peguei no sono. Só acordei na manhã seguinte, com meu pai batendo na porta do meu quarto. Ele entrou e disse:

– A escola vai ficar fechada indefinidamente.

Ele estava com o rádio de pilha na mão.

– A Poça está lá na varanda? – perguntei.

Meu pai suspirou e respondeu:

– Não.

– O que nós vamos fazer hoje?

Ele apontou para a janela e falou:

– Saiu sol. Não está tão frio. Podemos continuar limpando o quintal.

– Ok. Quanto tempo você acha que é *indefinidamente*?

Meu pai sacudiu a cabeça e disse:

– Rosa, indefinidamente é indefinidamente. Quer dizer que não se sabe.

Então quer dizer que “indefinidamente” é incerteza. Não gosto de incerteza.

– Será que alguém pode dar um palpite? – perguntei. – Preciso muito saber.

– Sinto muito. Você vai ter de esperar. – Meu pai me mostrou o rádio. – Estava ouvindo as notícias. Todos os lugares estão sem energia. Milhões de pessoas estão na escuridão. *Milhões*. Pode levar várias semanas até conseguirem consertar a rede elétrica. E sua escola não vai abrir enquanto a energia não voltar.

Mas eu precisava da minha rotina.

Mais do que tudo, precisava da Poça.

Eu e meu pai comemos cereal seco e biscoitos salgados com manteiga de amendoim no café da manhã. Aí fomos para o quintal de novo. Meu pai olhou as árvores caídas. Fui até a rua Sansão e fiquei observando a água. Parecia que, no nosso quintal, tinha baixado um pouco. Mas, por todos os lados, continuei ouvindo um *shhhhh* bem alto. *Shhhhh* e *rrrraaaaaar*. Os córregos viraram riachos, e os riachos viraram rios. Fiquei pensando que, se arrancaram nossa ponte, deviam ter arrancado outras coisas. Coisas maiores e coisas menores. Casas, quem sabe, e todos os tipos de seres vivos.

Fiquei olhando para os fios elétricos que continuavam caídos na rua Sansão. Olhei na direção do Irlandês Sortudo e vi que as árvores caíram atravessadas na estrada, bloqueando a passagem. Eu me dei conta de que ainda ia demorar muito para o tio Weldon conseguir nos visitar.

No fim da tarde, quando meu pai estava ficando cansado de serrar árvores, vi alguém chegando pela estrada.

– John! – gritou meu pai.

O homem acenou para ele. Depois pisou na água e foi até o lado da rua e ficou parado no lugar onde nossa ponte deveria estar.

– Acho que vocês estão ilhados – disse o John, cujo nome corresponde a um número primo (47) e que deve ser alguém que meu pai conhece do Irlandês Sortudo.

Meu pai colocou uma mão no quadril. Limpou a testa na manga.

– É. Vai demorar um pouco para consertar isso. Talvez eu consiga construir uma ponte provisória por cima do córrego. Tem ouvido as notícias?

– A enchente por aqui está terrível – falou o John 47. – Cidades inteiras estão debaixo d’água. A nossa não, mas várias outras. Muita gente perdeu a casa. Muitas pessoas vão ter as casas interditadas. Não sei para onde vão.

Meu pai sacudiu a cabeça e disse:

– Que estrago.

Na hora em que eu e meu pai fomos dormir, eu me dei conta de que a Poça estava desaparecida há 37 horas, outro número primo, o que não era bom.

Deitei na cama vestindo um monte de roupas porque a casa estava muito gelada. Fiquei ouvindo o barulho da água lá fora.

Pela primeira vez, pensei que a Poça podia ter se perdido tanto que não ia conseguir encontrar o caminho de casa.

O que deve ter acontecido

Fiquei deitada acordada na cama por (pôr) várias horas (oras). Não conseguia dormir. Apesar do meu quarto estar gelado, abri uma fresta da janela. Fiquei ouvindo o barulho da água que não parava de (dê) correr. Fico imaginando pequenas nascentes de água no alto (auto) dos morros, pingando até se juntarem aos córregos e riachos, ganhando força e velocidade e se encontrando com os rios. Aí imagino todas essas nascentes, todos esses córregos, riachos e rios inchando com os 38 centímetros de chuva que caíram durante o furacão Susan. Foi esse o tanto de água que caiu nessa área (ária) em 12 horas. Trinta e oito centímetros. Quase meio metro. Meu pai ouviu essa informação no rádio de pilha.

Tentei imaginar a cena da ponte sendo arrancada de repente, como as tábuas devem ter rachado e se soltado antes de começarem a partir e flutuar pela rua afora. Lembrei do que meu pai falou sobre a força da correnteza e do que o John 47 disse sobre as casas sendo levadas embora pela água.

Por fim, achei ter descoberto o que aconteceu com a Poça. É isso que eu pensei: depois de meu pai deixar a Poça sair na tempestade, ela atravessou o quintal, naquela luz fraca. Ela é muito inteligente e tem um focinho muito inteligente também, mas não sabia que tinha de ficar longe da água que estava no fundo do nosso quintal. Era uma coisa nova para ela. A Poça é curiosa e pode ter se inclinado para descobrir o que o focinho dela ia dizer sobre aquela água toda. Talvez tenha visto alguma coisa flutuando e chegado mais perto para ver melhor. Ou quem sabe só queria tomar um golinho de água.

Seja lá o que tenha acontecido, a Poça chegou perto demais da água e a correnteza a levou embora. Minha cachorra é boa nadadora, mas pode ter sido levada para muito longe antes de conseguir sair da água. Quando finalmente chegou a um lugar aonde conseguiu sair da água, cheirou e cheirou, mas não encontrou nenhum cheiro conhecido. Não conseguiu encontrar meu rastro porque estava longe demais de mim. Estava ventando, estava tudo alagado e tinha um monte de cheiros desconhecidos. A Poça ficou confusa. Ficou perdida. Não sabia para que direção ir e começou a andar na direção errada.

Concluindo, acho que a correnteza levou a Poça para muito longe da nossa casa. E, por causa disso, vai demorar muito tempo para ela encontrar o caminho de volta.

Onde você está, Poça?

Meu coração começou a bater mais forte.

Dois, três, cinco, sete, onze, treze.

III

A próxima parte

23

Por que meu pai ficou bravo comigo

No dia seguinte, que era uma segunda-feira, o dia estava ensolarado, com céu azul. Às 8h da manhã, a temperatura era moderada, 17 graus, que é um número primo. Fiquei na varanda de costas para o quintal, e não parecia que uma supertempestade havia caído há apenas 60 horas. Mas, quando me virei, vi as árvores caídas, nosso gramado encharcado e o córrego que corria pela rua Sansão sem ponte no nosso quintal. E lembrei que eu e meu pai ainda estávamos ilhados.

Além disso, a Poça estava desaparecida.

Além disso, ainda estávamos sem luz e sem telefone. A geladeira esquentou e, na noite anterior, meu pai jogou fora tudo o que tinha nela e tudo o que estava no *freezer* também. Não tínhamos mais gelo e só tínhamos mais alguns baldes de água para dar descarga.

– O que vamos fazer quando não pudermos mais dar descarga? – perguntei.

Meu pai estava sentado na cozinha, tomando café da manhã. Comia atum direto da lata e maçã, além de beber água tônica de uma garrafinha. Nem ligou que o refrigerante estava quente.

– Vamos fazer nossas necessidades no mato – respondeu.

Fiquei observando o rosto dele. Procurei pistas de algum estado de espírito. Um sorriso, por exemplo. Não achei que ele estava sendo engraçado.

– Como vamos fazer nossas necessidades no mato?

– Que pergunta é essa? É só ficar atrás de uma árvore e fazer xixi.

– Não quero fazer xixi no mato.

Não me pareceu muito higiênico.

– Nhnhnh.

– Quais são as nossas opções?

– Como assim?

– O que mais a gente pode fazer além de fazer xixi atrás de uma árvore?

– Não sei. Fazer xixi num balde.

Isso me pareceu um pouco melhor.

– Posso colocar um balde no banheiro?

Meu pai deu de ombros e disse:

– Vai fundo.

– Quê?

Meu pai suspirou. Devia ser um sinal de aborrecimento.

– Quero dizer, faça o que você quiser, ok? Se você vai ficar feliz de fazer xixi num balde no banheiro, então faça xixi num balde no banheiro. Mas você vai ter de esvaziar o balde. Não vou fazer isso para você.

Coloquei cereal numa tigela, sentei na frente do meu pai e comi o cereal seco.

– O que nós vamos fazer hoje? – perguntei.

– Continuar serrando as árvores.

– Queria que a gente pudesse visitar o tio Weldon.

Meu pai fez sinal para a janela e falou:

– Por acaso uma ponte apareceu magicamente no fundo do quintal?

Virei para conferir e respondi:

– Não.

– Então não podemos visitar o Weldon. Ponto-final. Fim de papo.

Depois do café da manhã, meu pai encheu o tanque de gasolina da motosserra. E voltou a serrar os troncos das árvores caídas. Não tenho permissão para chegar a menos de três metros da motosserra, o que é bom, porque ela é muito barulhenta. Minha tarefa era empilhar os pedaços menores de lenha. Quando não consegui mais aguentar o barulho, fiz uma pausa, tapei os ouvidos (olvidos) com as mãos e fiquei andando pelo quintal. Fiquei parada perto da rua, olhando para a água, que não estava mais correndo tão rápido. Fiquei imaginando por quantos quilômetros a Poça podia ter sido levada pela água no sábado. Fiquei imaginando quantos quilômetros de distância ela andou na direção errada depois de ter saído da água.

Esperei até ouvir a motosserra parar por um tempo e depois gritei para meu pai:

– Por que você não me acordou quando deixou a Poça sair de casa durante a tempestade?

– Caramba, Rosa. A gente já não falou sobre isso?

– Mas por que você não fez isso?

– Vou responder a essa pergunta mais uma vez e, depois, não quero mais ouvir falar desse assunto. Não acordei você porque a Poça já tinha saído de casa sozinha um monte de vezes e sempre voltou. Não achei que fosse

preciso. Além disso, a tempestade estava quase no fim.

– Por que você não pôs a coleira na Poça antes de deixá-la sair?

– Rosa! Já chega!

– Mas essa é uma pergunta nova. É a primeira vez que eu pergunto da coleira.

Meu pai puxou a corda para dar partida na motosserra. Nada aconteceu.

– Como está sem coleira, está sem placa de identificação – expliquei.

– Sei disso.

– Então por que você deixou a coleira dela pendurada na porta?

Meu pai virou as costas para mim, sacudindo a cabeça. Bateu o pé no chão, depois puxou a corda de novo com

violência. A motosserra soltou um zumbido que mais parecia o de um avião a jato. Tapei os ouvidos. Com as mãos ainda sobre os ouvidos, andei em volta do meu pai, mantendo os três metros de distância, até ficar de frente para ele.

– Por que você não pôs a coleira nela? – gritei.

Meu pai estava com cara de bravo. Ele desligou a motosserra e a jogou no chão. Veio até mim bem devagar e alguma coisa que eu senti me fez correr. E foi isso que fiz. Corri para casa e bati a porta. Olhei pela janela e vi meu pai voltando para a motosserra. Esperei até ouvir o zumbido dela, fui para o meu quarto e deitei na cama.

Às vezes, quando estou chateada, a Poça me encontra e deita do meu lado. Apoia a cabeça no meu ombro e me olha nos olhos. Então fico sentindo a respiração dela perto da minha bochecha.

Mas a Poça não estava ali naquele momento porque meu pai não pôs a coleira nela quando a deixou sair de casa no meio de uma supertempestade.

Liguei para o tio Weldon

No dia seguinte, aconteceu uma coisa boa. Entrei na cozinha de manhã cedo e a primeira coisa que percebi foi o zumbido da geladeira. A segunda coisa que percebi foi que não estava tão frio na cozinha. A terceira coisa que percebi foi que o abajurzinho da sala, que meu pai às vezes deixa aceso durante a noite, estava ligado.

A luz tinha voltado. Nem levou várias semanas, no fim das contas.

Peguei o telefone e ouvi dar linha.

O telefone também tinha voltado.

Quase bati na porta do quarto do meu pai para dar a notícia, mas olhei para o relógio de Atlantic City e vi que eram só 6h20 da manhã, ou seja, muito cedo para acordá-lo.

Mas não era muito cedo para ligar para o meu tio.

Quando ele atendeu, estava com voz de sono, mas não parecia bravo.

– Tio Weldon! – gritei. – Sou eu, a Rosa. Tudo voltou a funcionar.

– Rosa! – tio Weldon parecia tão animado quanto eu. – Você está bem?

– Sim – respondi, já que não estava machucada.

– Tentei ir até a casa de vocês, mas muitas árvores estão caídas. Não consegui passar. Nem ontem à noite.

– Nossa ponte foi levada pela água – disse. – Então a gente não pode sair daqui. Tio Weldon?

– Sim?

– A Poça desapareceu.

– O quê?

– A Poça desapareceu.

Aí contei para ele que meu pai deixou a minha cachorra sair de casa sem coleira no sábado de manhã no meio de uma suspertempestade.

– Ah, Rosa – falou meu tio. – Que coisa horrível.

– Não sei o que fazer. Não podemos procurá-la porque estamos ilhados aqui. E eu não podia ligar para a polícia porque o telefone não estava funcionando.

– Para a polícia?

– Para eles procurarem a Poça – expliquei.

Houve alguns segundos de silêncio, depois meu tio falou:

– De qualquer jeito, a polícia está muito ocupada neste momento. Precisa desobstruir as estradas e ainda tem muita gente ilhada na própria casa, por causa da água. Vamos ter de procurar a Poça sozinhos. – Ele ficou em silêncio de novo e perguntou: – Você tem certeza de que está bem?

– Estamos um pouco cansados de comer manteiga de amendoim e atum – respondi. – E tenho que fazer xixi num balde porque nossa água acabou. E também caíram algumas árvores, mas nenhuma caiu em cima da nossa casa.

– E como você está passando sem a Poça?

Não sabia muito bem como responder a essa pergunta.

– Rosa?

– Bom, como a Poça não está aqui, não preciso dar comida para ela nem levá-la para passear.

– Mas como você está se sentindo?

– Sinto que gostaria de encontrá-la.

– Parece que você está se sentindo um pouco sozinha – disse meu tio.

Foi aí que eu entendi.

– Estou, sim. E estou preocupada. E triste. Tio Weldon, como é que se procura um cachorro perdido?

– Acho que podemos começar colocando um anúncio no jornal. Podemos colocar uns cartazes pela cidade também. Mas vamos ter de esperar alguns dias para fazer essas duas coisas, apesar do fato de a luz ter voltado ser um bom sinal.

Como a luz tinha voltado, eu e meu pai assistimos à TV pela manhã. Ligamos no noticiário. Ficamos sabendo que a maioria das ruas de Hatford estaria desobstruída até o fim daquele dia. Ficamos sabendo que a escola poderia abrir na próxima segunda-feira.

– Agora que o Weldon pode ir de carro até a cidade, talvez ele consiga comprar material para começarmos a construir uma ponte provisória sobre o córrego. – disse meu pai.

– Talvez ele consiga ir ao mercado – completei.

– Quem sabe. Nosso mercado está soterrado embaixo de quase dois metros de lama. A loja de ferragens também. Ele vai ter de ir até Newmark para fazer compras.

À noite, jantamos na frente da TV. Ouvi um apresentador, que estava dando a

notícia de um crime, dizer:

– Um crime complicado começou de maneira simples, disfarçado de amizade. O imóvel, sito à rua...

Virei para meu pai e perguntei:

– Sito? – Aquilo era estimulante. – Sito? Como é que se escreve “sito”?

– E eu lá sei?

Fui conferir no nosso velho dicionário. Demorei para encontrar. Aí corri para o meu quarto para conferir a letra S na minha lista de homônimos. Então acrescentei: “sito / cito”.

De repente, fiquei com mais esperança de encontrar a Poça. Abri meu caderno da escola e escrevi, no topo de uma página em branco: *Como procurar um cachorro perdido.*

Como procurar um cachorro perdido

T*oc, toc, toc.*

Na manhã seguinte, acordei com o som de alguém batendo na nossa porta. Como a luz tinha voltado, não precisei ir até a cozinha e olhar no relógio de Atlantic City para ver que horas eram. Pude sentar na minha cama e ver no meu rádio-relógio. Sete e quarenta e um. Quem estaria batendo na nossa porta tão cedo, nesse horário que não é um número primo?

Quem sabe alguém tivesse encontrado a Poça! Mas aí lembrei que ela estava sem coleira por causa do meu pai. Como é que as pessoas podiam saber onde ela morava?

Não havia outra resposta lógica para essa pergunta: nosso visitante era o tio Weldon.

Fui correndo até a sala e olhei para a varanda.

Meu tio estava lá parado, segurando uma sacola que devia estar cheia de comida.

Abri bem a porta.

– Rosa! – gritou o tio Weldon.

Ele pôs (pois) a sacola no chão e me pegou no colo. Isso (iço) não me incomodou tanto quanto eu imaginava.

– Oi, tio Weldon – falei, quando ele me pôs no chão. – Como você conseguiu chegar aqui?

– Tive de parar o carro no fim da rua, atravessar o córrego na parte mais rasa e subir o morro até sua casa.

– Obrigada por ter vindo. Eu tenho um plano.

– Tem mesmo? Um plano para quê?

– Um plano para encontrar a Poça. Vou começar a pôr em prática agora mesmo.

– Você não quer ver o que eu trouxe?

– Quero.

Dei uma olhada na sacola. Frutas. Leite. Manteiga. Alface. Cenouras.

– Você foi ao mercado lá em Newmark? – perguntei. Aí lembrei de dizer “obrigada” de novo.

– De nada – disse o tio Weldon, dando um sorriso. – Sim, eu fui até

Newmark ontem. Foi uma viagem e tanto. Não dá para acreditar em quantas casas foram destruídas. Completamente destruídas.

Minha cabeça estava concentrada nos meus planos para encontrar minha cachorra, mas algo veio à minha mente.

– Onde estão as pessoas?

– As pessoas que tiveram as casas destruídas?

– É. Elas morreram?

– Céus, não – respondeu o tio Weldon. – Elas estão em abrigos. A Escola de Ensino Médio de Hatford foi transformada em abrigo. Você até pode voltar a ter aula na segunda-feira, mas quem está no Ensino Médio não vai voltar tão cedo.

– Fico feliz que as pessoas não tenham morrido – falei. – Você quer que eu acorde meu pai?

O tio Weldon sacudiu a cabeça e disse:

– Deixe seu pai dormir. Vou guardar a comida, você pode tomar café da manhã comigo e depois eu volto para minha caminhonete. Seu pai pode me ajudar a descarregar o material de construção. Vamos começar hoje a fazer a ponte provisória.

Eu e o tio Weldon tomamos café da manhã juntos na mesa da cozinha. Quando terminamos, fizemos o gesto do coração. Então fui para o meu quarto e abri um mapa em cima da cama. Era o mapa da Nova Inglaterra que temos na garagem. Fiquei feliz porque ele estava dobrado direitinho, com todas as dobras na ordem certa. Depois, abri a lista telefônica. Era a lista telefônica da nossa região. Na noite anterior, tinha olhado as páginas comerciais e encontrado uma seção com abrigos de animais. Tinha muito mais abrigos do que eu esperava.

Estava com tudo de que eu precisava: o mapa, a lista telefônica, o telefone, um bloquinho de papel e uma caneta.

Estava na hora de pôr meu plano em prática.

Como procurar um cachorro perdido por Rosa Howard

1. Circule sua cidade num mapa.
2. Circule os lugares onde estão localizados os abrigos de animais (consulte a lista telefônica).
3. Ao lado de cada cidade, escreva os nomes dos abrigos localizados ali.
4. Pegue um compasso, coloque a ponta na sua cidade, depois faça um

círculo em volta dela. O círculo deve compreender uma área aproximada de 25 quilômetros.

5. Desenhe um círculo ainda maior, com uma área aproximada de 50 quilômetros.

6. Desenhe um círculo ainda maior, com uma área aproximada de 75 quilômetros.

7. Desenhe um círculo ainda maior, com uma área aproximada de 90 quilômetros.

8. Faça uma lista dos abrigos de cada círculo. Uma lista por círculo.

9. Ligue para os abrigos, começando com os que ficam mais próximos da sua cidade.

10. Continue telefonando até encontrar seu cachorro.

Levei meu mapa e minhas listas para a cozinha. Meu pai já estava acordado, terminando de tomar o café da manhã e conversando com o tio Weldon. Mostrei o mapa.

– O que é isso? – perguntou meu pai.

– É meu plano para encontrar a Poça. – Mostrei os círculos e as listas para ele e para o tio Weldon. Então expliquei: – Vou começar ligando para os abrigos do círculo menor e depois vou passar para os círculos maiores.

– Muito organizado – disse o tio Weldon. – É um plano muito inteligente.

– E, além do mais, vai manter você ocupada – completou meu pai.

Existia a possibilidade de meu pai querer que eu ficasse ocupada para eu não fazer mais perguntas sobre por que ele deixou a Poça sair de casa sem coleira.

– Tenho um homônimo novo – anunciei. – “Sito” e “cito”.

Depois levei o mapa e as listas para o meu quarto e fechei a porta.

Alguém me chamou de “senhora”

O primeiro abrigo da minha lista se chamava Bicho Grilo. Não sei muito bem o que isso significa, mas não importa. O Bicho Grilo estava localizado a apenas 11 quilômetros de distância, perto da cidade de Effingham. Liguei para o número.

– Alô – disse uma voz.

– Alô – falei. – Meu nome é...

Mas a voz continuou falando. Parecia um robô.

– Por causa da enchente, todos os serviços do abrigo Bicho Grilo foram suspensos. Os animais que abrigamos estão temporariamente alocados no hotel Holiday Inn de Bellville. Por favor, ligue novamente daqui a algum tempo ou visite o Holiday Inn. Desculpe-nos pelo transtorno.

A voz parou de falar.

Olhei para minha lista. Tinha planejado riscar cada abrigo depois de ligar, mas agora não posso riscar o Bicho Grilo porque não falei com ninguém de verdade. Teria de ligar de novo outro dia. Percebi que precisava inventar um código para não me confundir com meus telefonemas. Pensei um pouco. Então escrevi a data ao lado do Bicho Grilo e, ao lado da data, *LDN*. *LDN* significa “ligar de novo”.

Liguei para o segundo abrigo da lista, o Adota Eu.

– Alô – disse uma voz. Fiquei esperando pelo restante da mensagem. – Alô – disse a voz de novo.

– Alô – falei. – Meu nome é Rosa Howard e estou procurando minha cachorra. Ela se perdeu durante a tempestade.

– Olá, Rosa. – A voz parecia gentil. Achei que era uma voz de mulher. – Lamento muito pela sua cachorra. Como ela é?

Descrevi a Poça e expliquei que meu pai deixou minha cachorra sair de casa sem coleira no meio de uma supertempestade.

– Meu Deus... Bom, não temos nenhum cachorro aqui com as características da Poça. Mas cães e gatos perdidos aparecem por aqui todos os dias. Vou anotar seus dados para ligar para você se alguém trouxer uma cachorra pequena de pelo claro com dedos brancos. – falou a mulher.

– Sete dedos brancos – lembrei.

– Isso, sete dedos brancos. É uma boa maneira de identificá-la.

Passei meu nome e meu telefone para a mulher e disse que ia ligar de novo em alguns dias. Olhei para minha lista. Ao lado de Adota Eu, escrevi: *LDNDDAD*. Isso significa “ligar de novo dentro de alguns dias”.

Liguei para o Amigos Peludos, o terceiro abrigo da minha lista. Um homem atendeu e expliquei o que aconteceu com a Poça. Ele disse:

– Bom, senhora, nosso abrigo é muito pequeno e apenas dois cães foram trazidos para cá desde a tempestade: um *poodle* e um *yorkshire*. Sinto muito.

Passei meu nome e meu telefone para o homem, desliguei e escrevi: *LDNDDAD*. Ainda havia mais 7 abrigos para eu ligar antes de passar para a segunda lista. Quando terminei de ligar para os 7, olhei para a coluna que fiz no lado esquerdo do papel. Estava escrito: *LDN*, *LDNDDAD*, *LDNDDAD*, *LDNDDAD*, *LDN*, *NAOT* (que significa “ninguém atendeu o telefone”), *LDN*, *LDNDDAD*, *PMQNQFCUC* (“pessoa malvada que não quis falar com uma criança”), *LDN*.

E, até aquele momento, nenhum sinal da Poça.

Passei o resto da manhã ligando para abrigos. Meu pai e o tio Weldon ficaram construindo a ponte provisória. Na hora do almoço, sentamos na cozinha e comemos comida boa, fresca e geladinha saída da geladeira. Depois voltei para minhas listas e meu pai e meu tio voltaram para a ponte.

Lá pelo fim da tarde, eu já tinha ligado para todos os abrigos de todas as minhas listas e até tinha ligado duas vezes para alguns deles (resolvi pedir para o tio Weldon ligar para a pessoa malvada). Ninguém tinha visto a Poça, mas ela ainda podia estar perdida por aí. Eu teria de fazer muitos telefonemas antes de as aulas voltarem.

O tio Weldon ficou para o jantar.

– E aquele anúncio? – perguntei, quando meu pai serviu cachorro-quente para nós.

– Que anúncio? – quis saber o meu pai.

O tio Weldon pigarreou e respondeu:

– Falei pra Rosa que podemos colocar um anúncio no jornal falando da Poça.

– Nhhhhh.

– Você não sente falta dela? – perguntei para o meu pai.

– Da Poça? É claro que eu sinto falta dela.

– Então por que você deixou ela sair...? – comecei.

Meu pai levantou a cabeça tão rápido que pulei para trás na minha cadeira.

O tio Weldon enrugou a testa e perguntou:

– Que foi?

– Se ela me perguntar isso *mais uma vez* juro que vou... – respondeu meu pai.

E parou de falar de repente. Ficou olhando para o irmão dele. E eu também fiquei. Vi uma expressão nos olhos do tio Weldon que nunca tinha visto antes.

– Chega – tio Weldon sussurrou para o meu pai. – Chega.

Pulei da cadeira e comecei a dançar em volta da mesa.

– Dois, três, cinco, sete! – gritei.

– Acalme-se, Rosa. Acalme-se – disse o tio Weldon, batendo de leve no assento da minha cadeira. – Volte aqui e termine seu jantar.

– Acalme-se, Rosa. Acalme-se. Volte aqui e termine seu jantar – repeti. – Tio Weldon, você não disse nenhum homônimo, só o meu nome.

Meu pai ficou segurando o cachorro-quente no ar e fazendo cara feia para mim e para o meu tio.

– Tudo bem, Rosa – disse o tio Weldon. – Adivinha: pensei num homônimo novo para você hoje. Que tal “serra” e “cerre”?

Esqueci o meu pai.

– É perfeito! – exclamei. – Segue todas as regras. – Pensei por um momento e falei: – E, se você seguir esse padrão, que tal “sede” e “cede”?

– Excelente – respondeu o tio Weldon, que me deu um sorrisinho. – Depois do jantar, vamos escrever na sua lista.

– Ok.

Fiquei olhando com receio para o meu pai. Fiquei me sentindo como a Poça, tentando entender qual era o estado de espírito dele.

– Vocês sabiam – falei, quando estávamos quase terminando de jantar – que, se você somar nossos nomes e subtrair os números do nome da Poça, dá 180, que *não* é um número primo?

O tio Weldon enrugou a testa e ficou pensando no que eu havia dito.

– E isso é bom ou ruim? – ele perguntou, por fim.

Antes de eu conseguir responder, meu pai falou:

– E quem é que se importa com essa porcaria?

Minha história é uma história tão triste

Na segunda-feira, dez dias depois do furacão Susan, minha escola reabriu. O *Halloween* já havia passado, mas acho que ninguém percebeu. O tio Weldon chegou à minha casa no horário de sempre. Eu estava esperando por ele na varanda. Só que, daquela vez, estava sozinha. E isso aconteceu porque meu pai deixou a Poça sair de casa sem coleira no meio de uma supertempestade.

O ar estava frio e a manhã, ensolarada. Assim que vi a caminhonete do meu tio, atravessei o quintal correndo até a ponte provisória e caminhei sobre as tábuas com todo o cuidado. Não queria cair no córrego, mesmo que não tivesse mais tanta água lá embaixo. Estacionado na frente de casa, estava um carro velho e amarelo que meu pai pegou emprestado do Sam Diamond. Ele precisava estacionar o carro na rua porque não dava para passar de carro por cima da nossa ponte provisória. Mas, pelo menos, não estávamos mais ilhados na nossa própria casa.

Entrei na caminhonete do tio Weldon e, assim que fechei a porta, anunciei:

– “Espiar / expiar”, “espio / expio” e “espiei / expiei”.

O tio Weldon deu um sorriso e disse:

– Excelente. E tinha lugar para esses na sua lista?

– Sim – respondi. – Tinha espaço.

– Alguma notícia dos abrigos?

Sacudi a cabeça e respondi:

– Não. Nenhuma notícia.

– Você está nervosa de voltar pra escola?

Pensei por um momento e disse:

– Sim. Estou nervosa.

Meu pai tinha passado de carro comigo na frente da escola no dia anterior, para eu ver que estava tudo bem. Mas, mesmo assim, eu estava nervosa.

– Nervosa por quê?

Sacudi a cabeça.

Não sabia por quê.

A senhora Leibler me levou até a sala da senhora Kushel e vi minha carteira. Estava do mesmo jeito que era antes do furacão Susan. O resto da sala também. A senhora Leibler sentou na cadeira dela. Eu sentei na minha. Comecei a me sentir mais calma.

O sinal tocou. A senhora Kushel ficou na nossa frente, sorriu e disse:

– Olá, turma. Fico feliz de ver vocês. E estou feliz de estar aqui com vocês. Essa última semana foi bem assustadora. Agora é hora de retomarmos nossa vida. Mas, antes, acho que vocês podem querer conversar sobre como foram suas experiências com a tempestade.

Não consegui me controlar. Pulei da cadeira e exclamei:

– Ainda não podemos começar, senhora Kushel. Anders e Lenora ainda não chegaram.

A senhora Leibler me puxou de volta para a cadeira e me deu uma olhada que, provavelmente, era um aviso.

– Eu já ia falar sobre isso, Rosa – disse a senhora Kushel. – Lamento informar que Anders e Lenora não vão mais fazer parte da nossa turma. Eles tiveram de se mudar com as famílias deles.

Flo levantou a mão e completou:

– A casa deles foi levada pela enxurrada.

– Eles estão bem? – perguntou Parvani, com a voz meio trêmula. – Quer dizer, Anders e Lenora estão bem?

– Sim, estão – respondeu a senhora Kushel. – Juro. As famílias deles foram morar com parentes em outro lugar.

– Podemos escrever para eles? – perguntou Parvani.

– Que ideia maravilhosa. Vamos escrever para Anders e para Lenora esta tarde. E, agora, quem gostaria de falar sobre a própria experiência? – perguntou a senhora Kushel.

Um por um, meus colegas falaram sobre o que tinha acontecido na última semana e meia.

– Minha irmã quebrou o braço. Ela caiu da escada quando a luz acabou. – contou Morgan.

– Eu queria sair para brincar de gostosuras ou travessuras, mas meus pais disseram que o *Halloween* tinha sido cancelado – falou Martin.

– Precisamos morar no segundo andar da nossa casa até conseguirmos limpar a lama do primeiro. Nossa casa está fedida – contou Flo.

A senhora Kushel se virou para mim e perguntou:

– Rosa, você gostaria de contar alguma coisa para a gente? Como o

furacão Susan afetou você?

– Duas árvores caíram no nosso quintal: uma bétula e um olmo. Um carvalho partiu no meio e o olmo partiu rente ao chão. Nossa ponte foi levada pela enxurrada. E meu pai deixou a Poça sair de casa no meio da tempestade sem a coleira, e ela ainda não voltou.

Parvani ficou sem ar. Levantou o pescoço, olhou para mim e perguntou:

– A Poça está desaparecida? – quase sem voz.

– Sim – respondi.

– Ela está sumida desde o dia da tempestade? – quis saber Josh.

Notei que as senhoras Kushel e Leibler estavam se olhando. A senhora Kushel levantou as sobancelhas e a senhora Leibler encolheu os ombros. Aquilo era algum tipo de conversa.

– Essa história é tão triste! – exclamou Morgan.

– É, sim – falei. Depois completei: – Já bolei um plano de busca.

Contei para meus colegas sobre o mapa, os círculos e as listas.

– Além disso, meu tio colocou um anúncio no jornal.

– Gostei tanto quando a Poça veio aqui na escola – disse Josh.

– Ela é a melhor cachorra do mundo – completou Flo.

– Rosa, espero que você encontre a Poça – falou Parvani. Agora a voz dela estava bem trêmula. Ela ficou olhando para mim por tanto tempo que fui obrigada a olhar para o outro lado.

A senhora Kushel tocou o ombro de Parvani.

– E você, o que gostaria de contar? – perguntou, com muita delicadeza.

Parvani começou a chorar.

– Minha mãe é artista – contou. – Ela guardava todos os quadros dela num armazém, mas o armazém foi inundado e ela perdeu todas as obras. Tudo que ela pintou nos últimos quinze anos.

Virei para Parvani. Não sabia que a mãe dela era (hera) artista. Isso era muito triste.

As lágrimas corriam pelas bochechas da Parvani. A sala ficou em silêncio.

– Parvani? – disse a senhora Kushel, que se ajoelhou do lado dela.

Parvani estava engolindo ar.

– Você precisa ir lá no corredor? – perguntei.

– Rosa... – começou a senhora Leibler.

Mas Parvani levantou e respondeu:

– Sim.

Chorando, soluçando e limpando o rosto na manga, Parvani foi passando

pelas carteiras, em direção à porta.

– Eu vou com ela – falei para a senhora Leibler. E a acompanhei até o corredor.

Parvani encostou a testa na parede.

Percebi que deveria dizer algo para animá-la.

– Parvani, pensei em homônimos novos hoje de manhã. “Espiar / expiar”, “espio / expio”, “espiei / expiei”. Isso não é bom?

Parvani fungou, balançou a cabeça concordando e respondeu:

– Obrigada, Rosa.

Andando de carro com o tio Weldon

No sábado depois que as aulas recomeçaram, o tio Weldon parou a caminhonete, na frente da nossa casa, de manhã cedo, atravessou a ponte de tábuas e bateu na nossa porta.

– O tio Weldon está aqui – falei para meu pai. – Posso ir?

Eu e meu tio nos preparamos para passar o dia procurando a Poça. Ela tinha desaparecido há duas semanas, o que dava 14 dias, que não é um número primo.

– Deixe ele entrar – respondeu meu pai. – Preciso falar com ele.

Abri a porta. Eu e meu tio sorrimos.

– Preparada? – perguntou o tio Weldon.

– Preparada.

– Só um minutinho – disse meu pai, que estava de pé perto da pia, tomando suco de laranja direto da caixinha. – Ela precisa voltar até às cinco – falou, apontando o dedo para mim. – E nada de ficar estragando a menina com doce e sorvete.

– Fiz uns sanduíches de mortadela – respondeu meu tio. – Deixei lá na caminhonete. É isso que vamos comer enquanto a Rosa passa o dia inteiro procurando pela cachorra dela.

Meu pai espremeu os olhos para o irmão e perguntou:

– Por acaso você está sendo sarcástico?

– Só estou relatando os fatos.

– *Nhhhhh*. Tudo bem. – Meu pai ficou em silêncio, depois continuou falando: – Bom, desculpe não poder ir com vocês, mas vou começar a fazer a ponte definitiva hoje.

Eu me despedi do meu pai. Em seguida, eu e o tio Weldon fomos logo para a caminhonete.

– Você pegou tudo de que precisa? – perguntou, enquanto eu sentava no banco.

– Sim.

Eu estava com uma pasta e, dentro dela, tinha minhas listas e o mapa. Naquele dia, íamos nos abrigos mais próximos de Hatford, aqueles que estavam no círculo menor. Eu já tinha ligado para os lugares e haviam me

dito que nenhuma cachorra pequena, de pelo claro e com sete dedos brancos tinha sido levada para lá. Mas queria ver com meus próprios olhos. Além disso, podiam chegar novos cachorros perdidos naqueles abrigos a qualquer momento.

O tio Weldon conferiu minha lista. Pensou por um momento, deu partida na caminhonete e disse:

– Vamos primeiro ao Adota Eu, depois ao Amigos Peludos.

– No Amigos Peludos, alguém me chamou de senhora.

O tio Weldon deu risada e começou a dirigir.

Passamos o dia inteiro na caminhonete ou em abrigos de animais. Todas as vezes que entramos em um, fui até a recepção e falei:

– Olá. Meu nome é Rosa Howard e este é meu tio Weldon Howard. Estamos procurando minha cachorra. Ela se perdeu durante a tempestade. Já telefonei para vocês, mas queria vir aqui e dar uma olhada nos cachorros.

Tinha decorado esse discurso. O tio Weldon me ajudou a escrevê-lo na noite anterior. Era muita coisa para dizer para uma pessoa desconhecida, mas valia a pena se me ajudasse a encontrar a Poça.

Algumas pessoas dos abrigos se lembravam de ter falado comigo, mas outras não, incluindo a *PMQNQFCUC*. Sabia que era a mesma pessoa má porque reconheci a voz. Mas, dessa vez, ela foi mais gentil. Talvez porque o tio Weldon estivesse comigo.

Depois de eu fazer meu discurso, alguém do abrigo me levava, junto com meu tio, para conferir as gaiolas dos cachorros perdidos ou sem dono. Olhamos cada gaiola na esperança de encontrar a Poça.

Fomos a quatro abrigos naquela manhã; em seguida, comemos os sanduíches de mortadela na caminhonete; depois fomos a outros seis abrigos.

Não vimos a Poça.

Dez abrigos. Nada da (dá) Poça (possa).

– Está na hora de ir pra casa, Rosa – disse o tio Weldon, quando saímos do décimo abrigo. – Prometi pro seu pai que você ia estar de volta às cinco.

Estava sentada na caminhonete com o queixo apoiado na minha mão, observando a estrada à (há, a, ah) nossa frente. Resolvi que não ia responder à (há, a, ah) pergunta do meu tio (til).

– Você está cansada? – perguntou ele.

– Sim.

– Vamos tomar um sorvete.

Olhei para a esquerda.

– Você prometeu pro meu pai que não me daria sorvete.
– Mas isso foi antes de eu saber como o dia de hoje seria difícil. Você não acha que merece uma recompensa?
– Não sei.
– Você consegue guardar um segredo e não contar pro seu pai?
– Isso é como mentir?
– Mais ou menos. Mas às vezes não tem problema mudar de ideia. Hoje de manhã, eu e seu pai decidimos que não ia ter nada de sorvete. Mas agora acho que merecemos um sorvete depois de ir a dez abrigos de animais e não encontrar a Poça. Tudo bem?
– Tudo bem.
De repente, endireitei meu corpo no banco.
– Tio Weldon, tio Weldon! A senhora que está dirigindo aquele carro está falando no celular. Isso é contra a lei!
– Pense no sorvete, Rosa. Decida que sabor vai querer.
Fechei os olhos.
– Morango – falei.
E não abri os olhos até chegarmos à sorveteria.

O que não fazer quando você descobrir um novo homônimo

Na segunda-feira, o dia estava cinzento e chuvoso. Achei que, se a Poça ainda estivesse perdida por aí, devia estar com frio. Talvez estivesse até tremendo.

A senhora Kushel entregou as folhas de exercícios de revisão de Matemática. Uma questão de aritmética depois da outra: adição, subtração, multiplicação e divisão. Gosto dessas folhas. São muito bem organizadas. Três colunas com dez exercícios em cada folha.

Como as questões pareciam fáceis, acabei me distraindo. Comecei a pensar na Poça, então não consegui parar de pensar nela. E isso me deixou tão triste que resolvi contar todos os números primos da primeira página.

– Vinte e três! – anunciei para a senhora Leibler. A sala estava em silêncio, só se ouvia a minha voz. – Vinte e três números primos só nesta página. E adivinha: vinte e três também é um número primo.

– Rosa, você está tendo dificuldade para se concentrar? Você ainda não respondeu a nenhum exercício da revisão – disse a senhora Leibler, bem baixinho, olhando nos meus olhos.

– Sim. Estou com dificuldade de me concentrar.

– Então vamos fazer uma coisa de cada vez. O que você precisa fazer aqui?

A senhora Leibler pôs o dedo em cima do primeiro exercício da primeira linha.

Olhei para ele:

247

× 3

Sabia que precisava multiplicar o 7 por 3, mas meu cérebro não estava vendo nem 7 nem 3, muito menos 21. Estava vendo a Poça. A Poça perdida na chuva. A Poça numa poça de água, molhada, com frio, tremendo e com fome.

– Rosa? – disse a senhora Leibler de novo. Aí começou a bater no meu braço com a ponta do dedo. Bateu, bateu, bateu. Aquela unha pintada de vermelho batendo na minha pele.

Tirei meu braço de perto dela.

– Rosa?

– Pare! Pare com isso!

Percebi que as senhoras Kushel e Leibler estavam se olhando. Em seguida, a senhora Leibler falou:

– Hora de fazer um intervalo no corredor.

E me levou até a porta.

– “Hora” e “ora” são homônimos – anunciei. E me joguei no chão.

– Leve o tempo que quiser para organizar seus pensamentos. Você está precisando de uns minutinhos de paz e tranquilidade – disse a senhora Leibler.

– “Paz” e “pás”...

A senhora Leibler pôs os dedos sobre os lábios e fez:

– *Shhhhh*.

Tentei controlar meus pensamentos. Quando me senti mais calma, disse para a senhora Leibler:

– Eu me sinto mais calma.

– Então tudo bem.

Ela abriu a porta e voltei para minha carteira.

A senhora Kushel se inclinou na minha direção e sussurrou:

– Você está menos tensa, Rosa? Se não, pode ficar lá fora mais um pouquinho.

Arregalei os olhos e gritei:

– Oh! OH! “Senão” e “sinão”! É uma dupla de homônimos completamente nova. Obrigada, senhora Kushel. Preciso acrescentar essas palavras na minha lista quando chegar em casa. Tomara que ainda tenha espaço na letra S.

Como não queria esquecer os homônimos, arranquei uma folha de papel do caderno e escrevi, com todo o cuidado:

senão

sinão

Comecei a ouvir risadinhas. Vi Josh Bartel olhando para mim, depois para Parvani e revirando os olhos.

Mas Parvani virou o rosto para ele. E sacudiu a cabeça. Acho que foi o jeito que ela encontrou para me defender. Precisava agradecê-la. Abri a boca, mas, em vez de palavras, saiu um gemido alto.

A senhora Leibler me levou para o corredor na mesma hora.

Se pelo menos eu soubesse que a Poça ia estar à minha espera quando eu

voltasse para casa...

30

Vazios

Depois da aula, o tio Weldon me deixou em casa e voltou para o trabalho dele.

Estas são as coisas que tenho feito à tarde, enquanto espero meu pai voltar para casa:

- * Olho a caixa da minha mãe.
- * Começo a fazer o dever de casa.
- * Começo a fazer o jantar.

Estas são as coisas que não posso mais fazer à tarde:

- * Sentar na varanda com a Poça.
- * Levar a Poça para passear.
- * Dar comida para a Poça.

As tardes ficaram longas. Parecia que tinham muitos vazios: o vazio entre olhar a caixa da minha mãe e começar a fazer o dever de casa, o vazio entre terminar meu dever de casa e começar a fazer o jantar. Não sei o que fazer com esses vazios. A Poça costumava preenchê-los.

Como se preenche um vazio?

O bom telefonema

Na sexta-feira em que se completaram três semanas que o furacão Susan passou, o tio Weldon foi me buscar na escola, como sempre. Estávamos passando na rua Sansão quando notei que o carro amarelo do Sam Diamond estava parado na estrada, aí vi meu pai carregando ferramentas até a ponte.

Fiquei imaginando por que meu pai estaria em casa tão cedo. Pensei que ele ia ficar na Oficina J&R o dia todo.

O tio Weldon parou a caminhonete perto da ponte. Fizemos o gesto do coração, aí pulei da cabine e fechei a porta. Quando me virei, quase atrolei meu pai. Ele estava com os olhos espremidos e um ar de mau. Inclinou-se no vidro do carro e disse para o tio Weldon:

– Aquele Jerry me demitiu hoje.

Só que, em vez de “Jerry”, ele usou uma palavra que não tenho permissão para falar.

– Ele me demitiu, droga. Sem motivo nenhum – continuou meu pai.

E ficou batendo as mãos na lateral da caminhonete.

– Uau. O que você vai fazer? – perguntou o tio Weldon.

– Terminar a ponte.

– E depois?

– Não quero saber de depois neste momento, ok?

– Mas você não deveria pensar só um pouquinho no futuro? Não pode simplesmente ficar vivendo um dia depois do outro.

Parecia que o tio Weldon tinha mais coisas para dizer, mas meu pai o interrompeu.

– Tenho muita coisa para fazer por aqui. O quintal ainda está uma bagunça. Vou ficar ocupado.

– Não é disso que estou falando.

Fui correndo até o lado da caminhonete onde estava o tio Weldon. Fiquei na ponta dos pés e sussurrei pra ele:

– E o dinheiro?

– Rosa, estou vendo você, sabia? – falou meu pai, do outro lado da caminhonete. – Estou ouvindo também. Você acha que não vou conseguir

nos sustentar? Vou conseguir nos sustentar. Agora vá já para dentro de casa.

Atravessei a ponte o mais rápido que consegui. Atrás de mim, ouvi o tio Weldon pigarrear e dizer:

– Rosa tem razão, Wesley. *De onde* você vai tirar dinheiro? Rosa precisa de roupas novas...

Meu pai socou a caminhonete de novo.

– Quem é você para me falar do que Rosa precisa?

Ele estava gritando com os punhos em vez de usar a voz.

A conversa chegou ao fim. Não ouvi mais nada além do som da caminhonete engatando. Fui correndo até a varanda, passei pelo sofá e entrei logo em casa.

Peguei o telefone, levei para o meu quarto e atirei minha mochila no chão. Depois, peguei minha lista de abrigos de animais. Já liguei para todos os abrigos de todas as listas, mas só liguei uma vez para os abrigos que ficam mais longe, os que estão dentro do maior círculo que fiz no mapa. Estava na hora de ligar para eles de novo. Vai que a água levou a Poça para muito, muito longe? Vai que o focinho dela não estava funcionando, e ela foi na direção errada?

Liguei para o Centro de Recuperação de Animais da Cidade de Boonton. Nem sinal da Poça.

Liguei para o Abrigo Porto Seguro. Nem sinal da Poça.

Liguei para a Rede de Adoção de Animais da Cidade de Olivebridge. Nem sinal da Poça.

Aí liguei para o Abrigo de Animais Caudas Felizes. Uma voz atendeu ao telefone e, quando tive certeza de que era a voz de uma pessoa de verdade e não uma voz gravada, disse:

– Olá. É a Rosa de novo. Liguei para vocês na semana passada. Continuo procurando pela Poça, minha cachorra. Ela se perdeu no meio da tempestade. Tem pelo amarelo e sete dedos brancos. Será que alguém a levou para aí?

A pessoa do outro lado da linha, que era um homem, perguntou:

– Qual é o tamanho dela? Você sabe quantos quilos ela pesa?

– Ela pesa 11 quilos – respondi. E me controlei para não falar que 11 é um número primo. Esse assunto não era apropriado para aquela conversa.

– E ela tem dedos brancos?

– Não todos. Só sete. Dois na pata direita da frente, um na pata esquerda da frente, três na pata direita de trás e um na pata esquerda de trás.

– Espere um minutinho. – Dava para ouvir o homem repetindo as

informações sobre os dedos da Poça. Depois ele me disse: – Espera só mais um minutinho, ok?

Houve um longo silêncio. Fiquei olhando pela janela do meu quarto. Pensando em homônimos: "trás / traz" e "mas / más".

Finalmente, escutei a voz de novo:

– Temos uma cachorra assim aqui, sim – disse o homem. Ele parecia animado. – Alguém a trouxe há vários dias. Uma fêmea jovem de pelo claro com sete dedos brancos, igualzinha à que você descreveu. Estávamos tentando...

Minhas mãos começaram a tremer. Deixei o telefone cair no chão. Não conseguia pensar. Pus as mãos nos ouvidos e pulei na cama para cima e para baixo. Depois, pulei da cama e peguei o telefone. O homem estava dizendo: “Alô? Alô?”. Desliguei o telefone. Depois liguei de novo, para o número do tio Weldon, mas lembrei que ele ainda estava a caminho do trabalho. Desliguei o telefone de novo e fiz um grande círculo vermelho em volta da cidade de Elmara, no estado de Nova York, onde se localiza o abrigo Caudas Felizes. Sentei em cima das minhas mãos e tentei me lembrar de todas as coisas guardadas na caixa da minha mãe, uma por uma. Finalmente, liguei para meu tio de novo.

Ele atendeu logo na primeira chamada.

– Está tudo bem? – perguntou.

– Pode ser que a Poça esteja em Elmara! – gritei. – Eles têm uma cachorra de pelo claro com sete dedos brancos no abrigo. Alguém a levou para lá há alguns dias. Podemos ir para Elmara, por favor? Por favor?

– Busco você amanhã, às nove da manhã – respondeu meu tio.

O Abrigo de Animais Caudas Felizes na cidade de Elmara, no estado de Nova York

Na manhã seguinte, eu já estava sentada na varanda da nossa casa lá pelas 8h45, caso o tio Weldon chegasse cedo. Ele chegou às 8h55. Aí eu pulei do sofá, dei “tchau” para o meu pai, atravessei o quintal correndo e fui até a caminhonete.

Eu e o tio Weldon fomos até Elmara de bom humor. Conversamos sobre homônimos, números primos e contei para ele sobre a mãe da Parvani.

– A Parvani chora muito lá na escola. Acho que ela está muito triste. Tento animá-la falando de homônimos. – completei.

Quanto mais perto chegávamos de Elmara, mais eu falava.

– Tio Weldon, tio Weldon! Ali tem uma placa do Abrigo de Animais Caudas Felizes! “Caudas” tem um homônimo: “caldas”. Isso é um bom sinal, não é? Acho que é. Tenho certeza de que é a Poça a cachorra de 11 quilos de pelo amarelo com sete dedos brancos que foi levada para lá. Tanto 11 quanto 7 são números primos.

– Rosa, não fique animada demais. Vai que... – interrompeu meu tio.

– Vai que o quê?

– Vai que a cachorra de pelo claro com dedos brancos não é a Poça. Ok?

– Ok – falei.

Mas fiquei pulando no banco do carro, pois estava me sentindo feliz.

O tio Weldon deu a seta e nós viramos à esquerda e pegamos uma estrada de terra. Vi uma placa que dizia CAUDAS FELIZES – EM FRENTE. A estrada terminava em um estacionamento próximo a uma grande construção. Ali tinha outra placa, maior ainda que a da estrada, que dizia CAUDAS FELIZES. Debaixo das palavras, um gato e um cachorro estavam desenhados, bem juntinhos e com as caudas enroladas.

– Onde estacionamos? Onde estacionamos? – gritei.

– Rosa, acalme-se – disse meu tio. – Aqui tem uma vaga. E estou vendo uma placa ali que diz: ADMINISTRAÇÃO. Vamos lá.

Saí correndo na frente do meu tio, atravessei o estacionamento e fui andando pelo caminhezinho que levava até a placa de ADMINISTRAÇÃO. Abri a

porta. Lá dentro, vi uma sala de espera com uma mesa e várias cadeiras de plástico duro. Algumas estavam ocupadas. A maioria estava vazia. Não prestei atenção nas pessoas que estavam sentadas nas cadeiras. Só estava interessada no homem sentado atrás da mesa.

– Devagar, Rosa! – gritou meu tio, mas ele estava dando risada.

Fui até a mesa, fiquei na ponta dos pés e disse:

– Meu nome é Rosa Howard. Liguei ontem falando sobre minha cachorra.

Expliquei como a Poça é de novo; o homem deu um sorriso.

– Sim – falou. – Estávamos esperando por você. Só um minuto. Deixe eu chamar a gerente do abrigo.

Ele falou num telefone que estava em cima da mesa e, alguns minutos depois, uma porta no fundo da sala se abriu e uma mulher passou por ela. Estava segurando uma guia e falando:

– Vem, vem garota.

Fiquei observando a guia atravessando a porta atrás da mulher. Observei e observei, até que finalmente consegui enxergar o que estava na outra ponta.

– Poça! – gritei.

Corri até ela. No começo, a Poça parecia meio confusa. Olhou para todos os cantos da sala, porque estava vendo pessoas estranhas. Mas, quando parou em mim e no tio Weldon, começou a saltar e pular e ganir e latir.

Ajoelhei no chão e dei um abraço na Poça. Ela se sacudiu tanto que seu corpo inteiro vibrou. Aí colocou as patas da frente nos meus ombros e lambeu meu rosto.

– Poça – falei de novo. Olhei para trás, para o tio Weldon. – É ela mesmo – sussurrei.

Vi que meu tio estava chorando. Vi que a mulher que segurava a guia estava chorando. O homem sentado atrás da mesa também. E duas das pessoas que estavam sentadas nas cadeiras de plástico duro também estavam chorando.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, mas a Poça as lambeu, então não precisei me preocupar com elas.

Quando eu e a Poça nos acalmamos e todo mundo parou de chorar, a gerente do abrigo estendeu a mão para o tio Weldon e disse:

– Eu sou Julie Caporale.

O tio Weldon e Julie Caporale conversaram por um tempo. Não prestei muita atenção no que eles estavam falando. Sentei no chão e a Poça subiu no meu colo. Fiz carinho nas orelhas e nas patas dela e a examinei com toda a

atenção. Ela parecia mais magra e tinha alguns cortes no rosto e umas marcas na barriga que deviam ser picadas de inseto. Mas ainda era a minha Poça.

Depois de muito tempo, ouvi a senhora Caporale dizer para meu tio:

– Ficou muito claro que esta cachorrinha sortuda encontrou os donos dela, mas preciso seguir o procedimento-padrão antes de entregá-la para vocês. Vocês podem me mostrar algum documento dela? Preciso me certificar de que as informações do seu documento batem com as informações do *microchip* que ela tem no corpo. Estou um pouco confusa, porque as informações no *chip* dizem que o nome da cachorra é Olívia, não Poça.

Virei a cabeça para olhar para o tio Weldon.

– Posso lhe mostrar minha carta de motorista, com o maior prazer – disse ele. – Mas preciso dizer que sou tio da Rosa, não pai dela e...

Precisei interromper a conversa.

– O que é um *microchip*? – perguntei.

O que é um microchip

No fim, um *microchip* é um *chip* bem pequeno, do tamanho de um grão de arroz, que os veterinários injetam nos bichos de estimação e que contém informações como quem são os donos do animal e quais são os contatos deles.

– Escaneamos a Olívia. Desculpe, a Poça, para ver se ela tinha um *chip* quando foi trazida para cá – explicou a senhora Caporale para mim e para o meu tio.

Fazia muito tempo que ela estava falando, explicando como funciona a tecnologia dos *microchips*. Eu estava me esforçando muito para não interromper de novo, mas não consegui evitar.

– Nós nunca colocamos um *microchip* na Poça – disparei. – Nós nunca nem a levamos ao veterinário.

– Mas ela tem um *microchip*, sim – disse a senhora Caporale.

– A senhora tem certeza?

Comecei a sentir uma sensação estranha no estômago.

– É claro. Escaneamos a Poça, foi assim que descobrimos que o nome dela é Olívia.

A senhora Caporale, naquela altura, estava com a testa enrugada. Sentou numa das cadeiras e abriu a pasta que estava carregando. Depois se virou para o tio Weldon e perguntou:

– O senhor não é Jason Henderson? De Gloverstown?

O tio Weldon sacudiu a cabeça negativamente.

– Tentamos entrar em contato com a família Henderson, mas não conseguimos – falou a senhora Caporale. – Por isso ficamos tão contentes quando você ligou para cá ontem, Rosa. Apesar de você ter desligado antes de conseguirmos anotar seu telefone. Nossos telefones andam funcionando mal desde o dia da tempestade – completou, depois deu um sorriso. – Pensamos que você fosse da família Henderson. Acharmos que vocês tinham se mudado por causa do furacão Susan. A cidade de Gloverstown foi muito afetada e só dá um sinal estranho de ocupado quando ligamos para a casa deles. E eles não deixaram um número de celular gravado no *chip*, então...

Aí ela afastou as mãos uma da outra, com as palmas para cima, como

quem diz: “Fazer o quê?”.

Eu me joguei no chão de novo com a Poça. Dei um abraço nela e senti o pelo dela roçando no meu pescoço. Estava tão macio que achei que tinham dado banho nela recentemente. Encostei minha bochecha perto do rosto dela.

– Quem é você, Poça? – sussurrei.

O que a senhora Caporale disse

A senhora Caporale e o tio Weldon continuaram conversando. Eu sentei no chão e pensei na Poça e no meu pai.

Lembrei da noite em que o meu pai trouxe a Poça para casa. Será que o meu pai não sabia nada sobre os tais *microchips* ou só não queria procurar os donos da Poça?

Pensei no meu pai deixando a Poça sair de casa no meio de uma supertempestade sem a coleira.

Eu me dei conta de que meu pai não me ajudou nem um pouco a procurar a Poça.

Virei para a senhora Caporale e falei:

– Meu pai achou a Poça na chuva. Ela deixou uma poça de lama no chão da nossa varanda, de tão molhada que estava. É por isso que o nome dela é Poça. E também tem um homônimo (a senhora Caporale faz uma cara confusa). – A Poça estava sozinha, sem coleira – continuei.

– Vocês tentaram encontrar os donos dela? – perguntou a senhora Caporale.

Sacudi a cabeça.

– Meu pai disse que não tínhamos como procurar porque ela não tinha nenhuma identificação. E também disse que, se ela tinha algum dono, eles não deviam se importar muito com ela. – Fiquei um instante em silêncio, depois falei, com a voz mais baixa: – Mas eles se importavam, tanto que colocaram o *microchip*.

A senhora Caporale olhou para mim e disse, de um jeito gentil:

– Animais de estimação podem se perder dos donos deles por inúmeros motivos. Isso não significa que os donos são irresponsáveis.

Será que a senhora Caporale estava falando da família Henderson ou de mim e do meu pai?

Balancei a cabeça. Por algum motivo, senti vontade de chorar de novo. Por isso falei:

Dois, três, cinco, sete, onze.

Mas só dentro da minha cabeça, então fui a única pessoa que ouviu.

Vi o tio Weldon olhar para a Poça, depois para mim, depois para a senhora

Caporale.

– O que vai acontecer agora? – perguntou ele. – Deixamos a Poça aqui?

– Não! – gritei.

Levantei num pulo.

A Poça também se levantou, nervosa. Depois (depôs) ela se encostou nas minhas pernas e ficou passando o focinho em (hein) mim.

A senhora Caporale soltou um suspiro que fez o cabelo dela voar da testa.

– Esta é a primeira vez que encontro uma situação assim – admitiu. – Deixem-me falar com um dos meus colegas.

Ela saiu da sala de espera. Eu e o tio Weldon sentamos. A Poça pulou e se acomodou, com a cabeça no meu colo e o traseiro no colo do tio Weldon.

Falei para meu tio:

– Eu me sentiria bem melhor se Olívia fosse um nome que tivesse um homônimo, mas não tem.

O tio Weldon deu um sorriso triste.

Finalmente, a senhora Caporale voltou. Sentou ao lado do tio Weldon e disse:

– Vejam se vocês acham isso justo. Levando em consideração que estamos tentando entrar em contato com a família Henderson, mas sem sucesso, que a Poça está morando com a Rosa há um ano e que fica muito claro que ela a ama...

– E eu amo a Poça – interrompi.

– ... e que você ama a Poça – continuou a senhora Caporale –, decidimos que ela deve ir para casa com vocês, pelo menos temporariamente. Parece mais justo. E ela vai ficar mais feliz morando com vocês do que aqui no abrigo.

– Obrigada! – gritei.

A senhora Caporale prosseguiu:

– Contudo, vamos continuar procurando a família Henderson. Estamos mais ocupados do que o normal neste momento, por causa da tempestade, mas vamos procurá-los. E, se os encontrarmos ou se eles nos contatarem e quiserem a Poça de volta... Bom, então... – Ela afastou as mãos uma da outra de novo. – A Poça é deles, afinal de contas. Quero dizer, era. Originalmente. Então, por favor, preencham este formulário com suas informações para termos nos nossos arquivos.

Ela ia dar o formulário para mim, mas depois olhou para o tio Weldon.

– Eu preencho – disse ele. – Vou colocar meus contatos, assim como os da

Rosa e os do pai dela.

Cinco minutos depois, eu e o tio Weldon saímos do Caudas Felizes com a Poça entre nós dois.

IV

A parte difícil

A coisa que precisei fazer

Quando eu e o tio Weldon paramos o carro na rua Sansão, perto da ponte de tábuas que passa por cima do córrego, e saímos da caminhonete com a Poça, meu pai estava trabalhando no quintal e fez uma cara que devia ser de surpresa. Ele arregalou os olhos e não falou nada no primeiro momento.

O tio Weldon segurou minha mão quando começamos a atravessar a ponte e a Poça foi na nossa frente. Ela foi caminhando bem devagar porque ainda não estava acostumada com o balanço das tábuas. Quando chegou no quintal, viu meu pai, no meio de todas aquelas tábuas e ferramentas, e balançou o rabo de leve.

Finalmente, meu pai falou alguma coisa. Ele disse:

– Bom, quem diria...

Não sabia bem o que isso significava. Falei:

– Encontramos a Poça.

– Sim. Estou vendo.

– Você está feliz? – perguntei para meu pai.

Ele se ajoelhou e a Poça foi chegando mais perto dele.

– Estou surpreso, só isso. Não acredito que vocês a encontraram.

Então eu tinha acertado quando pensei que ele estava surpreso.

– Eu tinha um plano – lembrei. – Era um bom plano.

– Acho que sim – disse meu pai, fazendo carinho na Poça.

– Só que... – falou o tio Weldon, que estava atrás de mim – ... tem um... probleminha.

Meu pai olhou para cima com uma expressão severa, depois ficou de pé e disse:

– Que probleminha?

O tio Weldon explicou a situação da família Henderson e do *microchip*.

Fiquei olhando meu pai com toda a atenção quando o tio Weldon disse *microchip*. Meu pai estava com a testa enrugada.

– No fim das contas, a Poça tinha identificação, sim – aponte.

Meu pai lançou um ar severo para mim.

– Do que você está falando?

Pensei por um momento e respondi:

– Eu disse que, no fim das contas, a Poça tinha identificação, sim.

Meu pai sacudiu a cabeça e falou:

– Você conseguiu sua cachorra de volta, Rosa. Agora sossegue.

Quando voltamos do Caudas Felizes, a Poça veio sentada no meu colo. Ela mal se mexeu e ficou com a cabeça tão grudada na minha bochecha que eu podia sentir os bigodes dela e o ar que ela soltava quando respirava. De vez em quando, ela se virava e lambia meu nariz.

Olhei em volta do quintal. Eu e meu pai o limpamos muito bem. Meu pai estava fazendo a ponte permanente e, enquanto tivermos a ponte provisória, não vamos mais ficar ilhados na nossa própria casa. A luz e o telefone tinham voltado, as aulas haviam começado de novo e, o mais importante, a Poça tinha voltado para casa.

Sei que devia me sentir feliz. Se a mãe da Parvani, por algum motivo, conseguisse recuperar os quadros dela são e salvos, ela se sentiria feliz. Mas eu não me sentia feliz. Em vez disso, sentia que alguma coisa estava errada.

Agradei ao tio Weldon por ter me ajudado e entrei em casa com a Poça. Ela foi cheirando tudo que via pelo caminho: os gravetos, os troncos, as plantas, os degraus da varanda, o sofá da varanda. Continuou andando pela casa cheirando tudo e foi até meu quarto, pulou na cama e olhou para mim. Sentei do lado dela e a abracei pelo pescoço.

Porque ainda sentia que alguma coisa estava errada, comecei a chorar encostada no pelo da Poça. Ela ficou ali sentada, pacientemente, virando de vez em quando para lambear minhas bochechas, até eu pegar um lenço de papel, assoar o nariz e fazer as lágrimas pararem.

Eu sabia o que estava errado: o que meu pai tinha dito há alguns minutos.

– Você conseguiu sua cachorra de volta, Rosa.

Sua cachorra de volta. *Sua* cachorra de volta, Rosa.

Mas a Poça não era a minha cachorra. A Poça era a cachorra da família Henderson. Ela pertencia a eles. Ou costumava pertencer. E eles se importavam com ela, tanto que colocaram um *microchip*. Não sei como a Poça se perdeu deles, mas isso aconteceu, e devem querê-la de volta. Principalmente naquele momento. Principalmente naquele momento em que tinham perdido a casa deles na tempestade e estavam se sentindo muito, muito tristes.

Sabia o que precisava fazer.

Não queria fazer isso, mas regras são regras e eu tinha de obedecê-las.

Em algum lugar, uma família chamada Henderson estava sentindo falta da Poça. Se eles sentiam tanta falta dela quanto eu senti quando ela estava desaparecida, deviam querê-la de volta. E a Poça pertencia a eles. Não sabia quando o abrigo ia começar a procurar a família Henderson, mas eu precisava começar a procurá-los naquela mesma hora.

Eu precisava encontrar a família Henderson e devolver a Poça.

A Poça soltou um suspiro e se jogou na minha cama. Deitei do lado dela. Será que ela sabia o que eu estava pensando?

Lembrei das informações no formulário do *microchip* da Poça. A senhora Caporale não passou as informações para o tio Weldon, mas eu tinha espiado. Vi o número de telefone e o endereço da família Henderson e decorei. Sabia onde moravam. Ou, pelo menos, onde a casa deles costumava ficar. Essas informações que consegui iam me ajudar na minha nova busca.

Fiz alguns cálculos de cabeça. O nome Henderson dá 102, o que obviamente não é um número primo. Olívia também não é um nome que equivale a um número primo.

Não sabia se isso significava alguma coisa.

As sugestões úteis da senhora Kushel

Quando as aulas voltaram depois da tempestade, a senhora Kushel passou a começar todas as manhãs perguntando para a turma se alguém queria contar alguma coisa. Por quinze minutos, levantávamos a mão e contávamos para nossos colegas coisas que estavam nos perturbando ou coisas que estavam melhorando. Na segunda-feira depois que eu e o tio Weldon trouxemos a Poça de volta para casa, eu disse para meus colegas:

– A Poça voltou. Nós a encontramos no Abrigo de Animais Caudas Felizes, na cidade de Elmara, no estado de Nova York.

Todo mundo fez perguntas:

– Ela está bem?

– Ela lembrou de você?

– Ela ficou feliz de te ver?

– Como ela foi parar lá em Elmara?

– Por que ela não voltou para casa usando o focinho?

Respondi a todas as perguntas que consegui.

Não falei nada da família Henderson nem do *microchip*.

Em segredo, estava fazendo um novo plano. Tinha ligado para a família Henderson, mas, como a senhora Caporale havia dito, só dava um sinal estranho. Então não sabia direito como procurar a família Henderson. Mas conhecia alguém para quem podia pedir conselhos.

Uma manhã, o tio Weldon concordou em me levar para a escola dez minutos mais cedo do que de costume. Como cheguei antes da senhora Leibler, fui sozinha até a sala de aula. Encontrei a senhora Kushel sentada na sua mesa. Não tinha mais ninguém na sala.

– Senhora Kushel? – falei.

Ela se assustou um pouquinho.

– Rosa! Você chegou cedo.

Fiquei olhando para ela e disse:

– Tenho uma pergunta.

A senhora Kushel colocou a caneta que estava segurando em cima da mesa e me olhou com uma cara séria.

– Sim?

– Como alguém que encontrou um cachorro perdido procura os donos desse cachorro?

– Bom, a pessoa pode colocar um anúncio no jornal – respondeu a senhora Kushel – e também pode conferir o jornal para ver se tem algum anúncio de cães perdidos. Poderia colocar cartazes com a foto do cachorro e as informações de quando e onde o animal foi encontrado. Além disso, pode ligar para abrigos, veterinários e também escrever para *sites* de animais perdidos.

– Ähn-hãn.

A senhora Kushel franziu a testa e perguntou:

– Você encontrou um cachorro perdido, Rosa?

Balancei a cabeça e respondi:

– Sim.

Onde a Poça morava

Às vezes, quando meu pai não estava em casa, eu ligava para a família Henderson escondido. Sempre ouvia aquele sinal de ocupado. Mas não era o mesmo sinal de ocupado que ouço quando ligo para o tio Weldon e ele está no telefone. Hoje, a maioria das pessoas tem aquele serviço de ligação em espera e não dá nenhum sinal de ocupado quando ligamos para elas. Mas a família Henderson podia ser como o tio Weldon e não ter serviço de ligação em espera. Mesmo assim, o sinal de ocupado deles era estranho. Concluí que o telefone deles não estava funcionando.

Por esse motivo, eu me sentia agradecida por a senhora Kushel se oferecer para me ajudar a fazer os cartazes. Ela também disse que colocaria um anúncio no jornal e em alguns *sites* de animais perdidos para mim.

Contudo, esbarramos num problema logo no início. Esta é a conversa que tivemos quando me dei conta do problema.

SENHORA KUSHEL: Bom, a primeira coisa que você precisa fazer é tirar uma foto do cachorro que você encontrou. Uma foto é muito melhor do que uma descrição do animal.

ROSA HOWARD: Uma foto?

SENHORA KUSHEL: Sim. Você consegue fazer isso?

Conseguia, mas não queria. Não queria que a senhora Kushel visse que era a Poça quem estava na foto.

Confirmei com a cabeça.

SENHORA KUSHEL: Que bom. Agora, embaixo da foto, precisamos escrever “encontrado” e depois você pode descrever o cachorro.

ROSA HOWARD: Mesmo tendo uma foto do cachorro bem ali em cima?

SENHORA KUSHEL: Sim, você pode dar mais alguns detalhes, como a idade aproximada do animal, o peso e também onde você o encontrou.

ROSA HOWARD: Ah.

Concluí que talvez devêssemos esperar um pouco para colocar os cartazes da Poça. Ainda não estava preparada para explicar a situação para a senhora Kushel.

Mas estava preparada para contar meu novo plano para o tio Weldon. Liguei para ele uma noite e falei:

– Acho que nós precisamos começar a procurar a família Henderson.

– Quem? – perguntou ele.

– Os verdadeiros donos da Poça. É a coisa certa a fazer. E também a mais justa. Regras são regras: não falar palavrão, guardar o jogo de Matemática quando não estiver usando porque alguém que já terminou de fazer os exercícios pode querer brincar com ele. E...

O tio Weldon me interrompeu:

– Devolver a Poça para os verdadeiros donos dela.

– Sim.

– Ah, Rosa. Você tem certeza de que quer fazer isso?

– Nós praticamente roubamos a Poça – respondi, bem baixinho.

– Não exagere.

Eu estava fazendo carinho na Poça enquanto conversávamos.

– Não estou exagerando. Tenho outro plano.

Contei para o tio Weldon que, secretamente, sabia o endereço da família Henderson em Gloverstown.

– Poderíamos começar procurando a casa deles. Quem sabe ainda moram lá, mas o telefone simplesmente não está funcionando desde a tempestade?

Resolvemos ir para Gloverstown no dia seguinte, que era um sábado. Começamos o dia cedo. Meu pai mal tinha levantado da cama. Nós o deixamos sentado na mesa da cozinha de cuecas, resmungando, grunhindo e xingando as pessoas da Oficina J&R.

Gloverstown fica a cerca de 48 quilômetros de Hatford, na direção contrária de Elmara.

– Foi uma das cidades mais atingidas pelo furacão Susan – comentou o tio Weldon no caminho. – Acho que não sobrou muita coisa por lá.

Ele tinha razão. Quando chegamos ao que costumava ser a rua principal de Gloverstown, vimos que parecia um leito de rio que tinha secado. E tudo que existia dos dois lados estava destruído ou abandonado. Varandas de madeira estavam caídas e pingando lama, sem os corrimãos. As calçadas tinham sumido e as vitrines quebradas das lojas estavam consertadas com fita adesiva. Mas de um jeito descuidado, como se os donos achassem que não iam conseguir salvar os negócios deles. Não vimos uma pessoa sequer.

O tio Weldon foi para os arredores da cidade e, finalmente, chegamos à rua onde a família Henderson morava. Era uma estrada de terra vazia e não vimos nenhuma casa, mas vimos muitos destroços causados pela tempestade.

Finalmente, vimos uma caixa de correio com o excelente número primo 2 pintado do lado.

– É aqui! – falei.

O tio Weldon entrou com a caminhonete num caminhezinho de cascalho e foi dirigindo bem devagar, desviando dos buracos e dos galhos de árvores.

Fizemos uma curva.

– Uau – disse o tio Weldon, bem baixinho.

A casa que ali existia, a antiga casa da Poça, tinha virado uma montanha de tábuas e destroços, cercada de árvores caídas.

Saímos do carro e ouvimos sons típicos do campo: galhos de árvores farfalhando e passarinhos cantando.

O tio Weldon falou:

– Ô de casa!

Ninguém respondeu.

Entramos no carro e voltamos para o centro da cidade.

O armazém de Gloverstown

—Você acha que eles estão bem? – perguntei para o tio Weldon no caminho.

– Quem? A família Henderson? Não sei. Espero que eles tenham ido para um abrigo antes de a tempestade passar por aqui.

– Como vamos encontrá-los?

O tio Weldon sacudiu a cabeça e respondeu:

– Deixe-me pensar.

Voltamos ao centro de Gloverstown, passamos a rua principal destruída e já íamos entrar na estrada 28 quando falei:

– Ei!

Tinha uma loja pequena ao lado da estrada. Parecia uma casa. Uma casa branca com venezianas pretas, uma varanda grande e uma chaminé de tijolos. Mas tinha uma placa em cima da porta que dizia *ARMAZÉM*.

– Podemos parar ali? – perguntei.

– Claro. Você está com fome?

– Não. Tive uma ideia.

O tio Weldon entrou comigo no lugar. A loja era abarrotada de prateleiras, com todo tipo de coisa possível e imaginável: pregos, jogos de tabuleiro, sopa enlatada, camisetas, pilhas, aspirina, caixas de cereal, curativos, canetas, barras de chocolate, barbante, meias.

– Pois não?

Um rapaz de macacão *jeans* e camisa de flanela estava atrás do balcão.

Meu coração começou a bater mais rápido, mas cheguei perto do balcão mesmo assim e disse:

– Meu nome é Rosa Howard e estou procurando pela família Henderson que morava na rua Slide, número 2.

O homem franziu a testa e achei que ele ia me perguntar por que queria falar com a família Henderson. Mas falou:

– Henderson... Henderson... Jason e Carol Henderson? Que têm duas crianças pequenas?

Como lembrei de ter visto os nomes Jason e Carol na informação do *microchip*, respondi:

- Sim.
- Não os conhecia muito bem.
- Não *conhecia*?
- Eles tiveram de se mudar por causa da tempestade. A casa deles foi muito danificada.
- Soltei um suspiro. Então eles ainda estavam vivos.
- Você sabe para onde eles foram? – perguntei.
- O homem sacudiu a cabeça.
- Não. Mas eles têm parentes que moram aqui perto. Talvez tenham ido morar com eles.
- Ok. – Olhei bem nos olhos do homem e disse: – Obrigada.
- Quando eu e o tio Weldon estávamos saindo da loja, vi uma pilha de jornais, incluindo um que se chamava *Gazeta do Campo*. Apontei para um exemplar e perguntei:
- Tio Weldon? Podemos comprar este jornal?
- Claro. Mas por quê?
- Se colocarmos um anúncio nele, talvez a família Henderson leia.

Encontrada: cachorra de pelo claro

Assim como o *Halloween*, o Dia de Ação de Graças chegou e passou. Eu, meu pai e a Poça fomos jantar na casa do tio Weldon para comer o tradicional peru. Pensei muito na família Henderson durante aquela semana. Resolvi que precisava contar a verdade sobre a Poça para a senhora Kushel. Então, na segunda-feira, perguntei para o meu tio se ele podia me levar para a escola mais cedo de novo. Estava na hora de ter outra conversa em particular com a minha professora.

Entrei na sala e encontrei a senhora Kushel fazendo um novo mural. Ela estava pregando grandes letras coloridas com tachinhas para escrever FESTAS.

– Bom dia, Rosa – disse ela.

– Bom dia – respondi, olhando bem nos olhos dela.

A senhora Kushel desceu da cadeira.

– Você gostaria de conversar sobre alguma coisa? – perguntou. – Trouxe a foto do cachorro que você encontrou?

Minha professora tinha feito duas perguntas em sequência. Respondi à primeira.

– Quero conversar sobre uma coisa, sim.

Sentei na minha carteira e a senhora Kushel sentou do meu lado, na cadeira da senhora Leibler.

– Preciso contar uma coisa – falei. – Preciso te contar a verdade.

A senhora Kushel sorriu para mim, que foi um sinal para eu ir em frente.

– A verdade é que a Poça é o cachorro perdido.

O sorriso da senhora Kushel se transformou numa careta.

– Não estou entendendo.

Contei para minha professora toda a história da Poça, desde a noite em que meu pai a trouxe para casa e disse que não podíamos procurar os donos dela porque ela não tinha nenhuma identificação.

– Ou seja: a Poça voltou, mas ela não é minha, e precisamos encontrar os verdadeiros donos dela. A família Henderson, que morava em Gloverstown, cuja casa foi destruída e que pode estar morando com parentes ali perto.

Igualzinho ao tio Weldon, a senhora Kushel falou:

– Ah, Rosa. Você tem certeza disso?

Balancei a cabeça.

– Sim. Tenho certeza. É a coisa certa a fazer. O Abrigo Caudas Felizes também está procurando os donos dela.

A senhora Kushel fez uma careta de novo e ficou batendo com o lápis na beirada da minha mesa. Era um indício de que estava pensando. Ela disse:

– Tive uma ideia. Em vez de colocar um anúncio no jornal, talvez alguém possa escrever uma reportagem. Uma reportagem vai chamar bastante a atenção. Muito mais atenção do que um anúncio pequeno, com certeza.

– Vou ter de pedir permissão para seu pai, é claro – continuou a senhora Kushel. Parecia que estava falando sozinha. – Depois posso ligar para Sheila Perlman, uma amiga minha que é jornalista. Ela vai escrever uma boa reportagem que, provavelmente, será publicada por vários jornais locais. O que você acha, Rosa?

– Acho que é uma boa ideia.

– Vou ligar para seu pai hoje à noite.

– Talvez seja melhor a senhora ligar à tarde – disse, pensando no tempo que meu pai andava passando no Irlandês Sortudo naqueles dias. Quanto mais cedo minha professora falasse com ele, menos chances de ele já ter bebido.

– Combinado – falou a senhora Kushel.

Três dias depois, fui para a escola usando o mesmo vestido que usei no dia em que tiramos a foto da turma. Estava bem penteada e o tio Weldon colocou uma fita no meu cabelo.

Na hora do intervalo, meus colegas saíram correndo da cantina e foram para o pátio. Eu e a senhora Kushel voltamos para a sala de aula. Uma mulher de casaco e calça de lã azul combinando estava nos esperando. Estava com a cara séria, mas sorriu quando me viu.

– Rosa, esta é a senhorita Perlman. Ela é jornalista. Senhorita Perlman, esta é Rosa Howard – disse a senhora Kushel.

A senhorita Perlman estendeu a mão e eu sabia que devia apertá-la. Foi isso que fiz.

– Bom, vamos direto ao assunto? – falou minha professora.

A senhorita Perlman abriu o *laptop* e começou a me fazer perguntas sobre

a Poça, sobre quando meu pai a levou para casa, sobre quando nós a perdemos e como a encontramos de novo. Então fez mais perguntas sobre o que aconteceu depois que a localizamos no Abrigo Caudas Felizes. Entreguei para ela uma foto da Poça que o tio Weldon tinha tirado com a câmera digital dele.

A senhorita Perlman olhou para a foto, depois olhou para mim, olhou para a foto de novo e, quando olhou para mim pela segunda vez, achei que estava com os olhos cheios de lágrimas.

– Isso que você está fazendo é muito corajoso e muito altruísta, Rosa. Desistir da cachorra que você ama tanto para que os verdadeiros donos dela possam tê-la de volta – disse a senhorita Perlman.

Balancei a cabeça. Achei que devia dizer “obrigada”.

Dois, três, cinco, sete, onze.

Como não falei nada, a senhorita Perlman disse para a senhora Kushel:

– No fim da reportagem, vamos colocar um telefone de contato, um telefone do jornal *Gazeta de Hatford*, para que as pessoas possam ligar se tiverem informações sobre a Poça ou sobre a família Henderson. Assim, as informações pessoais da Rosa vão permanecer em sigilo.

A senhora Kushel balançou a cabeça e falou:

– Vou explicar isso para o pa... – ficou em silêncio e completou: – Acho que vou explicar para o tio da Rosa quando ele vier buscá-la mais tarde.

A senhorita Perlman se virou para mim, deu um sorriso e concluiu:

– Bom, acho que era mais ou menos isso. Muito obrigada, Rosa.

– Eu é que agradeço, senhorita Perlman – respondi. E estendi a mão para ela apertar de novo.

Parvani descobriu um homônimo

Estávamos escrevendo redações na aula da senhora

Kushel. O Natal e a festa judaica *chanuca* estavam quase chegando. Mas, quando a senhora Kushel perguntou sobre o que nossa turma gostaria de escrever, todo mundo respondeu: “Sobre o furacão Susan”. Ainda não tínhamos conseguido parar de pensar nas nossas casas destruídas, nas nossas obras de arte estragadas, nas nossas pontes levadas pela enxurrada e nos nossos cachorros perdidos.

Não sabia direito qual era o tema da redação da Parvani, mas ela levantou o braço de repente e perguntou:

– Senhora Kushel? Como é aquela palavra que a senhora nos ensinou para dizer dar alguma coisa para alguém?

A senhora Kushel fez aquela cara de quem está pensando e ficou batendo com o lápis nos dedos.

– “Cessão”? – sugeriu, depois de alguns instantes.

– Sim! – exclamou Parvani. E ela não conseguiu se controlar. Pulou da cadeira, veio correndo até o meu lugar e gritou:

– Rosa, pensei num homônimo triplo: “cessão”, “seção” e “sessão”.

Eu já tinha pensado nesse homônimo triplo, mas sabia que aquele não era o momento de comentar isso. Era um momento de demonstrar amizade. Como um amigo provavelmente não falaria “já pensei nisso”, dei um sorriso para Parvani e exclamei:

– Esse é ótimo! – com um tom de entusiasmo.

Parvani levantou a palma da mão e disse:

– Toca aqui.

Fiz um “toca aqui” com ela e voltamos para nossas redações. Nós duas estávamos sorrindo.

Meu pai usou um pronome errado

— O que é isso? — perguntou meu pai. (Não foi nesse momento que ele usou um pronome errado.) Ele estava segurando um jornal.

O tio Weldon tinha acabado de me deixar em casa. Eu estava passando pela porta, com a Poça do meu lado, porque ela estava me esperando na varanda.

— É um jornal — respondi.

Meu pai estava com uma expressão dura, não vi nenhum sorriso no rosto dele.

— É óbvio que é um jornal — retrucou. Depois o atirou nos meus pés. — Sam Diamond me deu hoje de manhã. Disse que tinha uma coisa que eu ia querer ver. E ele tinha razão. Você quer me dizer alguma coisa?

Eu estava confusa. Mas, mais do que isso, estava com medo.

— Não — falei.

Meu pai pegou o jornal do chão e virou as páginas com tanta força que elas se rasgaram. Ele virou três páginas, depois parou e atirou uma em mim.

— O que é isso?

Era a segunda vez que ele fazia essa pergunta.

Olhei para a página. Vi uma foto da Poça. E uma longa reportagem intitulada: “A busca corajosa de uma menina”. A autora da reportagem se chamava Sheila Perlman.

— É a reportagem, a senhora Kushel conversou com você pelo telefone sobre isso — expliquei para o meu pai.

— Ninguém me ligou para falar de reportagem nenhuma.

Devolvi o jornal para ele e disse:

— A senhora Kushel ligou.

Meu pai ficou em silêncio por muito tempo, olhando em volta da cozinha. Sei que começou a se lembrar daquela tarde em que voltou para casa depois de ir ao Irlandês Sortudo e o telefone tocou. Ele atendeu e disse: “Alô”. Depois fez uma careta e disse: “O que a Rosa fez? Ela está encrencada de novo?”. Aí ele colocou a mão em cima do fone e sussurrou para mim:

— É a senhora Kushel.

— Ok — eu disse.

Aí meu pai pegou o controle remoto e apontou para a TV. Apertou o botão “mudo” e ficou trocando de canal em silêncio. De vez em quando falava “ãhn” ou “ãhn-hãh”. Por fim, desligou o telefone e me perguntou:

– O que você contou para a sua professora sobre a Poça?

Depois dessa pergunta naquele dia, aumentou o volume da TV.

Agora, meu pai sacudia a cabeça e balançava o jornal na mão.

– Isso é um assunto particular, Rosa. Um assunto particular da nossa família. E agora está em tudo quanto é jornal. Todo mundo vai ler isso. Fiquei parecendo um ladrão.

Fui para trás. A Poça também foi. E não tirou os olhos do meu pai.

– Converse com o tio Weldon – falei. Sabia que ainda não tinha dado tempo de meu tio voltar para o escritório, mas não queria que meu pai ligasse para a senhora Kushel e gritasse com ela. – Preciso levar a Poça para passear – completei. – Vamos ligar para o tio Weldon quando eu voltar.

Levei a Poça lá para fora e ficamos subindo e descendo a rua até eu achar que o tio Weldon já tinha voltado para a mesa dele no escritório. Então, atravessamos as tábuas de volta para nosso quintal.

Meu pai estava sentado na mesa da cozinha, sem fazer nada. Peguei o telefone e liguei para o tio Weldon. Contei o que aconteceu e ele disse:

– Deixe eu falar com o seu pai, por favor.

Como eu estava um pouco brava com meu pai, fiquei de pé perto da mesa, olhando para ele e ouvindo o que ele dizia. No começo, não falou muita coisa, mas depois gritou:

– *Ok!* Não vou ligar pra ninguém. Não vou criar nenhuma confusão.

Aí ele desligou o telefone sem dizer “tchau” para o tio Weldon. Depois, olhou para mim e disse:

– Sente-se, Rosa.

Não queria sentar perto do meu pai.

– Onde? – perguntei.

Meu pai chutou uma cadeira para longe da mesa e respondeu:

– Aí mesmo.

Sentei bem na beirada da cadeira.

– Por que você está fazendo isso, Rosa? Por que você está procurando os donos da Poça? Ela foi um presente que eu dei pra você. Um *presente*. Isso sem falar que você a ganhou duas vezes. Uma quando eu a dei para você e outra quando o abrigo a deixou com você. Você devia ficar feliz com a sua sorte.

– Mas, se você não tivesse deixado a Poça sair de casa no meio de uma supertempestade, eu não teria que pegar ela de volta. – Olhei para a Poça e depois para meu pai de novo. – Por que você a deixou sair no meio da tempestade?

– Rosa, pelo amor de Deus.

Meu pai estava começando a ficar vermelho.

– Mas por que você fez isso? A Poça nunca tinha saído de casa no meio de uma tempestade. Não sozinha.

Quando meu pai falou de novo, falou com uma voz bem baixa, mas não com aquele tom gentil que a senhora Kushel usa quando lê para nossa classe. Era uma voz baixa diferente.

– Você devia ficar feliz com a sorte que teve e se dar por satisfeita. Você conseguiu sua porcaria de cachorra de volta.

Mas isso não fazia sentido.

– Eu não teria que conseguir ela de volta se você não tivesse deixado ela sair de casa. Por que você deixou ela sair de casa?

Meu pai bateu na mesa com a palma da mão tão de repente e com tanta força que eu e a Poça demos um pulo.

– Olha, sua pirralha. Trouxe isso aí pra você. – Apontou para a Poça. – Eu estava tentando fazer uma coisa legal.

– A Poça é “ela”, não “isso”.

Meu pai ficou de pé e chegou perto de mim.

Protegendo a Poça

— O que foi que você disse? — perguntou meu pai.

Sacudi a cabeça. Ele era muito maior do que eu. Nunca tinha notado. Nunca tinha notado como as mãos dele são grossas e calejadas, como os ombros dele são largos.

Dois, três, cinco, sete.

— Responda — disse meu pai, com a mesma voz baixa.

Escorreguei da cadeira e fui andando meio de lado em direção ao meu quarto.

— Volte aqui.

— Não.

— Tudo bem.

Meu pai deu dois passos gigantes na minha direção, com o braço levantado e o punho cerrado. Consegui ver cada um dos nós dos dedos dele, brancos e duros como uma pedra.

Ele nunca tinha levantado os punhos para mim. Não que eu me lembrasse. E é porque ele não quer ser o tipo de pai que o pai dele era.

Estava olhando para a porta do meu quarto e para a porta da frente, tentando decidir qual das duas estava mais perto, quando um borrão de pelo claro voou pelos ares e pulou no peito do meu pai, rosnando.

— Poça! — gritei.

Ela caiu no chão e se preparou para atacar de novo. Mas, antes que ela conseguisse fazer isso, meu pai baixou o braço. Acertou um soco nas costas da Poça, e ela rolou de lado e se esborrachou nos pés da mesa. Ouvi um *cranc* e o grito de medo e de dor da Poça.

Eu me virei e me atirei embaixo da mesa tão rápido que esfolei os joelhos no chão de madeira. Segurei a Poça e escorreguei com ela para o meio da mesa. Meu pai tentou nos pegar, mas desviei dele. Várias vezes. Parecia que eu era o alvo de um jogo.

— Não encoste nela! — gritei. — Não encoste nela! Não machuque ela!

Não soltei a Poça. Depois de alguns instantes, a mão desapareceu. Ouvi passos atravessando a sala em direção à porta da frente. A maçaneta começou a girar, depois parou. Escorreguei alguns centímetros e espiei por debaixo da

mesa para ver o que estava acontecendo.

– Se você disser mais uma palavra sobre isso para quem quer que seja, Rosa, *uma palavra...* – Meu pai estava ofegante. Precisou fazer uma pausa para respirar antes de continuar falando. – Se você disser uma palavra para o Weldon ou para a senhora Kushel... – Ele olhou para a Poça que, apesar de estar tremendo, também colocou a cabeça para fora da mesa. Meu pai ficou fazendo cara feia para ela. Não terminou a frase. Não precisava terminar. Puxei a Poça para trás de mim para ela sair do campo de visão dele.

Meu pai pegou as chaves dele e saiu batendo a porta de casa. Fiquei abraçada na Poça por muito tempo. Também estávamos ofegantes. Eu respirava com dificuldade, enquanto a Poça arfava e babava.

Quando ouvi o carro do Sam Diamond dando partida, saí rastejando de debaixo da mesa. Puxei a Poça e sentamos no sofá. Passei a mão em todo o corpo dela, várias e várias vezes. Pareceu que não estava dolorida. Fiz minha cachorra andar um pouco. A Poça não estava mancando.

Mais tarde, dei o jantar para a Poça. Saí para passear com ela mais cedo do que de costume, apesar de isso ser uma mudança na nossa rotina. Depois, a fechei dentro do meu quarto.

Fiquei imaginando como ia fazer para protegê-la quando estivesse na escola.

Quando meu pai chegou em casa, eu ainda estava acordada. Sentada na sala com a TV ligada.

Meu pai ficou parado na minha frente e disse:

– Sinto muito, Rosa. Isso não vai mais acontecer.

Olhei bem nos olhos dele. Como não consegui interpretar o que vi, não falei nada.

– Sério – continuou meu pai. – Sinto muito. Muito, muito mesmo.

– Ok – disse.

Esse pedido de desculpas podia ser sincero.

O que a senhora Kushel disse

O tempo passou na escola do mesmo jeito de sempre. A senhora Kushel mudou os dizeres do mural de FESTAS para SOMOS TODOS ARTISTAS! Um pouco da neve derreteu e, por um tempo, o pátio ficou molhado e cheio de lama em vez de molhado e cheio de neve. O próximo feriado seria na terceira semana do mês de janeiro, Dia de Martin Luther King Jr.

Numa manhã escura, gelada e chuvosa, a senhora Leibler me levou até a sala de aula, como sempre. Mas uma coisa que não foi como sempre é que a senhora Kushel me levou para o fundo da sala logo depois de eu ter pendurado meu casaco e colocado minhas coisas em cima da minha carteira.

– Quero falar com você em particular, Rosa – disse ela.

Será que eu tinha feito alguma coisa que ela e a senhora Leibler escreveriam no bilhete semanal para o meu pai?

– Ok – falei e fiquei pensando em homônimos. “Cinto” e “sinto” era uma dupla nova.

– Queria contar que ligaram ontem para o jornal para falar da Poça.

"Cinto / sinto". "Recinto / ressinto".

– Você está me ouvindo, Rosa?

– Sim.

– Um homem chamado Jason Henderson ligou. Ele disse que alguém tinha acabado de ver a reportagem e que a Poça é a cachorra da família dele. O jornal o colocou em contato com o Caudas Felizes e a senhora Caporale tem certeza de que ele e a família dele são os verdadeiros donos da Poça. Todas as informações que o homem forneceu batem com os dados armazenados no *microchip* da Poça. Além disso, eles têm muitas fotos de família com a Poça.

– A senhora Kushel ficou em silêncio e me olhou com uma cara séria e completou: – Não sei se essa notícia é boa ou ruim para você.

– A reportagem funcionou – falei.

– Funcionou, sim. Você gostaria de saber como a Poça se perdeu da família Henderson?

– Sim.

– Eles sempre tiravam a coleira quando ela estava dentro de casa, para não enganchar em nada. Um dia, a família saiu e deixou a Poça sozinha em casa.

Um vizinho passou lá para deixar alguma coisa na cozinha e a Poça fugiu sem a coleira. Como o vizinho não a viu saindo, várias horas se passaram até alguém perceber que ela tinha desaparecido. Isso aconteceu dois dias antes de seu pai encontrá-la, Rosa.

– No fim das contas, a família Henderson não foi irresponsável. Foi um acidente.

A Poça saiu da casa deles sem a coleira, do mesmo jeito que saiu da nossa casa depois da supertempestade sem a coleira.

– Sim, um acidente infeliz. Nunca vamos saber como a Poça foi parar tão longe de casa, mas foi isso que aconteceu. A família Henderson procurou por ela na cidade deles. Colocaram cartazes e um anúncio no jornal. Mas ninguém ligou para dizer que a tinha encontrado.

– Porque nós estávamos com ela.

A senhora Kushel inclinou a cabeça para o lado e disse:

– Mas agora precisamos ser corajosas, como a senhorita Perlman disse.

– Ok.

– O resto da história você já sabe. A família Henderson teve de abandonar a própria casa depois da tempestade e está morando com parentes. É por isso que foi tão difícil localizá-la. – A senhora Kushel ficou em silêncio de novo.

– Eles querem a Poça de volta, Rosa. Eles a amam, sentem a falta dela e a querem muito de volta.

– Ok.

Adeus

No dia seguinte, o tio Weldon foi me buscar na escola, como sempre. E me levou para casa, como sempre. Quando chegamos em casa, atravessei as tábuas da ponte, como sempre, e vi a Poça olhando para mim pela janela. O que não foi como sempre é que o tio Weldon ainda estava sentado na caminhonete. Estava esperando por mim e pela Poça.

Deixei minhas coisas da escola dentro de casa. Prendi a guia da Poça na coleira e andei com ela pelo quintal por um tempo. Ela fez xixi e cocô e cheirou as coisas preferidas dela: um toco de árvore, o último degrau da escada, um lugar específico perto da porta da garagem. O tio Weldon ficou nos observando da caminhonete.

Meu pai não estava em casa. Devia estar no Irlandês Sortudo. Mas dava para ver que ele tinha trabalhado na ponte nova pela manhã.

Achei que meu pai não queria dizer “adeus” para a Poça.

Levei a Poça até a caminhonete. Ela sentou entre o tio Weldon e eu; E passou o caminho olhando pelo vidro com uma cara séria.

Outro dia, a senhora Leibler tinha me pedido para tentar ver a situação pela perspectiva dos outros.

– Coloque-se no lugar dessa pessoa, Rosa. O que você acha que ela está pensando? Como ela está se sentindo?

Não sabia direito o que a Poça estava pensando ou sentindo naquele momento, mas parecia que ela estava observando a estrada para ver se as pessoas estavam cometendo infrações de trânsito.

Eu, o tio Weldon e a Poça fomos até o Caudas Felizes. Não conversamos muito no caminho. A cabine da caminhonete ficou muito silenciosa.

Fiz carinho nos dedos brancos das patas da frente da Poça. Os dedos dela eram fofinhos como algodão.

O tio Weldon virou na entrada do Caudas Felizes. Estacionou a caminhonete e ficou me olhando por um bom tempo.

– Você está bem, Rosa? – perguntou.

Fiquei olhando para fora e lembrei do meu pai batendo nas costas da Poça e tentando nos pegar embaixo da mesa.

– Acho que a família Henderson vai cuidar bem dela – respondi.

Ajudei a Poça a sair da caminhonete e a levei até a porta do Caudas Felizes. A Poça começou a tremer, o que me fez pensar que ela lembrou do Caudas Felizes e não ficou feliz por estar ali de novo. Fora isso, eu não sabia o que ela estava sentindo.

A senhora Caporale estava na porta esperando por mim, pelo tio Weldon e pela Poça. Passou o braço no meu ombro e disse:

– Você está deixando quatro pessoas felizes, Rosa. O que você está fazendo é muito honrado e corajoso.

Todo mundo dizia que eu era corajosa. Mas será que uma pessoa corajosa se sente como eu estava me sentindo?

– Venham até o meu escritório – continuou a senhora Caporale. – A família Henderson está lá.

Olhei para o meu tio e ele sorriu para mim. Depois, colocou a mão nas minhas costas e passamos pela porta atrás da senhora Caporale.

Sentados nas cadeiras do pequeno escritório, estavam um homem, uma mulher, uma menina que devia ter a minha idade e um menino que devia ter 7 anos, um número primo. Eles estavam sentados em silêncio. Mas, quando viram a Poça, todos ficaram de pé. Então, o menino e a menina se ajoelharam e abraçaram a Poça.

– Olívia! – gritou a menina.

O menino não falou nada. Só enfiou o rosto no pelo da Poça.

Como a mulher começou a chorar, não olhei mais para ela.

Fiquei olhando a Poça. Ela ficou sentada quieta no começo, mas depois levantou e se balançou toda. Não estava tremendo, estava se balançando. Cada centímetro do corpo. Lambeu o rosto do menino, depois o rosto da menina. Subiu nas pernas do homem. A mulher ficou de joelhos e a Poça colocou as patas nos ombros dela. Deu aquele gemido feliz, depois pulou e ficou indo para a frente e para trás, enfiando o focinho nas mãos dos integrantes da família Henderson.

Aquela era a Poça Feliz.

E achei que aquelas pessoas eram felizes. Lembrei do estado da casa deles. Tentei pensar na situação da perspectiva do menino e da menina. Concluí que eles deviam ter ficado tão tristes por perder a Poça quanto eu fiquei e que deviam estar tão felizes naquele momento como no dia em que o tio Weldon e eu viemos ao Caudas Felizes pela primeira vez. Pensei que eles ainda estavam sem casa, mas pelo menos tinham a cachorra deles de volta.

Quando a Poça parou de pular e a sala ficou mais silenciosa, a senhora

Caporale trouxe alguns papéis para o senhor e a senhora Henderson. Eles os assinaram e, por um instante, todo mundo ficou parado, olhando um para o outro. Olhei para a Poça.

A senhora Henderson atravessou o pequeno escritório e me deu um abraço. Fiquei bem parada, com os braços do lado do corpo, enquanto ela fez isso.

– Obrigada, Rosa – disse ela.

– Sim, obrigado – disse o marido dela. Parecia que ele também ia me abraçar, mas mudou de ideia e, em vez disso, ele sorriu para mim.

– Obrigado – disseram o menino e a menina. Naquele momento, eu já sabia que se chamavam Toby e Jean.

Pensei por um instante e falei:

– De nada – olhando para cada integrante da família Henderson.

O tio Weldon pigarreou.

– Bom... Preciso levar você pra casa, Rosa – ele disse. Então se virou para a família Henderson e perguntou: – Será que a Rosa pode ficar alguns minutinhos a sós com a Poça?

– É claro – respondeu o senhor Henderson. Todo mundo saiu da sala, menos eu e a Poça.

A Poça estava sentada nas patas de trás no meio da sala. Ainda estava superanimada e, quando sentei do lado dela, levantou e encostou o rosto no meu, ofegando.

– Essa é a sua família – falei, por fim. – Você vai pra casa com eles.

A Poça continuou me olhando.

Passei os braços em volta dela e senti o pelo macio dela roçando na minha bochecha.

– Eu te amo – disse.

A Poça se encostou em mim e ficamos sentadas assim até eu ouvir alguém batendo na porta.

– Rosa? – chamou o tio Weldon. – Precisamos ir agora. A família Henderson também. Você já se despediu?

– Sim.

Levantei e levei a Poça até a porta. Quando ela viu a família Henderson, foi correndo até eles.

Eles deram “tchau” e me disseram “obrigado” várias vezes. Fiquei parada na janela do Caudas Felizes e observei a Poça entrar no carro da família Henderson. Aí fiquei olhando o carro sair do estacionamento e ir para a saída do abrigo. Dava para ver a cabeça da Poça na janela, a cara comprida e

elegante dela e o focinho cor-de-rosa que é exatamente da cor da minha borracha. Jean Henderson se inclinou e sussurrou no ouvido da Poça, então ela inclinou a cabeça para o lado.

O carro virou a esquina e a Poça desapareceu.

V

A última parte

A casa silenciosa

O mural da nossa sala de aula mudou para A PRIMAVERA ESTÁ CHEGANDO!

O clima ficou mais ameno.

Meu pai terminou de fazer a ponte e já podíamos passar com nossa caminhonete por cima dela.

Sam Diamond pegou o carro dele de volta.

As tardes na minha casa se tornaram silenciosas. Meu pai dizia que estava procurando emprego.

Quando ficava sozinha em casa, estudava minha lista de homônimos. E olhava a caixa da minha mãe.

Só isso.

Tinha uma dor dentro de mim, um sofrimento.

Será que é assim que uma pessoa corajosa se sente? Ou isso era solidão?

Talvez aquela dor fosse de tristeza.

Meu pai discutiu com o irmão dele

Um dia em que a grama do nosso quintal estava mais verde do que marrom, o tempo estava quente, o ar tinha um cheiro doce e os galhos das árvores pareciam peludos por causa das folhas novas, o tio Weldon foi me buscar na Escola de Ensino Fundamental de Hatford e me levou para casa. Atravessou a ponte nova e parou a caminhonete.

Meu pai estava parado na frente da caminhonete dele, mexendo debaixo do capô. Não voltou à Oficina J&R desde o dia em que Jerry o demitiu, droga. Ficava mexendo na caminhonete dele e no quintal depois que terminou de fazer a ponte. Acho que a procura por emprego dele não estava indo muito bem.

Numa tarde da semana anterior, enquanto o tio Weldon me levava para casa, eu disse:

– Acho que meu pai poderia me levar e me buscar na escola agora. Ele ainda não conseguiu emprego.

O tio Weldon começou a sacudir a cabeça antes mesmo de eu terminar de falar.

– Não vamos tocar nesse assunto – respondeu.

Era essa resposta que eu esperava que ele desse.

– Ok.

Andamos mais um pouco, então eu falei:

– Pensando pela perspectiva do meu pai, acho que ele não quer encontrar a senhora Kushel ou a senhora Leibler. Encontrar com elas uma vez por mês já é demais para ele.

– Acho que você está absolutamente certa.

Mas, naquele dia de primavera, desci da caminhonete. Depois, o tio Weldon desceu da caminhonete. Isso não fazia parte da rotina.

– Oi, Wes – disse meu tio.

Meu pai se afastou do capô e endireitou o corpo. Limpou as mãos num trapo que estava enfiado no bolso e falou:

– Oi.

– Você tem um minutinho? – perguntou o tio Weldon.

– Acho que sim – respondeu meu pai, desconfiado.

– Bom, tenho pensado e acho que a Rosa... a Rosa devia ganhar outro cachorro. Você não acha?

Dei um passo para trás e exclamei para meu pai:

– Eu não disse isso!

– Não – falou o tio Weldon, calmamente. – Foi ideia minha.

Meu pai bufou e disse:

– A Rosa não deu valor ao cachorro que tinha, ao cachorro que eu dei pra ela. Ela o devolveu. Devolveu aquilo, mas não precisava.

A Poça era “ela”, não “aquilo”. Meu pai estava bravo.

– A Poça não era dela – argumentou meu tio.

– Ela podia ter ficado com aquilo – repetiu meu pai. – Não precisava ter ido procurar os donos.

O tio Weldon cerrou os dentes.

Dei mais um passo para trás.

– Eu só estava tentando fazer uma coisa legal pra ela – disse meu pai. – Dei um cachorro pra ela, mas ela o devolveu. O único grande gesto que eu fiz. O único.

– Olha, Wesley...

– Nem mais uma palavra. Estou falando sério. Nem mais uma palavra.

Quando meu pai diz “nem mais uma palavra”, está falando sério mesmo.

O tio Weldon voltou para a caminhonete dele, abriu a porta, sentou atrás do volante e falou:

– Pense nisso. Rosa tem tão pou... – Depois consertou: – Ela se sente sozinha. Quer dizer, quando você não está em casa.

– A Rosa está bem. Tem tudo de que precisa. Está perfeitamente bem.

– Mas um cachorro...

– Você acha que sabe mais do que eu? Você não sabe mais do que eu – disse meu pai, batendo na caminhonete dele com as palmas das mãos.

O tio Weldon ficou sentado atrás do volante sem se mexer.

Minha cabeça estava girando. Tentei passar uma mensagem para meu tio. *Por favor, não fale mais uma palavra. Nenhuma palavra.* Se meu pai proibisse o tio Weldon de me ver, eu ficaria sem nada.

Meu tio abriu a boca e perguntou, baixinho:

– Tem certeza de que você sabe o que é melhor pra Rosa?

Meu pai tirou uma chave inglesa do bolso. Mirou no para-brisa da caminhonete do tio Weldon, mas depois baixou o braço. Pôs a chave inglesa de volta no bolso, sacudiu a cabeça uma única vez e voltou a mexer embaixo

do capô. As mãos dele estavam tremendo.

O tio Weldon deu marcha a ré no carro e começou a fazer a volta. Acenou para mim e eu dei uma abanada discreta para ele.

Depois corri para o meu quarto e fechei a porta.

No meio da noite

Nas noites em que não consigo dormir, fico deitada de costas bem quieta e escolho um número. Quanto menos sono eu tiver, maior é o número. Depois conto de trás para a frente em silêncio, de três em três.

Numa noite quente, quando a chuva caía suavemente no telhado de casa, eu já estava deitada há quase uma hora e meia e ainda não tinha nem um pouco de sono. Pensei na escola. Pensei na Poça. Pensei na Parvani, que toda hora me diz que descobriu homônimos novos. Pensei mais um pouco na Poça.

O sono não vinha.

Quatrocentos e noventa e cinco: 492, 489, 486, 483. Comecei a errar lá pelo 350. Finalmente me senti meio sonolenta e dormi.

BAM! A porta do meu quarto se escancarou e, no batente, vi a silhueta do meu pai iluminada pela luz que vinha da sala.

Olhei para o meu relógio. Tinha dormido menos de vinte minutos.

Meu pai acendeu a luz do meu quarto batendo no interruptor.

– Vou levar você pra casa do Weldon – anunciou. – Agora mesmo.

Sentei na cama apoiada nos cotovelos. Meu relógio marcava 12h02. Por que meu pai ainda estava vestido àquela hora? Ele não tinha ido ao Irlandês Sortudo naquela noite.

– Quê? – perguntei, mas meu pai já estava atravessando a sala. Ouvi a porta de casa se abrir.

Pensei no que ele tinha acabado de dizer: “Vou levar você pra casa do Weldon”. Não foi: “*Vamos* pra casa do Weldon”, mas “Vou levar você pra casa do Weldon”. Parecia que eu era a única pessoa que ia para a casa do meu tio. Parecia que ia ficar lá por um tempo.

Corri até a cozinha e peguei um saco de lixo debaixo da pia. Ouvi um barulho de coisas batendo vindo do lado de fora, como se alguém estivesse jogando objetos na caçamba da caminhonete. Corri para o meu quarto com o saco e enchi de roupas, o máximo que consegui pegar naquela pressa. Coloquei minha mochila do lado do saco de lixo. Verifiquei se minha lista de homônimos estava na minha mochila. Estava tirando a caixa da minha mãe do armário de casacos quando ouvi meu pai gritar:

– Rosa! Venha já aqui pra fora!

Fui meio que cambaleando até a caminhonete com o saco de lixo, a minha mochila e a caixa da minha mãe. Meu pai começou a andar com o carro antes de eu fechar minha porta. Eu ainda estava colocando o cinto de segurança quando atravessamos a ponte voando e começamos a descer a rua Sansão. Na caçamba da caminhonete, coisas iam batendo de um lado para o outro: sacos, uma mala e uma caixa de papelão.

– Por que estamos indo pra casa do tio Weldon? – perguntei.

Meu pai não respondeu. Estava olhando a chuva, que tinha começado a cair com mais força, batendo no para-brisa. Estava com uma expressão tão dura que seu rosto parecia feito de pedra. Bem diferente do ar descontraído e relaxado com que ele fica quando bebe. Meu pai não olhava para mim. Só dirigia, com confiança e com cuidado, olhando para a frente.

– Por que estamos indo pra casa do tio Weldon? – perguntei de novo.

Uma vez, na aula de Música, o professor nos mostrou um diapasão. Ele o colocou na beirada da mesa e deixou todo mundo tocá-lo para sentir as vibrações. O ar dentro da caminhonete era que nem o diapasão: vibrava. Continuou a vibrar depois que fiz a pergunta para o meu pai pela segunda vez. E, mesmo assim, não obtive resposta.

Ficamos em silêncio naquela atmosfera carregada, atravessando as ruas escuras de Hatford, com os faróis iluminando a chuva que caía, as árvores brilhantes e, num instante, iluminaram os olhos de um guaxinim que estava parado do lado da estrada.

– O tio Weldon sabe que estou vindo pra cá? – perguntei, quando viramos na entrada da casa dele.

Meu pai parou a caminhonete, mas não desligou o motor. Esticou o braço por cima de mim e abriu a minha porta.

– Pode ir – disse.

Depois, fez uma coisa que não fazia há muito tempo: ele me deu um abraço rápido. Quando encostou sua bochecha na minha, senti que estava úmida. Ele virou para a frente, mexendo o maxilar.

Saí da caminhonete e puxei minhas coisas. Corri pela chuva até a varanda da casa do tio Weldon. Quando virei, as luzes traseiras da caminhonete já estavam sumindo pela entrada da casa afora.

Toquei a campainha do meu tio. Toquei muitas e muitas vezes. A luz da varanda se acendeu, então vi o rosto do tio Weldon aparecer na janela perto da entrada. Um segundo depois, ele escancarou a porta.

– Rosa! – exclamou – O que aconteceu?
Dei um passo na direção dele.
– Meu pai foi embora – falei.

O que aconteceu com a minha mãe

Eu e o tio Weldon sentamos na varanda da casa dele num dia que parecia muito quente para ser começo de junho. Ainda tinha mais duas semanas de aula. E, todas as manhãs, a senhora Kushel abria todas as janelas da nossa sala, apesar de as abelhas e as moscas entrarem e passarem o dia inteiro zumbindo nas nossas cabeças.

Estava balançando os pés para cima e para baixo e observando um beija-flor voejando em volta de um pé de gerânio.

Era sábado de manhã. O tio Weldon tinha acabado de dizer:

– Vamos parar para pensar.

Dei uma olhada para ele e perguntei:

– Por quê?

– Precisamos resolver o que vamos levar pra festa na sua escola.

Íamos ter uma festa na sala da senhora Kushel para comemorar o último dia de aula.

– Biscoitos? – sugeri. – Biscoitos com gotas de chocolate?

O tio Weldon deu um sorriso e respondeu:

– Boa ideia. Vamos ao mercado na semana que vem para comprar os ingredientes.

Ficamos em silêncio de novo. Às vezes, eu e o tio Weldon ficamos sentados em silêncio por muito tempo. Gostamos de fazer isso. Sentar e pensar.

Todas as noites fazemos o jantar juntos e todas as manhãs conversamos sobre homônimos. Nos fins de semana, saímos para passear na caminhonete dele: vamos ao parque estadual, ao museu de Ashford, a algum festival de música ao ar livre. Quando fomos ao festival, esticamos um cobertor no chão e ficamos deitados de costas, ouvindo uma orquestra.

– Tente distinguir o som de cada instrumento – disse o tio Weldon. – Procure ouvir o violino, o trombone, a clarineta, a harpa.

As notas da música foram subindo até o céu, até as estrelas.

Naquela manhã quente de junho, o beija-flor estava voejando de uma flor para outra e, de repente, eu disse:

– Tio Weldon, pensando pela perspectiva da minha mãe, por que você acha

que ela deixou as lembranças dela para trás quando foi embora?

O tio Weldon inclinou a cabeça para o lado exatamente do jeito que a Poça costumava fazer.

– O que você quer dizer? – perguntou.

Contei da caixa para ele.

– Ela deixou todas as coisas da Rosa pra trás. Por que não as levou? Será que ela não queria se lembrar de mim?

Meu tio franziu a testa.

– Rosa, você acha que sua mãe abandonou você e seu pai? Foi isso que seu pai falou? – disse.

– Sim. Sim – respondi, já que meu tio tinha feito duas perguntas em sequência.

A expressão no rosto do tio Weldon era suave e gentil. Ele estendeu a mão, encostou no meu joelho, depois tirou a mão.

– Sua mãe não foi embora – falou. – Ela morreu quando você era bem pequena.

– Ela está morta?

– Sim.

– Como ela morreu?

– Ela tinha um aneurisma no coração. Morreu muito rápido.

– Por que meu pai disse que ela nos abandonou?

O tio Weldon sacudiu a cabeça. Tomou um gole de café.

– Talvez ele estivesse tentando proteger você. Talvez ele tenha pensado que você ficaria triste demais se soubesse que ela está morta.

– Mas ele me fez pensar que ela nos *abandonou*. Pensei que ela tinha ido embora por minha causa.

O tio Weldon tocou no meu joelho de novo, mas eu não liguei. Foi só um toque de leve.

– O seu pai nem sempre faz as melhores escolhas, mas ele tentou acertar com você.

– É por isso que ele foi embora? – perguntei.

Meu tio olhou para o beija-flor. Sacudiu a cabeça de novo.

– Não sei. Nós não conversamos sobre isso, eu e seu pai, mas acho que ele pensou que você ficaria melhor comigo.

– Foi difícil para ele ir embora?

– Acho que foi, sim.

Então eu e meu pai temos algo em comum. Nós dois somos corajosos.

A rua Sansão

Ninguém se lembrava de um verão tão quente quanto aquele. O tio Weldon comprou um grande balanço de madeira que pintamos de verde antes de pendurar na varanda. Sentamos nele todas as noites enquanto esperamos o ar ficar mais fresco. O tio Weldon fica nos balançando para a frente e para trás, preguiçosamente, dando impulso com o pé, encostando no vaso de gerânios. Também sentamos no balanço a maioria das manhãs, mesmo durante a semana, antes de o tio Weldon ir para o trabalho e eu ir para um programa chamado Academia de Verão, em que encontro outras crianças que também têm o diagnóstico oficial de autismo de alto desempenho.

Num domingo de manhã, estávamos no balanço e eu olhava para um campo seco e empoeirado e para algumas árvores de uma rua que, se você seguir por 3,7 quilômetros, pode chegar à rua Sansão. Alguns dias antes, eu e o tio Weldon tínhamos ido à minha antiga casa. Olhamos os cômodos vazios pela janela. O tio Weldon passou a mão no aviso de execução de hipoteca pregado na porta da frente e fez uma cara pensativa. Como ficamos sem notícias do meu pai desde aquela noite em que ele me deixou na casa do tio Weldon, nós mesmos tivemos de esvaziar a casa, no mês anterior. Eu não queria ficar com nada, a não ser com as coisas que eram da Poça: a guia, a tigela de comida e os brinquedos. Guardei tudo isso num saco debaixo da minha cama.

Estávamos só nos balançando em silêncio naquele domingo quando o tio Weldon me perguntou:

– Quando vamos visitar de novo o Caudas Felizes?

Olhei para ele e respondi:

– Bom...

– Você não acha que está na hora de fazermos outra visita? Deve haver novos cães para adotar por lá.

– Não sei.

– Ah, vamos! – O tio Weldon deu um sorriso. – Só mais uma olhadinha? Uma espiadinha? Não seria legal se um cachorro ficasse sentado aqui entre a gente?

– Um cachorro no balanço? – Agora quem sorriu fui eu. – Talvez a gente

possa ir no próximo fim de semana.

O tio Weldon estendeu a mão para mim e eu a apertei.

Tínhamos um trato.

– Pensei num homônimo novo ontem à noite – falei. – Um bom: “jure” e “júri”.

– Esse é bom mesmo – concordou meu tio. – Tem espaço para ele na sua lista?

– Sim. Você sabe quem mais tem uma lista de homônimos agora?

– Não. Quem?

– Parvani. Vou ligar pra ela pra contar de “jure” e “júri”.

O tio Weldon parou o balanço. Fizemos o gesto do coração.

Olhei para o campo de novo e depois olhei para o céu, que era uma vastidão azul-clara. Lembrei do festival de música e das notas da harpa que foram subindo. Pensei nos homônimos “harpa” e “arpa”. Formam uma dupla interessante, porque “harpa” é uma palavra muito legal, especialmente quando você imagina os sons que ela faz zumbindo no ar da noite, mas “arpa” é uma palavra que significa uma arma, então não tem como ser uma palavra legal. Essa é uma das muitas coisas das quais eu gosto nos homônimos. A maioria parece não ter relação, alguns parecem ser opostos, como “harpa” e “arpa”, mas outros têm entre si uma relação linda se você estiver disposto a pensar neles sob outra perspectiva.

Fiquei de pé, depois fechei os olhos (óleos) com força por (pôr) um momento e fiquei me lembrando daquela noite em que fui ao concerto (conserto) com o tio (til) Weldon, quando os sons da harpa (arpa) subiram pelo ar e as notas, o céu e os nossos corações viraram uma coisa só (sol).

Nota da autora

A história de Rosa e Poça começou em 2011, depois que o furacão Irene assolou a Costa Leste dos Estados Unidos e se dirigiu inesperadamente para o continente. Depois da tempestade, passei a caminhar todos os dias pela minha rua, no interior do estado de Nova York. Ia observando as árvores caídas sendo retiradas dos quintais, os quintais sendo refeitos, as pontes sendo levantadas e os muros de pedra sendo reconstruídos. Minha cachorra Sadie ia comigo, então pensei nos animais de estimação que se perderam dos donos durante a tempestade. Comecei a imaginar uma história sobre um cachorro perdido.

Ao mesmo tempo, Rosa começou a ficar cada vez mais presente. Era uma menina com transtorno do espectro autista: uma menina articulada e inteligente, cujo centro de seu mundo problemático e, por vezes, desagradável, era sua cachorra Poça. Lentamente, os elementos da história – ou seja, a Rosa, a Poça e a tempestade – foram se juntando.

Escrever pode ser uma atividade solitária, mas a maioria das histórias são um esforço coletivo. Agradeço muito aos meus editores, Liz Szabla e Jean Feiwei, por seus toques, sua paciência e sua confiança, além de me encorajarem a ir mais fundo. Obrigada também à minha amiga Jamey Wolff, cofundadora do Programa Diretor do Centro de Serviços para o Espectro do vale do rio Hudson, em Nova York, Estados Unidos, que atende a estudantes com transtorno do espectro autista. Jamey gentilmente permitiu que eu passasse uma manhã numa escola na cidade de Kingston, conversando com os alunos, observando a interação deles com os professores e fazendo um milhão de perguntas para ela. Quando terminei a versão inicial desta história, Jamey foi a primeira a ler. Sua ajuda foi inestimável.

Finalmente, obrigada à minha querida Sadie, que me apresentou o mundo dos cães e cujo comportamento observei todos os dias em seus 15 anos. Ela estava ao meu lado enquanto eu escrevia esta história.

Nota da edição brasileira

Existem obras que já nascem marcantes na literatura. Isso inclui a infantil e a juvenil. *Como procurar um cachorro perdido* certamente é uma delas. Seja no mote, seja na escolha do foco narrativo, seja em sua estrutura formal, Ann M. Martin criou uma obra coesa e, mesmo com toda delicadeza que lhe é singular, de uma força inestimável.

Procurar um cachorro perdido parece algo muito comum, quase banal, e talvez por isso mesmo esse mote chame tanto a atenção do leitor. Afinal, quem nunca ouviu histórias de bichinhos de estimação que se perdem por aí? E, mesmo tendo ouvido inúmeras dessas histórias, sempre ficamos hipnotizados por elas. Agora, quando a história é narrada por uma menina que não é como as outras crianças, tudo fica ainda mais intrigante. Dessa forma, mergulhamos no modo como Rosa – uma menina curiosa, inteligente e autista –, enxerga o mundo.

Quando está muito angustiada ou muito feliz, Rosa deixa isso muito claro em sua voz. Ela às vezes tem alguma crise ou repete números primos que sabe de cor ou começa a listar homônimos. Neste ponto, considerando que esta obra é originalmente na língua inglesa – muito mais rica em homônimos homófonos –, foi necessário um trabalho apurado da tradutora para encontrar equivalentes na língua portuguesa. Nem sempre isso foi possível, é claro, dada a complexidade de tal adaptação.

Assim, não só se diminuiu a quantidade de homônimos apresentada em relação ao original, mas também, em algumas passagens, foi necessário criar algumas novas relações textuais para que a presença dos homônimos fizesse sentido. Ao mesmo tempo, priorizou-se o conteúdo original da obra, de forma que as situações e os sentimentos vividos por Rosa em sua jornada permanecessem vivos na narrativa.

A coerência com o original – inclusive em sua complexidade formal – é não só um padrão de qualidade mínimo de nossa equipe editorial, mas sobretudo, no caso de *Como procurar um cachorro perdido*, uma condição estabelecida pela autora para que publicássemos esta obra no Brasil.

Assim como a personagem Rosa criada por Ann M. Martin é única e complexa, esta edição também não poderia deixar de ser singular – um resultado minucioso, profundo e sensível foi nossa prioridade. Desejamos, portanto, que sua experiência de leitura tenha sido tão rica quanto foi para

nossa tradutora e toda nossa equipe editorial. E, mais ainda: tão extraordinária quanto tem sido para os leitores desta história ao redor do mundo.

OS EDITORES

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jun. 2016

FONTES Gazette LT Std 10 / 16pt, Tapioca ITC 13 / 16pt

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 3

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

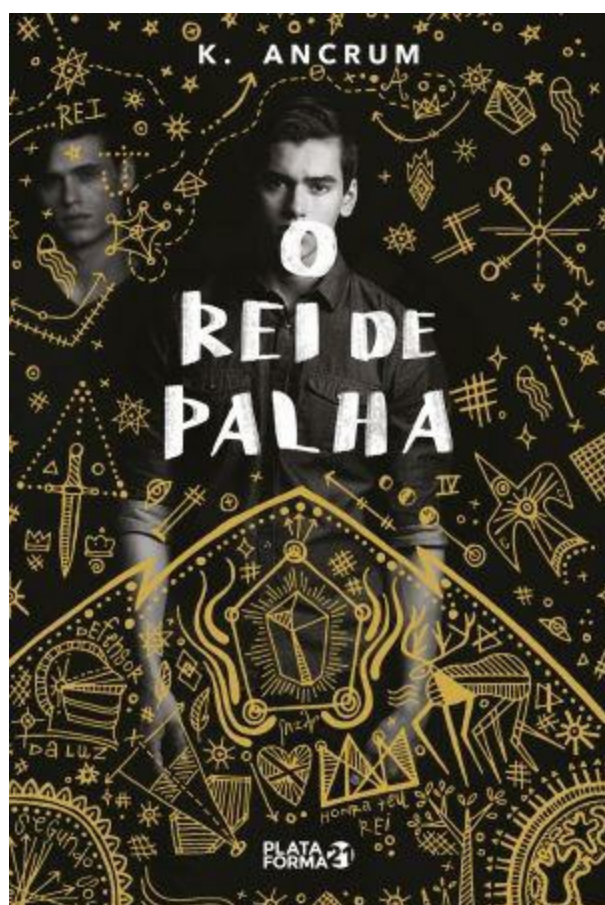
426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino

para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

Compre agora e leia



O Rei de Palha

Ancrum, Kayla

9788592783624

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

eBook em novo formato, revisto e revisado. August é considerado um desajustado piromaníaco, enquanto Jack é a estrela do time de rúgbi do colégio. A amizade dos dois nasceu ainda na infância, e a forla dela é algo que eles mantêm em segredo. Ninguém sabe, mas Jack e August contam com o apoio um do outro para sobreviver – o apoio que suas famílias não oferecem. Quando Jack passa a ter alucinações cada vez mais vívidas, August decide ajudá-lo da única forma que sabe: saltando com Jack em seu reino fantástico que beira o mundo real. Então, Jack guia August por uma jornada sombria, acreditando que assim suas alucinações terão fim. Enquanto lutam pela própria sanidade, eles seguem em queda livre por um mundo surreal. Mas, ao final, cada um deverá escolher a própria verdade. Com capítulos intercalados por documentos, recortes, bilhetes, fotografias e outras

memórias, O Rei de Palha é uma ficção contemporânea carregada de tensão, loucura e amor.

[Compre agora e leia](#)



Garota oculta

Hall, Shyima

9788576838142

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor" Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptadores de Shyima referiam-se a ela como "garota estúpida" e a forçavam a fazer de tudo como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptadores mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas

formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)



Garota imperfeita

Howell, Simone

9788576838777

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Skylark não é mais uma menina, mas os outros personagens dessa história não estão prestando atenção nesse fato. Gully, o irmão mais novo de Sky, tem dez anos e está obcecado por investigar uma tentativa de assalto; sua mãe foi embora para o Japão numa busca insana pela vida artística; seu pai, Bill, parece satisfeito em beber enquanto permanece imerso na loja de vinhos e no passado; do alto do terraço, Nancy, a amiga mais velha e experiente, fuma um cigarro e diz que Sky deve se divertir mais; uma garota é encontrada morta e há cartazes com seu rosto estampado por todo o bairro; há uma estranha ligação entre a garota dos cartazes e Luke, o novo funcionário de seu pai. Nessa história, cada acontecimento tem sua própria melodia. E essa é a história de como Sky encontra seu lugar no mundo. Um lugar em que não existem garotas perfeitas. É também a história de uma garota louca e de uma garota

fantasma; de um garoto que não sabia de nada e de um garoto que achava que sabia de tudo. E é sobre vida, morte, luto e romance. Só coisa boa. Destaques do livro "Divertida e dona de um olhar mordaz sobre as imperfeições do mundo (e sobre ela mesma), Sky é autêntica." – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3



S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca

poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. "Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?" Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)